

# Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997

MIGUEL LAGO, CIDÁLIA DUARTE,  
ANTÓNIO VALERA, JOÃO ALBERGARIA,  
FRANCISCO ALMEIDA  
e ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO

## R E S U M O

Em finais de 1996, deu-se uma das grandes descobertas arqueológicas dos últimos anos da arqueologia peninsular. O conjunto monumental dos Perdigões inclui um povoado, uma necrópole e um recinto megalítico. Apesar da nitidez dos contornos do Povoado, que nos é dado pelas manchas de terras mais escuras relacionadas com as suas diversas linhas de fossos, muralhas ou paliçadas, este sítio é muito mais complexo do que inicialmente é sugerido pela imagem aérea do conjunto, que ocupa mais de 16 ha.

O programa arqueológico implementado foi desenvolvido na sequência de trabalhos agrícolas, realizados numa propriedade da FINAGRA, S.A, que revolveiram e afectaram os contextos arqueológicos. Após a realização de concurso, a Era-Arqueologia, Lda. concretizou as diferentes fases previstas, no que se espera ser o arranque de um vasto programa de investigação e de valorização deste importante conjunto monumental.

A primeira fase implicava a realização de prospecções sistemáticas e o levantamento de dados de superfície; a segunda destinou-se à escavação de contextos arqueológicos em cinco áreas específicas; a terceira produziu um relatório final de que o presente trabalho é um resumo alargado.

Os dados preliminares apontam para um povoado que cronologicamente se terá desenvolvido a partir da segunda metade do IV e durante III milénio.

O trabalho agora apresentado, inclui a descrição e interpretação dos principais contextos arqueológicos identificados, a análise de diversos aspectos da cultura material e de restos humanos provenientes de um monumento funerário tipo *tholos* e ainda algumas leituras prévias de enquadramento deste sítio nos processos de transformação ocorridos durante o IV e III milénios a.C. na região de Reguengos de Monsaraz e na Península Ibérica em geral.

**A B S T R A C T** Towards the end of 1996 a major archaeological discovery was made in the Alentejo area. Perdigões, an impressive group of monuments, includes a settlement, a necropolis and a cromlech. In spite of the clarity of the outlines of the settlement, which is obvious from the darker areas of soil indicating the various ditches and walls or palissades, this site, which covers more than 16 ha, is much more complex than originally suggested by the aerial photographs.

The archaeological investigation was carried out following agricultural work on lands belonging to FINAGRA, S.A., work which disturbed the archaeological context. Era-Arqueologia, Ltd. was responsible for carrying out the preliminary investigation and it is hoped that this will be the beginning of a wider program of investigation which will enhance the true importance of this major group of monuments.

The first phase involved systematic field survey and the recording of surface data. The aim of the second phase was the excavation of the archaeological context in five specific areas, and the third led to a final report which is broadly summarised in this article.

Preliminary data indicate a settlement which existed between the second half of the 4th and the 3rd millenium BC.

This paper includes a description and interpretation of the main archaeological contexts identified and an analysis of different aspects of material culture and human remains from a *tholos* type tomb. We also offer a preliminary analysis of the role played by this site in the processes of transformation which occurred throughout this time period in the Reguengos de Monsaraz area and in the Iberian Peninsula in general.

## Nota prévia MIGUEL LAGO<sup>1</sup>

O povoado dos Perdigões foi identificado em 1983 por Francisco Serpa, colaborador de Mário Varela Gomes, na sequência de trabalhos realizados no recinto megalítico situado a Nascente e constituído por diversos menires (Gomes, 1994). Foi aquele arqueólogo que dirigiu uma campanha de escavações arqueológicas no sítio, cujos resultados não foram ainda sistematicamente publicados.

Após o abate de um olival que se implantava sobre grande parte da sua área total, a FINAGRA S.A. iniciou os trabalhos conducentes à plantação de uma vinha. Foi a concretização de uma ripagem e de uma surriba que revelou que um enorme povoado pré-histórico tinha existido em parte do que hoje é a Herdade dos Perdigões<sup>2</sup>.

A primeira imagem de conjunto do povoado foi obtida durante um vôo realizado pelo IPPAR, com vista à obtenção de fotografias aéreas. As imagens então realizadas revelaram os limites do povoado e evidenciaram, com espantosa nitidez, a amplitude das manchas

percepcionadas ao nível do solo, tal como a sua coerente estruturação. A forma e a aparente interligação de determinadas manchas de terra apontaram, desde logo, para a provável existência de um conjunto de estruturas de diferentes tipologias: fossos escavados, lombas, muralhas ou paliçadas. Estes elementos seriam fundamentais na organização espacial do povoado. A partir destes dados preliminares, não restaram dúvidas sobre a extensão do sítio e a sua extraordinária importância, embora se temesse o pior relativamente ao estado de conservação geral dos contextos.

A dimensão do sítio e a importância excepcional dos achados, obrigaram a uma paragem dos trabalhos agrícolas e à programação de um conjunto de acções de carácter arqueológico que permitissem a obtenção de informação sobre o sítio e a correcta adopção de medidas de salvaguarda, conservação e investigação científica, sem esquecer que os terrenos em questão se encontravam englobados num projecto agrícola em que a FINAGRA, S.A. investira. Foi precisamente a urgência desta entidade em definir qual o impacto dos achados no seu projecto que veio a acelerar a realização desses trabalhos, entregues ao responsável científico do projecto, após a abertura de um concurso por convites lançado por aquela empresa, sob orientação tecnico-científica da Direcção Regional de Évora do IPPAR. Posteriormente, foi acordada com a FINAGRA a transferência do acordo, entretanto celebrado em contrato, para a empresa Era – Arqueologia, Lda. Desta forma, os trabalhos realizados na segunda e terceira fase são da inteira responsabilidade daquela empresa, embora a responsabilidade científica tenha sido mantida.

As condições em que a equipa dos Perdígões trabalhou podem ser consideradas exemplares, em função do panorama arqueológico português. Neste texto não podemos deixar de louvar a atitude da FINAGRA, S.A.; sem nunca ser exercida, sobre a equipa de arqueólogos, a mais pequena pressão, procurou-se sempre contribuir, de forma eficaz e expedita, para que todos os trabalhos se desenvolvessem da melhor forma, sendo mesmo excedido aquilo que, por contrato, competia à empresa.

É essencial referir todos aqueles que integraram a alargada equipa que trabalhou ou colaborou nas diferentes fases deste projecto dos Perdígões<sup>3</sup>: aos arqueólogos e técnicos profissionais que, dessa forma, mostraram acreditar nas suas próprias potencialidades e no projecto, sem medo dos riscos conscientemente assumidos; aos elementos contratados na *Caridade*, a quem a equipa deve muito dos resultados atingidos, já que, sem o seu esforço e constante empenhamento, muito mais teria ficado por fazer; às alunas universitárias da Faculdade de Letras do Porto que mais ou menos tempo deram ao projecto abdicando de outras oportunidades imediatas ou futuras; a todos não podemos deixar de agradecer a sua disponibilidade.

## A natureza do território MIGUEL LAGO

### Localização

O Povoado dos Perdigões localiza-se no concelho de Reguengos de Monsaraz, implantando-se, aproximadamente, a 2 km a Nordeste da sede de concelho. A área específica do povoado abrange aproximadamente 16 ha; mais de metade do total integra terrenos da Herdade dos Perdigões, estando a restante área dividida em várias parcelas correspondentes a diferentes proprietários.

As coordenadas nacionais de um ponto central ao povoado são as seguintes:

M – 51120 / P – 136150 / Z – 240 m

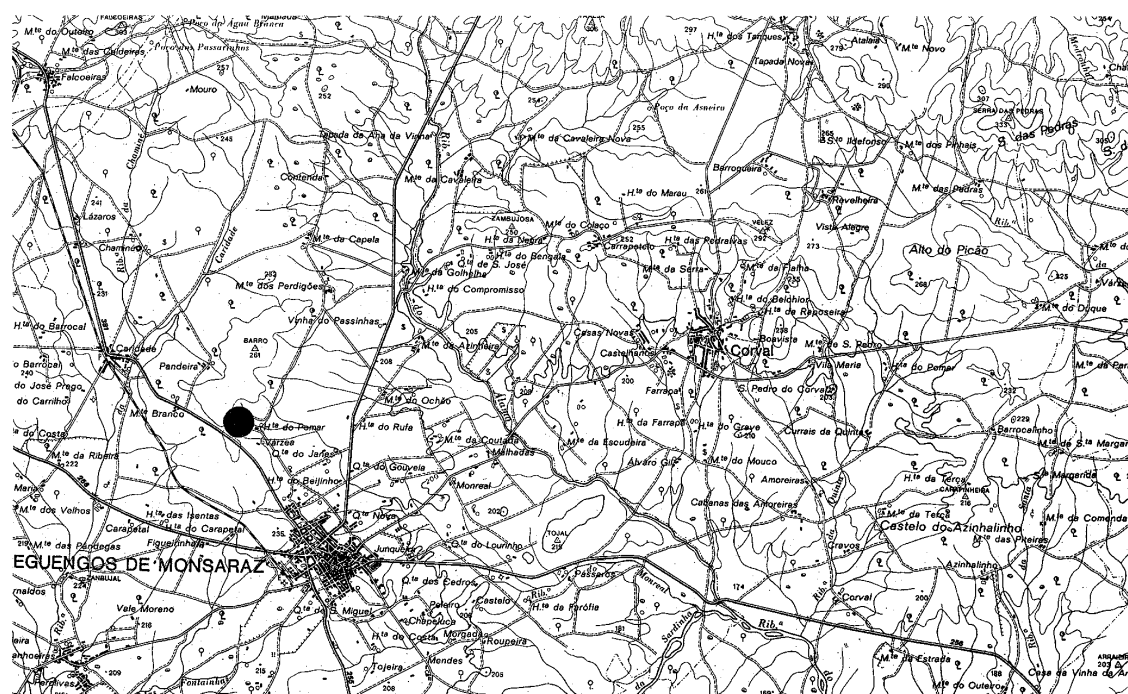


Fig. 1 Localização do povoado na carta 1:50 000 (I.G.C.)

### Descrição do sítio e implantação espacial<sup>4</sup>

O povoado, situado num vasto segmento de encostas de uma área planáltica orientada NE/SO, ocupa um conjunto de ligeiras vertentes, abertas para uma vasta paisagem a nascente e viradas a um centro comum, situado numa plataforma alongada, também ela elemento integrante das vertentes. A implantação espacial evoca a imagem de um teatro grego, já que o povoado se dispõe em encosta, desde a base, em contacto com o vale, até um ponto muito próximo do topo aplanado, embora os seus limites não atinjam as cotas mais elevadas.

Em termos de cotas absolutas, dispõe-se entre os 226 m e os 252 m, ou seja, apresentando um desnível de aproximadamente 25 m entre os seus pontos mais baixo e elevado. Apesar da implantação num relevo topograficamente relevante, não apresenta, em termos visuais, um destaque equivalente, diluindo-se mesmo no restante enquadramento paisagístico.

Dada a implantação específica resguardada por vertentes, do seu exterior, é apenas visível desde longe, entre os quadrantes NE e SE; dos lados restantes, é observável unicamente a partir do topo, envolvente e planáltico, do relevo em que se implanta.

A visibilidade actual a partir do povoado é variável conforme o ponto de observação, embora um aspecto seja comum: o âmbito de observação restringe-se aos limites do próprio povoado, excepto entre o quadrante NE/SE, em que se abre naturalmente para o vale. Tendo por base este aspecto, a visibilidade varia com a orientação específica da vertente e com a cota do ponto de observação; no topo, visualiza-se todo o vale de Reguengos, até Monsaraz e mesmo Mourão, limitando-se a paisagem a Nordeste pelas terras mais altas; nas zonas baixas do povoado, a visibilidade é, evidentemente, restringida pela natureza do ponto de vista. Quanto à panorâmica que, internamente, se obtém do próprio povoado, a sua área é totalmente visível de todos os pontos de observação.

O relevo em que se implanta o sítio apresenta características muito próprias e quase exclusivas, no âmbito da região envolvente de Reguengos de Monsaraz. De facto, em plena zona de peneplanície marcada por granitóides, destaca-se topograficamente este afloramento diorítico que não passou despercebido à comunidade pré-histórica que aqui se instalou. A natureza deste tipo de rocha, muito branda porque extremamente alterada, era ideal para a instalação de um povoado com as características deste, incluindo grandes estruturas escavadas na rocha. Se estamos perante o melhor cenário “subterrâneo” possível para que com pouco esforço tais empreendimentos fossem realizados, parece-nos evidente que a adopção deste espaço para a sua concretização pressupôs um conhecimento objectivo e prévio da realidade geológica.

O povoado surge-nos em clara associação a uma zona de excepção, pela existência de recursos hídricos subterrâneos já que, na base das vertentes em que se integra, são várias as nascentes existentes. Toda a zona dos Perdígões é conhecida em Reguengos pela sua abundância de águas, tendo aliás sido abertas, ao que nos disseram há aproximadamente vinte anos, duas grandes minas/reservatórios de água, ainda em funcionamento em associação com sistemas de regadio. A Ribeira do Álamo situa-se a cerca de 1000 m.

A quantidade de água e a natureza dos solos barrentos e pesados condicionam positivamente o seu potencial em termos de exploração agrícola que se inserem na área envolvente ao povoado, em termos de critérios de capacidade de uso contemporânea, nas classes de boa e suficiente qualidade. A transposição de leituras deste tipo, para épocas tão recuadas como as do III milénio, levanta problemas; com efeito os solos são realidades extremamente sensíveis que ao longo do tempo sofrem transformações muito significativas, em função de elementos como o clima e a acção humana, tal como a capacidade de intervenção do homem varia ao longo da história, conforme a tecnologia disponível. De qualquer forma e sem grande margem de erro, podemos assumir que, face aos recursos hídricos presentes, a área seria, já naquela época, das mais férteis do Vale.

### **A paisagem global**

O Vale torna-se quase num “oásis”. A Norte e a Sul, as terras de xisto, enrugadas, sinuosas, erodidas e de solos pobres limitam outras estreitamente ligadas ao Maciço Eruptivo de Reguengos. Aqui imperam os granitóides e uma paisagem menos dissecada, mais plana e aberta, na qual impera a Ribeira do Álamo, afluente do Guadiana, que se constitui com as suas linhas de água subsidiárias, como eixo fundamental, estruturante da paisagem para as populações das terras baixas e suas envoltentes.

Coincidindo, *grosso modo*, com os granitóides e com as áreas mais aplanadas do Vale, em que a disponibilidade de águas é maior, lá estão as terras mais férteis. Solos, por vezes pesados, barrentos, que as chuvadas rapidamente transformam em lamaçais. Nessas alturas, a circulação e o trabalho da terra complicam-se e os campos podem permanecer empapados nas zonas mais baixas.

Aqui e ali dominam alguns relevos mais acentuados dos quais, sem dúvida, se destaca aquele em que se implanta o Povoado, precisamente no enfiamento do Vale, no seu sector Oeste.

É precisamente nestes campos, que quando abordados a partir das terras de xisto, sugerem a chegada um oásis, que hoje se implantam algumas das maiores vinhas europeias; no mesmo espaço e em paisagem que desconhecemos com rigor, mas talvez igualmente contrastada, entre o V e o II milénio, floresceram populações agro-pastoris bem enquadradas com o seu território específico e que enterraram os seus mortos em antas e monumentos mais evoluídos e ligeiros genericamente designados por *tholos*.

A ausência de estudos de paleoambiente, enquadrados no âmbito de uma arqueologia da paisagem preocupada com o processo de ocupação dos territórios e com a interacção entre o homem e os cenários por si ocupados, prejudica a nossa leitura desta região. Esse investimento futuro é fundamental e estratégico, podendo os Perdigões vir a contribuir decididamente nesse sentido, dadas as excelentes condições de preservação de elementos como carvões, restos osteológico ou malacológicos.

## Primeira fase dos trabalhos MIGUEL LAGO

A primeira fase consistia, essencialmente, na realização de diversos trabalhos de prospecção de campo e de levantamento da informação arqueológica disponível à superfície da área do povoado. Pretendia-se, desta forma, proceder a um registo tão exaustivo quanto possível dos contextos arqueológicos, por forma a salvaguardar dados de natureza científica, a poder definir o grau de afectação a que fora sujeito o sítio e, por fim, a poder delimitar, criteriosamente, áreas a escavar ou investigar futuramente.

Assim, foram considerados os seguintes objectivos específicos:

- piquetagem do terreno, por forma a nele inserir um quadriculado de 20 m x 20 m, ligado à rede geodésica, que funcionaria como base para o registo a realizar durante as prospecções;

- recolha criteriosa dos artefactos e ecofactos localizados à superfície, inseridos na malha de registo definida e/ou em manchas de terra ou de densidade de material, anotadas superficialmente;

- desenho, com recurso a um aparelho tipo estação total, de manchas relacionáveis com estruturas destruídas ou enterradas e tornadas visíveis pela acção das máquinas que realizaram a surriba. Da mesma forma, anotação de manchas de concentração de materiais, particularmente evidentes à superfície do terreno;

- realização de um levantamento topográfico;

- descrição dos diferentes contextos arqueológicos considerados em prospecção;

- coordenação de pontos reconhecidos na fotografia aérea, para futura restituição da mesma;

- localização dos menires do recinto megalítico dos Perdigões.

Nos Perdigões, a caótica imagem hoje visível à superfície é de formação recente, resultando dos trabalhos de corte, arranque e queimada de um olival que ali se implantava, a que se seguiu uma ripagem e uma surriba que atingiram profundidades até 1 m. De uma forma súbita, os contextos arqueológicos, que há muito se mantinham estabilizados, foram violentamente revolvidos e arrastados para níveis superficiais. Dessa forma, novas realidades arqueológicas surgiram. Foram essas, então criadas e tornadas perceptíveis, que nesta fase tivemos que trabalhar e registar.

Os pressupostos de trabalho expressos no caderno de encargos apontavam, quanto a nós bem, para que a leitura a realizar considerasse não só os artefactos e outros vestígios de acção humana, mas também a própria natureza física dos contextos arqueológicos perceptíveis à superfície e a hipotética associação entre ambos.

No caso dos Perdigões dispúnhamos de um elevado grau de informações adicionais sobretudo resultantes de fotografias aéreas realizadas em diferentes épocas do ano, o que permitiu, desde logo, conhecer os limites físicos do povoado e de alguns dos seus mais importantes elementos estruturantes<sup>5</sup>.

Considerava-se que a recolha criteriosa de artefactos e de ecofactos, acompanhada da anotação de diferentes manchas relacionadas com estruturas enterradas ou destruídas, poderia fornecer importantes dados sobre os contextos arqueológicos existentes. No entanto, muitas das terras de características específicas, que constituíam diversos contextos arqueológicos enterrados, foram puxadas para a superfície, misturando-se com outras que lhes estavam próximas ou com rocha triturada pelas máquinas. Os revolvimentos, as misturas e o elevado grau de afectação a que o solo e o subsolo foram sujeitos, tornaram muito complicada, ou quase impossível, a leitura de outras manchas para além das que definem as grandes linhas estruturantes do povoado. Estas, aparentemente relativas a depósitos de topo do enchimento de fossos escavados na rocha, constituíam, e constituem, grandes conjuntos estratigráficos; a sua dimensão original contribuiu para que fossem preservadas muitas das suas características, mesmo após as terras terem sido puxadas para a superfície. Apenas esse facto terá impedido que se diluíssem pela dispersão e mistura com outros depósitos adjacentes, consolidando a céu aberto uma imagem coerente e legível.

As outras estruturas mais frágeis e os contextos que hipoteticamente se preservaram sobre a rocha, antes das profundas lavras se realizarem, devem ter sido quase integralmente pulverizados, passando a integrar uma grande amálgama de terras e rocha triturada. Por isso, a paisagem no sítio é hoje multicolor, lembrando uma grande paleta cromática.

A metodologia aplicada nas recolhas de superfície foi pensada tendo em conta procedimentos que nos permitissem leituras de associação entre hipotéticas estruturas e artefactos e obtenção de áreas de maior intensidade, provável de ocupação e/ou utilização. A realização de mapas de densidades de recolhas, relativas a contagens e/ou pesos, torna-se, nesta perspectiva, num instrumento útil, tendo sido realizados diferentes trabalhos desse tipo. Convém referir que a imagem que hoje temos das densidades de material no seio da área ocupada pelo povoado foi distorcida por recolhas indiscriminadas que não atenderam a qualquer tipo de registo. Gostaríamos de agradecer a entrega de materiais recolhidos por algumas pessoas, sendo de lamentar o facto de outras equipas, que ali procederam a recolhas já após a abertura do concurso para adjudicação dos trabalhos, não terem procedido da mesma forma, contribuindo para irremediáveis perdas de informação. As distorções são particularmente sensíveis na área do recinto central, próximo da entrada para a propriedade. Aí, por exemplo, a quantidade total de fragmentos de recipientes cerâmicos encontrada excedia,

largamente, aquela que seria previsível face ao número de fragmentos com bordo existentes no mesmo local<sup>6</sup>.

O registo do espólio recolhido à superfície foi também repensado e ajustado à realidade detectada, sendo enquadrado no sistema implantado no terreno, de quadrados de 20 x 20 m.

Dada a enorme abundância de materiais arqueológicos existentes à superfície do povoado, definimos os seguintes critérios para a recolha específica do material:

- recolha de todos os bordos de recipientes cerâmicos;
- recolha de todos os outros vestígios de artefactos cerâmicos de funcionalidades mais específicas (ex. queijeiras, colheres, pesos de tear, etc.) ou que apresentassem qualquer forma de decoração;
- recolha ou coordenação de todos os artefactos líticos e de vestígios da sua produção. É de destacar que os elementos de mó foram devidamente coordenados, sendo a sua recolha, até ao momento, limitada aos de pequena e média dimensão;
- localização de artefactos particularmente excepcionais em termos de informação e cuja localização pudesse fornecer pistas relativamente a determinadas áreas específicas do povoado (ex: artefactos relacionados com metalurgia ou com o sagrado);
- recolha de fauna malacológica.

Foi assim posta de lado a recolha exaustiva de todos os vestígios de artefactos. O conjunto recolhido é o que inequivocamente fornecerá informação útil, servindo ainda de amostragem, relativamente ao todo efectivamente existente. A recolha integral equivaleria a um acréscimo quase nulo de informação funcional, ao mesmo tempo que daria lugar a um aumento extraordinário da quantidade de material, com implicações evidentes ao nível da sua organização, arrumação e conservação.

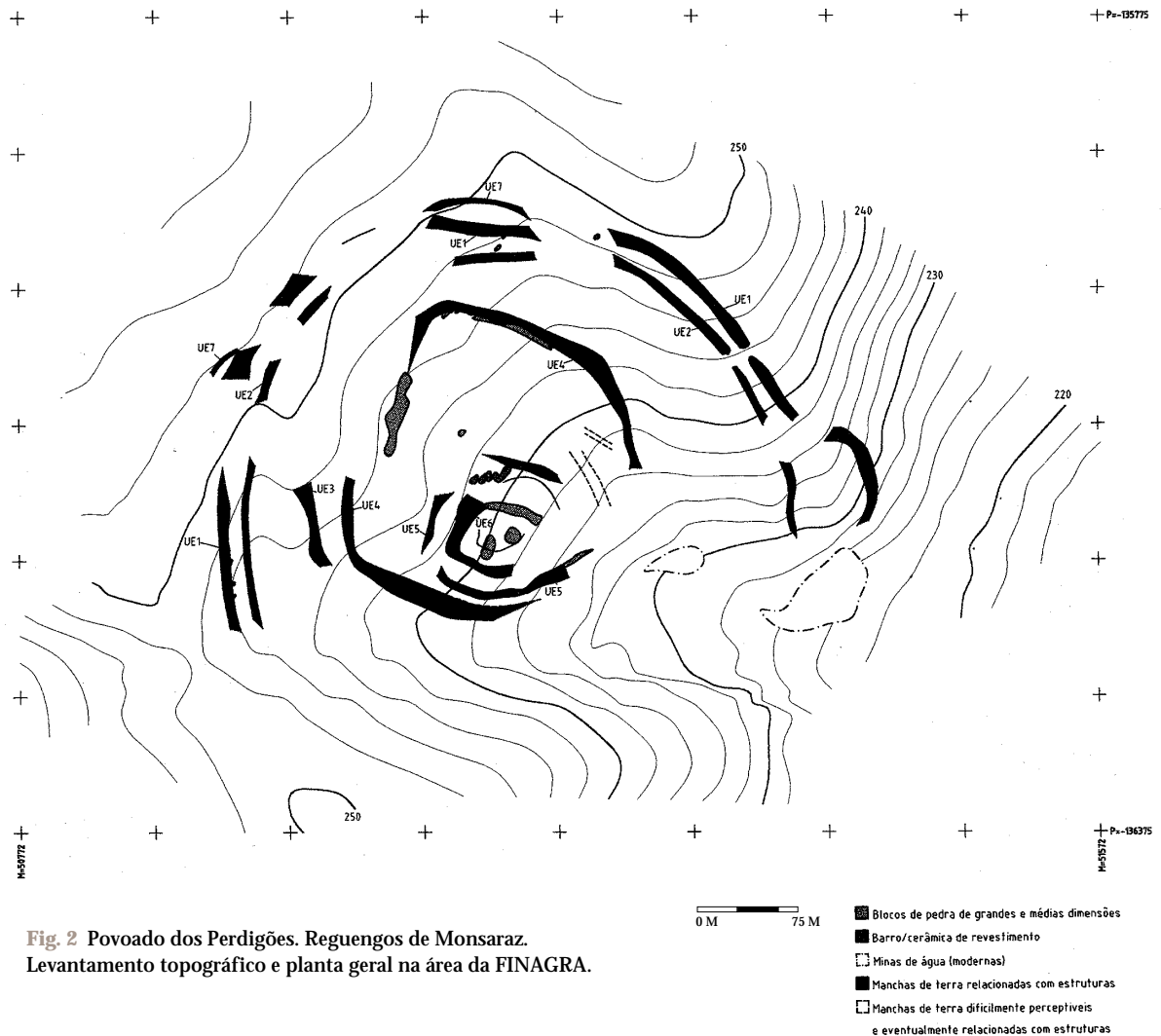
A recolha sistemática de amostras de carvão e de restos osteológicos foi logicamente dispensada já que a descontextualização desses elementos tornava impossível a obtenção de leituras fiáveis.

Um dos mais impressionantes resultados obtidos com os trabalhos da 1.<sup>a</sup> fase foi o que respeita ao material arqueológico recolhido. A quantidade, aliada à sua qualidade e variedade, excedeu todas as expectativas; a vantagem da realização de um rigoroso trabalho de prospecções e de registos foi confirmada pela informação que foi possível obter através da sua dispersão. Estes dados, para além de permitirem consolidar uma imagem genérica do sítio, serão um instrumento de trabalho futuro. Com limitações e cautelas de leitura, é possível estabelecer a sua funcionalidade, através da conjugação da imagem virtual das estruturas e da densidade e dispersão de materiais detectada; este facto tornou-se evidente durante a fase de escavação, pela possibilidade que houve de seleccionar criteriosamente áreas a intervir e de, posteriormente, proceder à contextualização superficial dos dados de escavação.

Apesar do grau de informação disponível ser elevado, não pode ser considerado esgotado o trabalho de superfície. O trabalho de prospecções, apesar de minucioso, deixou certamente vazios, e o acamar das terras revolvidas ou a erosão natural criaram já pequenas alterações ao nível do solo, embora não nos pareça necessário encarar a possibilidade de novas “batidas”.

Um acréscimo significativo de dados poderia ter sido conseguido através de prospecções realizadas com recurso a técnicas geofísicas. Os elevados custos de tal acção dificultariam a sua aplicação à totalidade da área do povoado podendo, no entanto, ser eficazmente substituída por prospecções selectivas do mesmo tipo.





**Fig. 2** Povoado dos Perdigões. Reguengos de Monsaraz.  
Levantamento topográfico e planta geral na área da FINAGRA.

## Segunda fase: os dados da escavação MIGUEL LAGO

### Objectivos

A campanha de escavações de 1997 não poderá nunca ser desenquadrada da realidade que a ela conduziu. Não resultando directamente de um processo coerente de investigação, mas tornada necessária em função de uma situação de emergência, todos os trabalhos realizados, e muito particularmente os de escavação, tinham dois objectivos genéricos:

- avaliar até que ponto os contextos arqueológicos existentes foram afectados;
- procurar contribuir para a definição das reais potencialidades científicas e patrimoniais ainda preservadas.

Face aos grandes objectivos acima referidos para a intervenção ao nível de escavação, foram delineados outros, mais específicos:

- realizar cinco sondagens em áreas muito concretas mas, previsivelmente, de natureza distinta;
- aferir da afectação objectiva das áreas a sondar e estimar para a restante superfície do povoado a potência de terras existente entre a superfície e a rocha;

- aférir da existência de áreas específicas no povoado, nomeadamente, a existência de fossos, de áreas de habitat e de necrópole;
- procurar detectar contextos preservados e, dessa forma, recolher dados relativos a cronologia, estruturação, evolução espacial e enquadramento económico, social e cultural;
- completar o levantamento topográfico através da inclusão da área total ocupada pelo povoado e da sua envolvência, aspecto não incluído no caderno de encargos, mas que a Era-Arqueologia, Lda. considerou fundamental para a contextualização espacial do sítio;
- iniciar uma reflexão sobre a inserção regional do povoado e a sua relação com o processo evolutivo de domesticação dos territórios e dos conceitos mentais, no âmbito das transformações ocorridas entre o IV e III milénios;
- realizar trabalho de campo de carácter geológico e de análise da paisagem da região envolvente.

### Sector 1<sup>7</sup>

Foi marcado sobre um segmento da UE 4. Supostamente, tratava-se de um contexto relacionado com o revolvimento do topo de enchimento de um fosso delimitador de uma área cercada, que se implanta-se sobre a muito suave encosta sul da plataforma central do povoado. Considerava-se que, nesta zona, poderia ser detectada uma razoável potência de terras, podendo a acumulação de sedimentos ter protegido contextos e estruturas.

Os trabalhos neste sector, bastante complexo em termos de leitura estratigráfica, não atingiram a rocha, permanecendo por escavar parte dos seus contextos. Foi neste sector que mais se sentiu que a metodologia aplicada, de escavação por pequenas sondagens, constrangia a leitura espacial.

A potência de terra sobre a rocha chegava a ultrapassar 1,20 m, o que significa que os danos provocados pela ripagem e surriba apenas afectaram parte das realidades então existentes. Os contextos detectados confirmam a presença de estruturas escavadas na rocha, preenchidas por terras acumuladas, derrubes e ocupações temporárias sobre antigos fossos parcialmente cobertos.

Nesta fase dos trabalhos, podemos avançar com a seguinte leitura provisória, correspondente a sucessivos momentos:

1) Em determinado momento deverá ter sido escavado um fosso (UE 72), talvez de grande extensão e superficialmente representado pela presença de depósitos revolvidos e provenientes do topo do seu enchimento. Desta estrutura terá sido detectado um troço; dadas as dimensões da sondagem e a impossibilidade de atingir o seu fundo desconhecemos a tipologia, largura e profundidade.

2) De momentos contemporâneos da sua utilização, poderão restar alguns contextos ainda por escavar, depositados sobre o seu fundo. A UE 62 e a UE 71 são as realidades registadas mais antigas a ela associadas, correspondendo aparentemente a uma acumulação de sedimentos e restos de actividade humana que se desenrolaria nas imediações.

3) Após o abandono, ou parcial entulhamento do fosso, poderá ter sido realizada nova escavação na área, aparentemente um novo fosso ou vala (UE 73). Esta nova realidade entroncou na anterior (UE 72), rompendo-a e esvaziando-a de alguns dos depósitos que já a preenchiam parcialmente. Não é clara a leitura realizada a partir dos dados que são demasiado parcelares em extensão; a própria fisionomia desta segunda estrutura é estranha, em função de um nítido afunilamento existente para NO. Será necessária uma escavação em área para entender estes contextos.

4) Após o parcial enchimento daquelas duas realidades cruzadas, existiria uma larga cavidade visível que pode ter servido pontualmente como solo de ocupação. A comprová-lo estão contextos, aparentemente, não relacionados entre si: uma estrutura de que a UE 60 poderá ser um elemento e um contexto (UE 43), constituído por pequenas pedras, nitidamente dispostas de forma organizada, formando um empedrado. Apesar de se prolongar para Este, para além dos limites do sector, o que inviabiliza uma leitura mais fiável, poderá tratar-se de parte de uma estrutura e não um derrube.

5) O derrube representado pela UE 64 é de complicada leitura, podendo sugerir a existência de uma estrutura pétre a Este do fosso e já no seu exterior.

6) Mais tarde, uma realidade que se estende para NO (UE 75), também de dimensões desconhecidas demonstra um rompimento dos depósitos que, já por completo, ou quase, cobririam as estruturas escavadas. Tal espaço aberto foi preenchido por um depósito de enchimento (UE 15), que concentrava grande quantidade de material arqueológico, especialmente cerâmico, tipicamente Calcolítico (Fig. 3).

7) O último momento corresponde ao dos recentes remeximentos.

Relativamente ao Sector 1, são muitas as incertezas que restam após os trabalhos desta campanha. Desde logo convém destacar a estratigrafia que inequivocamente aponta para uma história complexa. O facto de se tratarem de contextos maioritariamente de enchimento, de

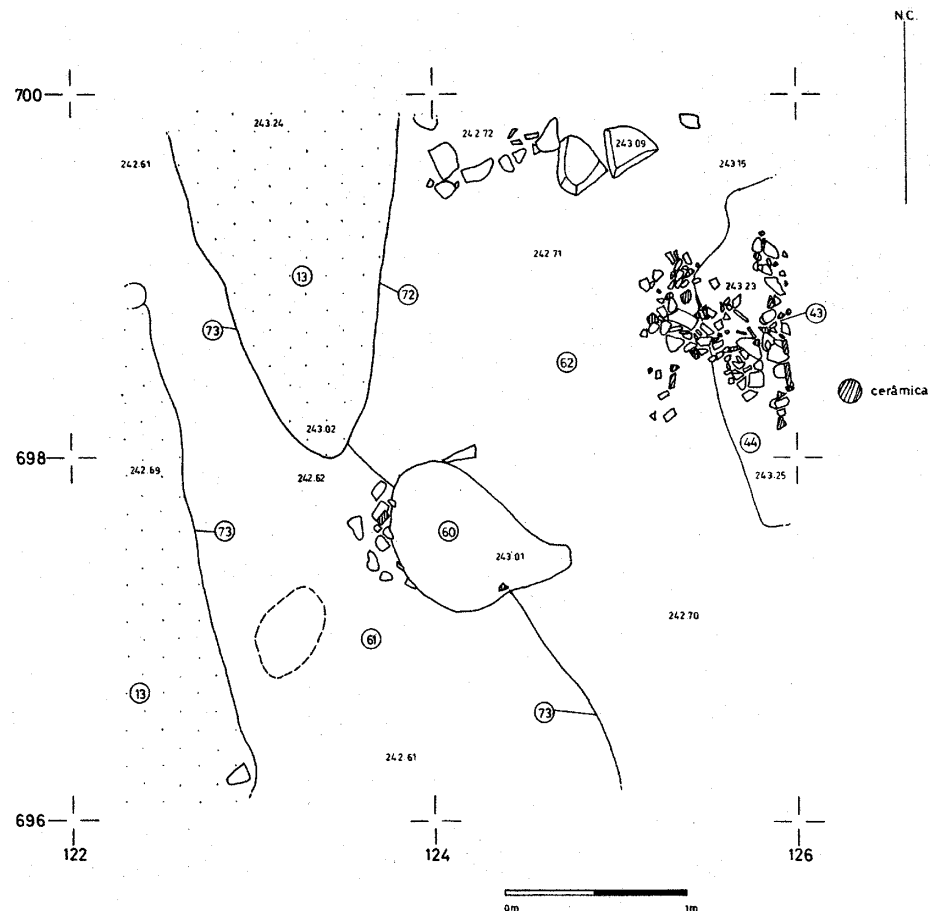


Fig. 3 Povoado dos Perdigões. Reguengos de Monsaraz. Sector 1 – Plano 17.

acumulação de sedimentos, de lixos, entulhos e derrubes limita a nossa capacidade de leitura dos contextos e materiais, incluindo amostras para análise ou datação, dada a dificuldade de estabelecer inter-relações inequívocas.

O espólio recolhido em grande quantidade é muito rico e variado, particularmente ao nível da cerâmica. A conclusão da escavação e o estudo de materiais são importantes para uma melhor compreensão desta área.

## **Sector 2**

Implantado no que designamos como plataforma secundária do povoado, situada a NO do recinto central. As prospecções demonstraram que a zona foi muito revolvida, atingindo a própria rocha. As condições do local seriam, em princípio, propícias à implantação de estruturas de habitat e/ou de armazenagem.

A escavação deste sector revelou que toda a estratigrafia de terras existente sobre a rocha foi fortemente remexida pelos trabalhos agrícolas. No entanto, também confirmou que, nesta área, aparentemente de fraca potência de terras, existia uma realidade com aproximadamente 1m de espessura.

Perante os dados estratigráficos recolhidos é evidente que muito foi afectado na plataforma em que se implanta esta sondagem; no entanto, a certeza de uma potência de terras bastante espessa leva-nos a pensar que muito ficou intacto, nomeadamente tudo aquilo que for relativo a estruturas escavadas na rocha e respectivos depósitos de enchimento. A quantidade impressionante de material arqueológico recolhido, nomeadamente cerâmico, e respectiva qualidade indicam que poderemos estar perante uma área essencial para a compreensão do povoado.

Em termos de espólio e com implicações na interpretação desta área, destaca-se a presença de grande quantidade de elementos relacionados com actividades metalúrgicas: minério de cobre, pingos de fundição, escória e cadinhos de fundição. Este facto, já anotado durante o trabalho de superfície, foi confirmado em escavação.

É importante vincar que poderão existir nas imediações desta sondagem importantes vestígios de estruturas habitacionais; delas temos a expectativa de identificar, totalmente preservados, os contextos abertos na rocha como, por exemplo, fossas, fundos de cabana ou buracos de poste.

## **Sector 3**

Área intervencionada com o objectivo de detectar uma eventual linha de fosso, superficialmente demarcada pela UE 6 e aparentemente delimitadora de um recinto central do povoado. Considerava-se, também como possível, a associação de uma estrutura pétreo ao eventual fosso, já que, superficialmente, tinham sido anotados inúmeros blocos de pedra.

Nesta sondagem, implantada na área limítrofe do recinto central, foram concluídos os trabalhos. A potência de terras detectada atingia aproximadamente 1,30 m, pelo que, apesar da afectação recente, permaneceram preservados diversos contextos; contudo, os limites físicos impostos previamente à área escavada dificultaram a compreensão dos dados, deixando em aberto inúmeras interrogações, relacionadas com o prolongamento dos contextos para além das áreas abertas; apesar disso, não podemos esquecer os dados de superfície, particularmente a imagem aérea, que nos fornecem algumas pistas.

Os dados de que dispomos tornam possível a seguinte leitura sequencial das ocupações deste espaço (Fig. 4):

1) O momento mais antigo detectado é representado, sobretudo, pela escavação de uma concavidade que criou um espaço que se prolonga para Este da sondagem. Esses trabalhos terão rompido solo e, certamente, rocha como é atestado pelo seu interface de rompimento (UE 58). Dessa forma, ficou delimitado um espaço cuja forma total desconhecemos, mas que tem um limite Oeste em semicírculo e uma profundidade média de 15 cm. Aparentemente, em associação detectou-se outra concavidade, mais pequena e menos homoganeamente estruturada (UE 59).

Ambos os espaços surgiram preenchidos pelo mesmo contexto (UE 52). Trata-se de um depósito de terras ali acumulado, integrando artefactos cerâmicos, líticos e principalmente, restos osteológicos. A sua formação pode ter ocorrido, *grosso modo*, a partir de um momento terminal de utilização, em que já não se procederia a presumíveis limpezas rotineiras.

Infelizmente, o conjunto cerâmico é pouco expressivo porque escasso, não permitindo uma séria comparação com outros que se lhe sobrepõem, como aliás veremos adiante em ponto específico.

Em contrapartida o conjunto de artefactos líticos surge associado a abundantes restos de produção, sendo possível presumir que uma área de talhe de pedra, particularmente de quartzo, existiu nesta área ou noutra muito perto.

A íntima relação entre estes conjuntos a uma grande quantidade de restos osteológicos faz-nos pensar que estaremos perante uma área aberta com fins que poderão ser múltiplos, sendo de momento impossível aferir qual o mais provável, mas que poderá, inclusive, ser habitacional. Também a actual espessura da UE 52 pode ser apenas residual de um todo mais espesso e que pode ter sido cortado por outra realidade que se lhe sobrepôs, a UE 57.

2) Após a criação e utilização do espaço referido, uma nova acção de escavação de uma estrutura terá ocorrido. A abertura de um espaço com aproximadamente 2 m de largura (UE 57) pode, numa primeira leitura, ser interpretado como a base de um fosso, parcialmente escavado em solo e rocha, tendo o primeiro segmento sido destruído pela lavra, restando apenas uma concavidade alongada e com 10 cm de profundidade. A fotografia aérea e os levantamentos de superfície também sugerem tal tipo de estrutura.

A UE 57 encontrava-se preenchida pela UE 26 (Fig. 5), rica em restos de fauna e artefactos. A cerâmica, que surgiu em abundante quantidade, apresentava-se muito fragmentada; a sua associação a boa quantidade de ossos sugere uma área de lixeira, ou de acumulação progressiva de sedimentos, integrando restos dispersos provenientes de áreas limítrofes.

Esta leitura que aponta para a existência de um fosso complica-se, no entanto, pela sobreposição parcial da UE 27 à UE 26; ou seja, um depósito existente sobre a rocha, do lado interno do recinto, prolonga-se sobre um depósito acumulado sobre um espaço escavado.

A escassez de dados não nos permite tirar conclusões precisas e outras hipóteses se poderiam colocar, embora nos pareça um pouco estéril, de momento, avançar por esse campo. Resta a certeza de um espaço escavado, exposto e de novo sedimentado ou entulhado, associado a áreas anexas, também elas sofrendo acções e afectações.

3) A UE 6 apresentava, superficialmente, uma grande quantidade de grandes e médios blocos de pedra. Apesar dos fortes revolvimentos que sofreu, a sua decapagem foi realizada de

forma controlada, por camadas artificiais de 10 cm, para procurar averiguar se tais blocos poderiam ainda apresentar alguma relação minimamente lógica. Dessa forma julgávamos poder vir a obter alguns dados sobre uma qualquer estrutura ali existente. A escavação foi revelando sistematicamente a mesma imagem, com blocos remexidos. É inequívoco que, tal como fora anotado na superfície, algum tipo de estrutura aqui foi erguida; de momento desconhecemos quase tudo sobre ela, embora seja certo que teria uma certa envergadura.

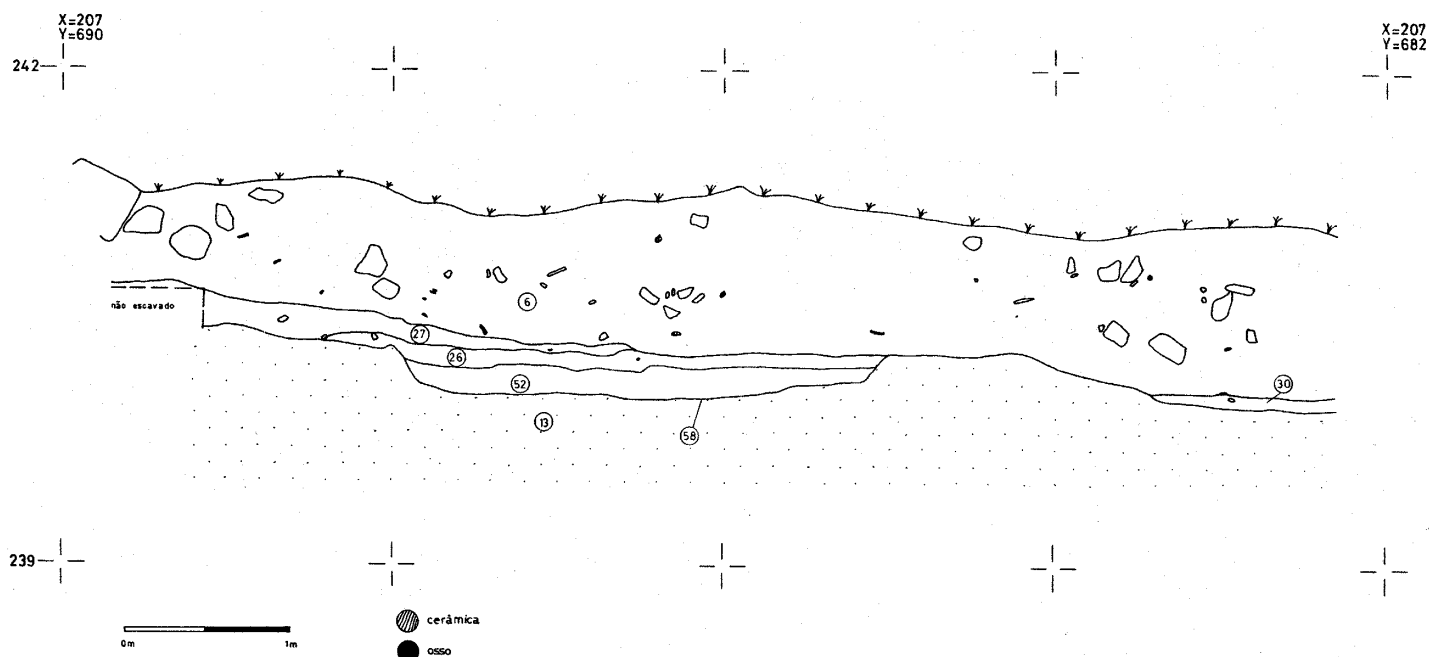


Fig. 4 Povoado dos Perdígões. Reguengos de Monsaraz. Sector 3 – Corte Este.

A cultura material relacionada com este sector apresenta uma certa homogeneidade que aponta para uma ocupação genérica ao longo do III milénio. Como amostragem de estudo foram seleccionados dois contextos para análise específica e comparativa: a UE 26 e a UE 52.

#### Sector 4

Sector implantado a Este do povoado, numa área entre as duas hipotéticas linhas de fosso externas e demarcada por um alargamento em forma de bolsa visível na UE 1, no seu troço Este. A presença de lages de xisto à superfície e a recolha de ossos e recipientes cerâmicos sugeria a existência de uma necrópole.

A sua confirmação, em inequívoca associação a um povoado, foi uma das mais importantes certezas obtidas com a realização destes trabalhos.

A continuação dos trabalhos confirmou a existência de uma estrutura preservada abaixo do nível da rocha, ou seja, restos de uma construção semi-subterrânea. Ao nível da sua definição, apresentava um espaço sub-circular a Oeste a que, para Este, se adossava um outro, alongado, sugerindo um prolongamento tipo corredor.

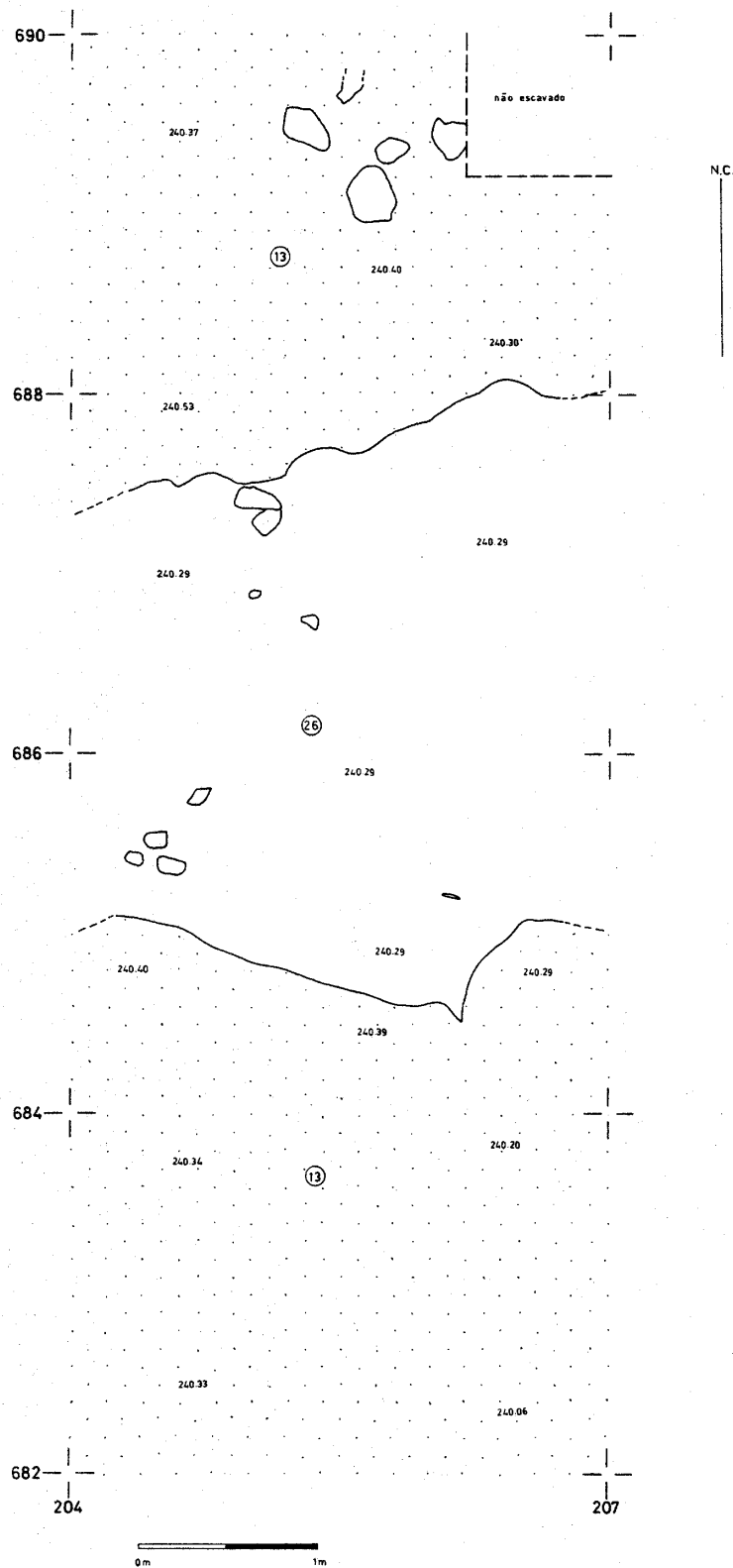


Fig. 5 Povoado dos Perdígões. Reguengos de Monsaraz. Sector 3 - Plano 31 - UE 26 (intermédio).

### *Câmara*

No momento da definição dos seus limites, tornou-se claro que se tratava de um monumento parcialmente construído abaixo do nível da rocha, tendo as lavras atingido, por vezes fortemente, a própria rocha situada a aproximadamente 1m de profundidade. A total remoção da camada de revolvimento recente tornou visível o seguinte cenário:

UE 23 – conjunto de lajes de xisto ardosiano verticalizadas e que revestiam internamente a câmara, com parede original escavada na rocha;

UE 63 – contexto genericamente preservado encostado à parede da câmara; concentrações de ossos muito fragmentados, com escassos artefactos directamente associados e apresentando, pontualmente uma coloração avermelhada de ocre;

UE 36 – contexto constituído por terra, ao centro, rodeado pela UE 38;

UE 38 – massa de lajes de xisto ardosiano, dispostas radialmente e em sobreposição do centro para a periferia da estrutura, situada entre a UE 36 e UE 63 e que é interpretada como derrube de cobertura (UE 38).

A realidade exposta, bem como os dados até aí recolhidos, sugeriam uma utilização funerária do monumento após o derrube da UE 38; no entanto, os dados de que dispomos desta campanha são inconclusivos. Efectivamente e sabendo que apenas podemos utilizar de forma fiável os contextos preservados, não podemos confirmar aquela suposição; pelo contrário, outros dados podem indiciar que os ossos recolhidos sobre derrube podem resultar de remeximentos e intrusões ao nível de deposições anteriores ao derrube.

De facto, a existência a um mesmo nível da UE 63 e da UE 38, com restos de deposições, uma, e de derrube outra pode resultar da estratificação original existente na câmara. Daí colocarmos a hipótese de que no seu interior existisse uma particular acumulação de ossos junto às paredes, com conseqüente maior potência estratigráfica. Quando ocorresse um derrube, este seria acumulado até maior profundidade ao centro, e até menor na periferia, ao longo da parede. A remoção dos ossos da UE 63 não veio a expor o prolongamento do derrube (UE 38) até à parede: por vezes tal sucedia, noutros casos, porém, é inegável o prolongamento de ossos para debaixo do derrube, ficando também muitos espaços apenas com terra visível.

Assim, enquanto não for completada a escavação, não podemos avançar seriamente no sentido de resolver a questão de uma utilização deste espaço enquanto monumento arruinado.

### *Corredor*

A câmara do monumento tinha uma abertura para Este, que estabelecia a ligação a um espaço também escavado na rocha e de forma que, simplificada, podemos definir de sub-rectangular. Este, que consideramos como o corredor de acesso à câmara, ligava por sua vez, a um outro, situado a nascente, que designamos como “átrio”. A escavação destes dois elementos foi processada em conjunto e os dados recolhidos apontam para que, efectivamente, funcionassem como espaços distintos e muito específicos.

O seu topo era caracterizado por dois contextos recentemente remexidos: a UE 80, posteriormente associada às UE 34 e UE 33, relacionavam-se com a abertura de uma cova para plantação de uma das oliveiras que integravam o olival que existiu sobre o povoado e seu recente arranque; a UE 22, semelhante à UE 10, integrava alguns fragmentos de lajes de xisto que, dada a sua dispersão, poderão ter sido arrastados da câmara durante as lavras.



O decorrer dos trabalhos mostrou que não existiam quaisquer vestígios de derrube, e que o revestimento das paredes se limitava a um segmento, constituído por duas lajes, cada uma delas anexada à sua parede. Surgiam na ligação à câmara e na sequência das que ali revestiam a respectiva parede, pelo que foram consideradas como parte integrante da UE 23.

Apesar das recentes destruições e do parcial esvaziamento ocorrido quando foi aberta a cova para plantio de uma oliveira que, como habitualmente, tinha aproximadamente 1 x 1m, os diferentes contextos identificados não incluíam quaisquer vestígios de práticas fúnebres. Os depósitos conservados sobre o seu fundo (UE's 40, 47 e 48) parecem-nos resultar de acumulações progressivas de sedimentos e da degradação das paredes.

Os materiais arqueológicos associados a este segmento do monumento são muito escassos. Dois fragmentos de lâmina e uma ponta de seta devem ter sido deslocados a partir da câmara. A cerâmica é constituída por pequenos fragmentos desgarrados e dispersos, que nunca permitem colagens ou reconstituição integral da forma original, factos que nos levam a considerá-los como elementos intrusivos, aleatoriamente ali depositados; os restos ósseos estão completamente ausentes. Desta forma, não terão sido ali realizados enterramentos nem deposições de corpos ou de oferendas votivas, pelo que a sua função de acesso e de ligação nunca terá sido ultrapassada por necessidades que resultassem de falta de espaço na câmara.

### “Átrio”

O espaço que desta forma designamos, sem total segurança, representa o segmento Este do monumento funerário, em ligação ao corredor de acesso à câmara.

Tal como no corredor, também aqui não surgiu uma quantidade significativa de lajes de xisto durante a escavação das terras remexidas pelas máquinas, tendo o mesmo sido constatado durante a remoção das que preenchiam o seu interior; as que foram detectadas, precisamente no limite Este, apresentavam-se fragmentadas e deslocadas, integrando contexto de revolvimento. Estes dados levam-nos a colocar a hipótese de apenas a câmara possuir uma cobertura pétreia, podendo o restante monumento ser coberto de outra forma, por exemplo à base de materiais perecíveis, ou, porque não, ser desprovido de qualquer cobertura.

As máquinas afectaram ainda, parcialmente, um dos mais significativos contextos detectados durante a escavação, a UE 19, que incluía bastante material arqueológico e alguns ossos humanos, muito fragmentados e dispersos, para além de um número considerável de blocos de quartzo.

Significativamente, trata-se do único contexto exterior à câmara em que está atestada de forma clara a realização de deposições rituais de artefactos. Pequenos vasos de pedra, vasos de cerâmica, incluindo fragmentos com decoração simbólica à base de triângulos e de pontos com preenchimento a pasta branca, pequenos vasos esféricos, pequenas taças de cerâmica de paredes finas, pontas de seta, um punhal/ponta de lança, lâminas, pequenas placas de xisto, por vezes gravadas, e uma metade de *pecten*, dispunham-se em arco, numa concentração no limite Este do monumento. Algumas concentrações particulares poderão ter algum significado específico, representando momentos sucessivos de deposição, mas para atestar essa hipótese necessitamos de um minucioso trabalho de análise da distribuição espacial dos artefactos.

A UE 19 formou-se num momento em que esta área já estava parcialmente coberta de sedimentos e com um piso ligeiramente irregular. As primeiras deposições, hoje representadas por um conjunto de oito pontas de seta, terão ocorrido após a remoção de parte desses depósitos, facto atestado pela UE 82 (interface de destruição); posteriormente, outras terão sido realizadas.

A relação entre o referido conjunto artefactual e os restos de ossos humanos ali presentes, é de difícil interpretação. Eram em escasso número e apresentavam-se dispersos e muito fragmentados, tendo o estudo antropológico permitido a sua atribuição a, pelo menos, três indivíduos, podendo esse número crescer quando se realizarem análises mais minuciosas; ficou também demonstrado que não estavam representados ossos frágeis, como costelas e ossos das mãos e dos pés. Foi colocada a possibilidade de estarmos perante inumações secundárias; nesse caso, apenas alguns ossos teriam chegado ao monumento.

A possibilidade, já avançada, de apenas ter existido cobertura sobre a câmara, pode explicar a escassez e estado de fragmentação dos ossos e a quantidade de fragmentos de cerâmica dispersos e claramente não relacionados com práticas rituais mas acidentalmente ali depositados. Estando esta área exposta, alguns materiais arqueológicos existentes na área circundante, incluindo cerâmicos e ósseos, poderiam aqui ter sido depositados de forma natural ou durante remeximentos realizados pelo homem, como consequência de actividades praticadas nas imediações.

Colocamos duas hipóteses em relação aos vestígios conhecidos da UE 19:

- prática de inumações, eventualmente secundárias, integrando espólio artefactual relacionado com rituais funerários;

- prática ritual de oferendas e não propriamente de deposição de mobiliário fúnebre, numa área específica do monumento, ao que tudo indica de entrada.

Integrando a UE 19, principalmente nas zonas de maior concentração de artefactos foram identificados inúmeros blocos de quartzo. A sua presença sugere uma acção de carácter ritual com paralelos em diversos contextos sepulcrais, eventualmente em função da sua cor esbranquiçada.

Sob a UE 19 foram identificados diferentes depósitos de enchimento do “átrio”. Todos eles apresentavam de comum o facto de integrarem escassos materiais arqueológicos. No caso da cerâmica, surgia sempre em pequenos fragmentos muito dispersos, com características idênticas às das recolhidas na UE 19, ou seja, não relacionáveis com deposições de artefactos, podendo-se pressupor que, ou não foram realizadas deposições de corpos ou materiais antes das anteriormente consideradas para aquele contexto ou, delas nada nos chegou no caso de terem existido.

O estudo realizado sobre as cerâmicas concluiu que, efectivamente, existia uma diferença clara entre os vasos que surgiam inteiros, ou quase, concentrados e associados a outros artefactos que surgiam nas mesmas condições de outros elementos, que surgiam fragmentados e dispersos. Estes, incluíam maior variedade de formas, normalmente de cariz doméstico. Por um lado, concentrações de utensílios votivos depositados pelo homem, durante acções claramente rituais; por outro, restos de artefactos, aparentemente de uso quotidiano, que de forma acidental ali se depositaram. A sua natureza aponta para a proximidade de áreas habitacionais que desconhecemos de momento, tal como a presença de fragmentos de taças carenadas num número que contrasta, em termos percentuais, com os conhecidos para outras áreas do povoado. Tal facto faz-nos colocar a hipótese da prévia utilização como habitat do espaço que, mais tarde, veio a ser seleccionado para implantação da necrópole. É evidente que temos que ter as maiores cautelas em relação a leituras como esta, baseada em dados ainda muito escassos e parcelares.

Na base do “átrio” e assente sobre o seu fundo de rocha (UE 76), foi identificado um bloco alongado de cerâmica (UE 55). Com claros sinais de ter sido queimado apresentava uma cor variando entre o castanho muito escuro, o cinzento e o preto. Parte deste elemento

preserva a forma original em meia cana, no segmento Este; no segmento Oeste é disforme, porque destruído. Consideramos que este conjunto representa parte de um estrutura que foi parcialmente destruída e de que já nada seria visível quando foram realizadas as deposições da UE 19. Pela leitura estratigráfica parece-nos que poderia prolongar-se para Sul, eventualmente delimitando uma área central ao “átrio”. A sua função é desconhecida; mas, enquadrando-se num monumento funerário, poderemos estar perante uma estrutura relacionada com actividades rituais; nesse caso, nenhum resto concreto teria restado delas, embora a análise futura de uma amostra de terras recolhidas na UE 65, parcialmente envolvida pela estrutura cerâmica, possa vir a denunciar eventuais utilizações. Os materiais recolhidos eram raríssimos e enquadravam-se nos parâmetros já referidos acima, não parecendo, de forma alguma, estar relacionados com actividades rituais.

### *Estruturação geral do espaço arquitectónico e sua utilização*

Não é integralmente conhecida a estrutura arquitectónica do monumento funerário n.º 1 dos Perdígões. Três factores condicionam a nossa imagem: estão por concluir os trabalhos na câmara; as lavras afectaram contextos do sítio e da sua envolvência, diminuindo o potencial de informação; e, por fim, o tipo de construção registada não permite a sua fácil inserção no âmbito da tipologia das arquitecturas funerárias Calcolíticas (Fig. 6, n.º 2).

Procuremos de seguida sistematizar os dados obtidos sobre a arquitectura.

Trata-se de uma construção subterrânea ou semi-subterrânea, aparentemente sem qualquer estrutura de contenção pétreia; não foram detectados vestígios nem de mamoa, nem de *cairn*; no caso de efectivamente ter existido, e apesar das lavras, alguns indícios deveriam restar; no caso da hipotética construção de uma mamoa de terra/barro, tudo foi pulverizado pelas máquinas.

A primeira fase construtiva terá correspondido à escavação, na terra e na rocha, de três espaços distintos, interligados que designamos por câmara, corredor e “átrio”, este último de definição provisória; não podemos, ao nível da estrutura arquitectónica, assegurar a construção simultânea desses espaços específicos, podendo o “átrio” ser uma segunda câmara correspondente a um momento tardio de ampliação do conjunto monumental; a parcialidade dos dados de escavação da câmara, a ausência de evidências rituais e a escassez de cultura material na área do corredor, tornam impossível uma análise comparativa com o “átrio” que permita obter dados sobre a sequência construtiva e aspectos de cronologia em geral.

A destruição recente do limite Este do monumento, tal como a destruição até à rocha de toda a envolvência do monumento impossibilitam o pormenorizado conhecimento desse segmento da estrutura e sua relação com o exterior; sendo provável a associação desse limite a uma entrada; é todo um hipotético espaço fronteiro de acesso ao monumento que fica por entender.

Após escavação na rocha do “negativo” do monumento, as paredes da câmara e do átrio foram revestidas de barro, que funcionou como ligante e apoio à verticalização de lajes de xisto ardosiano seguidamente aplicadas e que constituíam a face interna dessas paredes; esse barro poderia ainda aumentar o nível de impermeabilização dos compartimentos. Todas as lajes são de xisto ardosiano, cinzento escuro, e têm uma espessura média de 2 cm; não é possível conhecer a sua altura inicial, dado não estar ainda escavado integralmente o monu-



MANUEL RIBEIRO



MANUEL RIBEIRO

**Fig. 6** Em cima: Monumento Funerário 1 – Pormenor do derrube da cobertura da câmara. Em baixo: Monumento Funerário 1 – Vista geral no final dos trabalhos.

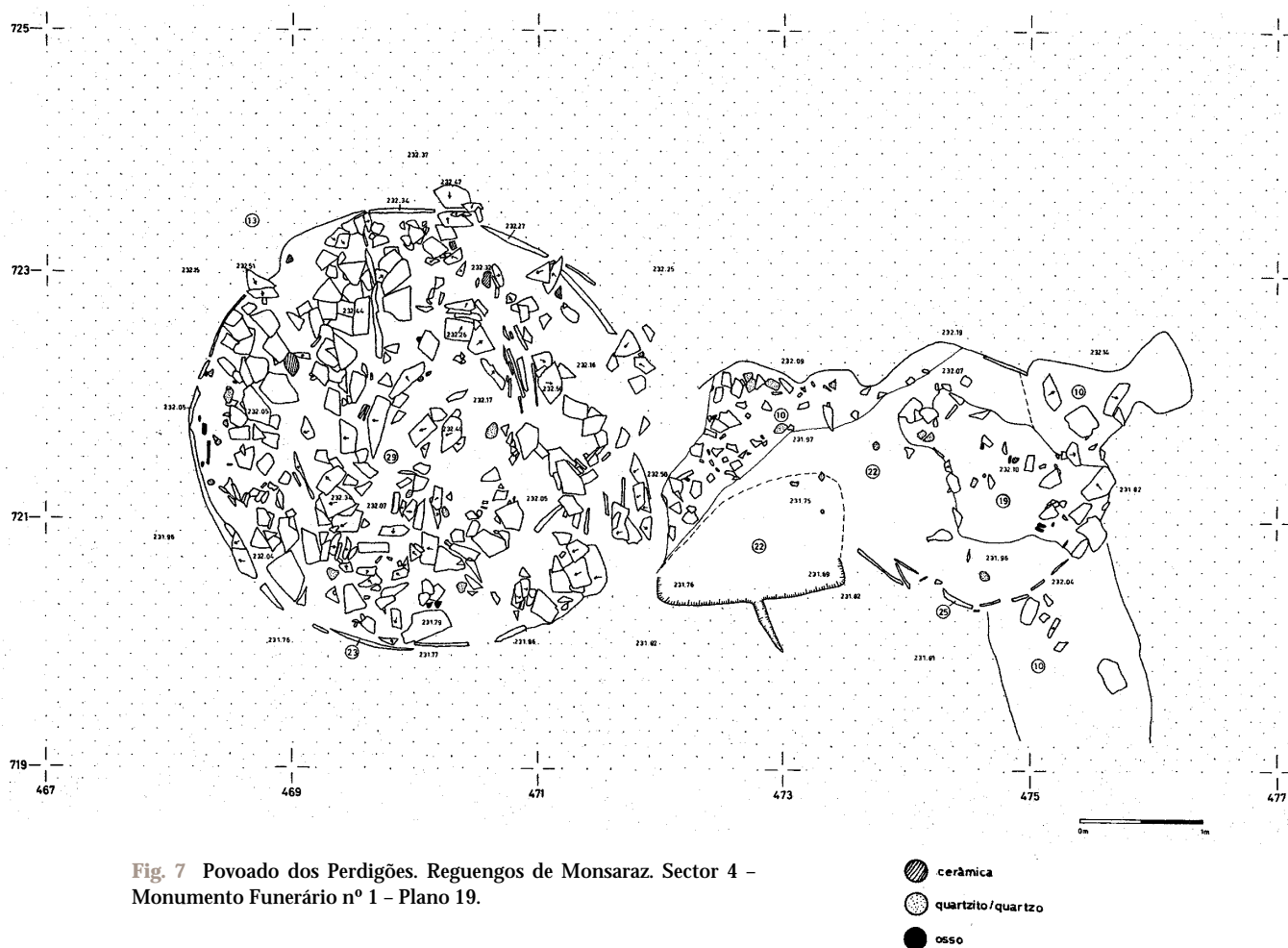


Fig. 7 Povoado dos Perdigões. Reguengos de Monsaraz. Sector 4 - Monumento Funerário nº 1 - Plano 19.

mento; a largura das situadas na câmara, ainda de definição provisória, deveria variar entre os 0,70 m e os 1,30 m e as que compõem o corredor são mais estreitas, atingindo, no máximo, 0,50 m. A surribea provocou grandes estragos na parte superior destas lajes.

Os dados apontam para uma associação estrutural entre os diferentes espaços específicos, mas apenas é inequívoca a relação entre a câmara e o corredor, já que as lajes de revestimento da parede da primeira se prolongam pelo segundo. O “átrio” pode ter sido projectado e construído no âmbito do plano inicial ou corresponder a uma ampliação tardia. Os dados de que dispomos são inconclusivos, deixando dúvidas importantes, mas tal discussão torna-se algo académica.

Ao nível das coberturas, ou seja, dos elementos que funcionassem como tecto do monumento, temos, de momento, grandes dúvidas. A sua presença está confirmada apenas para a câmara funerária, estando registado o seu derrube que, apesar de tocado pelas máquinas, permaneceu em notável estado de conservação. No corredor e no “átrio”, não foi detectado nenhum vestígio de derrube de cobertura, embora se possam colocar algumas hipóteses quanto a tais elementos: construção com lajes de maiores dimensões, posteriormente removidas e reutilizadas, construção com materiais perecíveis ou ausência total de cobertura. Não dispondo de vestígios, apenas a escavação futura de outros monumentos poderá avançar dados mais conclusivos.

O derrube da cobertura da câmara funerária é constituído por lajes de xisto dispostas com alguma regularidade, separadas por finas camadas de terra que surgem em menor quantidade e com menos regularidade na área da entrada da câmara (Fig. 8). Apenas a ocorrência de um colapso simultâneo e em bloco, e não a de um abatimento progressivo, poderia criar um derrube com as características de homogeneidade que se constata na “organização” aqui detectada. A sensação inicial provocada pela observação do derrube sugere uma estrutura em falsa-cúpula; porém, a lógica inerente à disposição do derrube é absolutamente contrária à que se verificaria no caso de se tratar desse tipo de construção (Fig. 6, n.º 1). Efectivamente, as lajes surgem sobrepostas do centro para a periferia da câmara, o que nunca poderia acontecer no caso de se tratar de uma construção em que as lajes se sobrepussem da periferia para o centro; ou seja: aparentemente não estamos perante uma construção com cobertura em falsa-cúpula e, daí, o não enquadrarmos este monumento, para já, no âmbito estrito dos *tholoi*.

A matéria prima utilizada no revestimento das paredes da câmara, de parte do corredor e do “átrio” foi um xisto ardosiano. No âmbito do trabalho de prospecções geológicas realizado, procurou-se iniciar o processo de identificação das fontes de matéria prima, merecendo particular destaque a determinação da proveniência do xisto utilizado no monumento funerário. Apesar de só com análises laboratoriais ser possível obter certezas, foram observados, a cerca de cinco km do povoado, a Sul das Perolivas e ligeiramente a Norte do Monte da Defesa, afloramentos em que a extracção laminar seria excelente e que produziriam blocos muito semelhantes aos do monumento;

O corredor do monumento foi orientado a Nascente e, simultaneamente, ao topo de Monsaraz. A medição da sua orientação foi realizada em colaboração com Michael Hoskin, em Junho de 1997, tendo-se obtido para esta leitura, descontando a variação magnética, o valor 89,5º.

Quanto à utilização do espaço funerário muito ficou ainda por conhecer. É certo que foram realizadas deposições de corpos, embora só a remoção do derrube da câmara e a investigação dos enterramentos que sob ele pensamos existirem, possam esclarecer aspectos cronológicos, rituais e de organização espacial ao longo da utilização do monumento. Aspectos como a distinção entre deposições primárias ou secundárias, sua arrumação e rearrumação ao logo do tempo, associação entre indivíduos e espólio, rituais específicos a cada momento de morte ou fases genéricas a todo o monumento, podem vir a ser clarificados com a continuação do processo de investigação agora iniciado.

Tal como se pensa para a necrópole do povoado de La Pijotilla, em Badajoz, é possível que os ossos detectados na câmara se apresentem mais revolvidos e desorganizados na periferia, junto à parede, do que ao centro, em função de reorganizações sucessivas do espaço e da acumulação sucessiva junto às paredes de restos anteriores às deposições que se iriam fazendo mais ao centro (Hurtado, 1991, 1995). Tal situação provocaria, como afirmámos acima, uma situação como a detectada, com ossos a sobressaírem ao derrube, na área anexa à parede.

No espaço que de momento consideramos como “átrio” foram detectados vestígios de dois grandes momentos. Um representado pela estrutura cerâmica, eventualmente relacionada com rituais ali praticados; outro, posterior, representado pela UE 19, em que foram realizadas sucessivas deposições de artefactos.

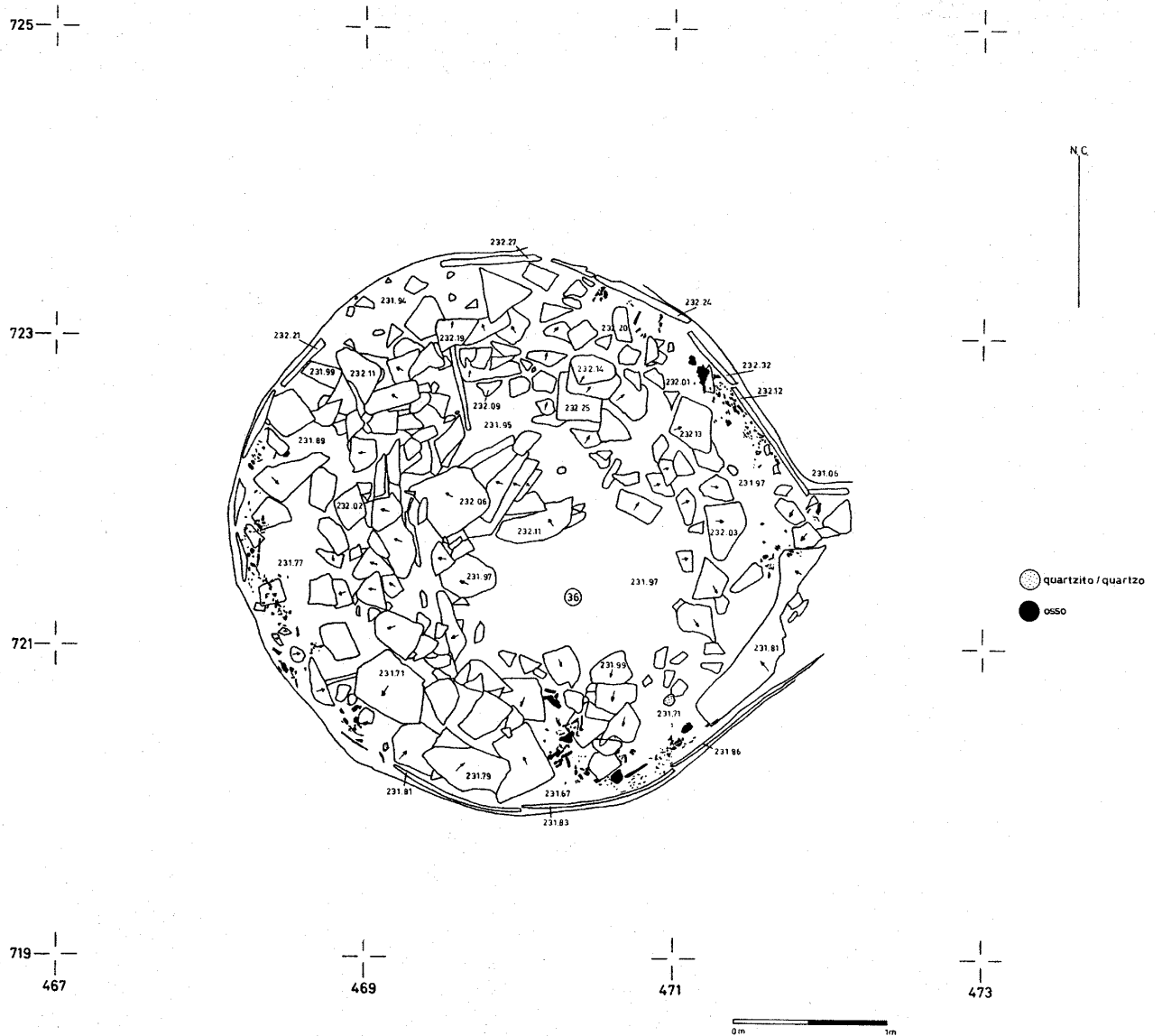


Fig. 8 Povoado dos Perdigões. Reguengos de Monsaraz. Sector 4 - Monumento Funerário 1 - Plano 35.

Quadro 1 – UE 19 Artefactos individualizáveis

<i>Tipo</i>	<i>Quantidade</i>
Concha (Pecten)	1
Conta de colar	4
Lâmina	3
Placa de xisto	3
Ponta de seta	22
Punhal / ponta de lança	1
Vaso de cerâmica	4
Vaso/almofariz de pedra	6

No seio destes artefactos parece-nos ser possível detectar, de uma forma genérica três momentos de deposições, embora cronologicamente não sejam significativas as suas distâncias, sendo todas elas recobertas por um mesmo conjunto de sedimentos:

- caracterizado por 19 pontas de seta, um vaso cerâmico e pequena placa de xisto;

- posterior e caracterizado, sobretudo, por metade de uma concha (*pecten*), lâminas, um punhal /ponta de lança, contas de colar, vasos de cerâmica, integrando uma taça de paredes finas e um estranho vaso de paredes hiperbolóides, com paralelo morfológico em relação a recipientes de mármore do Povoado de La Pijotilla (Hurtado, 1995), aparentemente relacionados com práticas funerárias, e que lembram os chamados almofarizes de pedra, conhecidos também para a Estremadura portuguesa e para o Algarve, designadamente na necrópole de Alcalar;

- conjunto parcialmente remexido e integrando duas pontas de seta, uma lâmina e ainda seis vasos de pedra e fragmentos de outro, recipientes estes que apresentam formas variadas.

Integrados neste contexto da UE 19, surgem ainda fragmentos de um vaso cerâmico com decoração simbólica. Os poucos fragmentos de ossos humanos recolhidos na UE 19, parecem estar associados a esta deposição posterior e estratigraficamente superior.

Merece particular relevo a presença de pequenos vasos ou almofarizes de pedra e de cerâmica, de função especificamente ritual; os primeiros poderão ser de calcário, embora só após a realização de análises laboratoriais seja possível assegurar o tipo de matéria prima e sua eventual proveniência; também a sua função específica poderá ser esclarecida através de eventuais análises relativas à detecção do seu conteúdo.

Em contextos funerários alentejanos do III milénio são efectivamente raros os artefactos de calcário, facto que aliás não pode ser desligado da escassez dessa matéria na maior parte das regiões, como também não pode ser esquecida a diferença entre mármore e calcários, já que os primeiros são bastante mais difíceis de trabalhar do que os segundos, que são mais macios, fáceis de desbastar, escavar ou riscar. Esta ocorrência pontual ocorre nos contextos megalíticos (Leisner, 1951) e de habitat (Gonçalves, 1988-1989) de Reguengos pelo que o conjunto agora detectado, integrado num grupo de outros artefactos de calcário recolhidos no povoado, merece particular destaque. A sua morfologia enquadra-se em tipologias como as dos monumentos de Alcalar, do Sudoeste espanhol ou da Estremadura portuguesa.

A directa associação entre a UE 19 e a deposição de corpos não parece muito aceitável. De facto, não é muito credível que num ambiente propício à conservação de ossos tal não ocorresse, ao contrário do que se verifica na câmara; por outro lado, a sua fragmentação e dis-



persão contrasta com a que se verifica com os artefactos referidos e relacionáveis com deposições. Os ossos recolhidos enquadram-se, em termos tafonómicos, na mesma situação verificada com diversos fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões ali recolhidos, daí considerarmos que poderão, em conjunto, reflectir uma intrusão de terras integrando restos de épocas anteriores. Dessa forma, é pertinente colocar a hipótese da existência neste monumento de uma área de deposição votiva de oferendas desligada de outra, situada na câmara, destinada à deposição dos mortos e dos seus objectos; assim dois tipos de ritualização podem vir a surgir: uma relativa à preocupação com a vida futura do morto específico e outra, talvez, mais relacionada com a veneração específica dos vivos em relação aos antepassados, materializada pela colocação de objectos relacionados com cerimónias que então ocorressem.

Enquanto não obtivermos datações de  $^{14}\text{C}$ , é difícil retirar ilações cronológicas dos contextos completamente escavados; e, mesmo então poderemos ter dúvidas, já que, por exemplo, os ossos recolhidos na UE 19 podem ali ter sido contextulizados acidentalmente. Os artefactos são, evidentemente, característicos de contextos funerários do III milénio, mas a amplitude cronológica que apresentam é demasiado vasta para obtermos cronologias finas, tal como os paralelos se apresentam insuficientemente datados e com dispersão a partir do chamado Neolítico Final, algures para o final do IV milénio a.C. e durante o Calcolítico. Essa situação constata-se a nível das indústrias de pedra lascada, da cerâmica, dos recipientes de pedra e de outros elementos de carácter mágico-religioso de que destacamos os seguintes, provenientes de contextos revolidos pela máquina:

- um ídolo-falange (UE 10 – câmara), decorado (Fig. 9, n.º 1), ausente até agora do registo arqueológico da área de Reguengos. Surgem alguns elementos semelhantes e outros sem decoração mas polidos, em *tholoi* da Estremadura portuguesa, como S. Martinho 2 (Leisner, 1965), ou mesmo em contextos habitacionais como Vila Nova de S. Pedro (Paço, 1973) e Valencina de La Concepción (Gómez [et al.], 1980); são, no entanto, sobretudo recorrentes no Sudeste espanhol (Almagro, 1973) e sobretudo em contextos funerários Calcolíticos como na necrópole de Los Millares;

- um “recipiente” em osso (UE 14 – câmara) cilíndrico e decorado com incisões (Fig. 9, n.º 2), em que o cruzamento de linhas paralelas na diagonal cria pequenos losangos em baixo relevo; este recipiente insere-se num conjunto, com diferentes decorações, com paralelos em *tholoi* na Estremadura portuguesa, como Praia das Maças (Leisner, 1965 [et al.], 1969), Pai Mogo (Gallay [et al.], 1973) ou Tituaria (Cardoso [et al.], 1996) e no Sudeste Espanhol, nomeadamente no Povoado de Los Millares (Schüle, 1980); tal como em alguns que surgem no Tholos do Pai Mogo, apresenta dois pequenos furos, que atravessam a sua parede junto a um dos bordos e que, segundo alguns, podem fazer pensar num elemento destinado a fixar a base de material perecível, tipo cortiça (Cardoso, 1996); no entanto, e é este o caso, o simples encaixe de uma peça de madeira ou cortiça seria suficiente;

- uma placa de xisto decorada (UE 14 – câmara), de pequenas dimensões (Fig. 17, n.º 3) e, aparentemente, reutilizada a partir de uma peça anteriormente fragmentada, devidamente polida e afeiçoada; a decoração é absolutamente vulgar no seio do megalitismo alentejano; a reutilização destes artefactos tem sido registada noutros contextos, nomeadamente no *Tholos B* do complexo funerário de Olival da Pega (Gonçalves, 1995).

Também, como é perceptível pelos exemplos referidos, se colocam questões óbvias de interpenetrações culturais e de comunicação entre o espaço de Reguengos e o restante mundo do Sul peninsular.



**Fig. 9** Em cima à esquerda: Ídolo-falange decorado. Monumento Funerário 1. Em cima à direita: Artefacto de osso decorado. Monumento Funerário 1. Em baixo: Placa de xisto decorada. Monumento Funerário 1

## Sector 5

Sondagem localizada sobre um segmento da UE 1, relacionada com o topo de enchimento do fosso delimitador do povoado. Por um lado, pretendia-se conhecer a tipologia e natureza estratigráfica dessa estrutura; por outro, entender a razão da existência de uma determinada interrupção, situada a NE do seu curso, perceptível à superfície e de características diferentes de todas as outras definidas. Embora nos parecesse estar relacionada com uma entrada do povoado poderia, muito simplesmente, ter resultado de um dissipar da mancha de terras escuras do seu topo de enchimento, em função da proximidade de vestígios de uma estrutura medieval ou moderna.

Dados os objectivos de análise do estado de conservação dos contextos e a dimensão esperada da estrutura, concebeu-se esta intervenção como prospectiva. Pretendia-se confirmar a sua efectiva existência e recolher dados que permitissem definir a sua morfologia e contextualização cronológica. Assim poder-se-iam programar posteriores abordagens da estrutura com diversificadas metodologias.

A escavação neste sector não foi integral. Por um lado, o fosso identificado revelou-se de grandes dimensões, quer em largura quer em profundidade; por outro, as chuvas que ocorreram durante a campanha de escavações criaram atrasos inultrapassáveis, embora o grau de informação obtido seja enorme e inovador.

Após a remoção das terras revolvidas durante os recentes trabalhos agrícolas (UE's 1, 9 e parte da UE 11), com uma espessura de cerca de 1m, tornou-se evidente estarmos perante um grande fosso, parcialmente escavado na rocha. A continuação dos trabalhos permitiu-nos a recolha de um conjunto de dados relativos à estruturação do povoado e sua ocupação, sendo desde já possível avançar com a seguinte leitura genérica (Fig. 10):

1) Em determinado momento foi escavado um fosso (UE 17) que rompeu a rocha. A sua profundidade total é ainda desconhecida mas a escavação processou-se quase 3 m em relação à superfície, correspondendo aproximadamente dois deles à remoção de sedimentos acumulados no seu interior; a sua profundidade máxima poderá ultrapassar os 4 m. A sua largura neste sector ultrapassa os 8m no topo estreitando progressivamente para a sua base, devendo no final da escavação apresentar um perfil correspondente a um v de base curva.

2) A estratigrafia identificada e os limites definidos para o segmento de fosso, reforçam a convicção da existência de uma interrupção deste fosso, que poderá estar relacionada com uma entrada no Povoado. A delimitação da UE 28 pode, a esse respeito, dar algumas indicações. Esta realidade, encostada às paredes interna e externa, apresenta uma fisionomia que parece demonstrar a ligação entre as duas paredes que, evidentemente, resultou da interrupção criada no fosso, como aliás é comprovável pela espessura da UE 28 patente no corte Oeste. Este contexto poderá ter sido dos primeiros a ser formado após o abandono do fosso ou mesmo até durante a sua utilização, resultando sobretudo da própria desagregação das paredes de rocha.

3) Estando parcialmente sedimentado o fundo do fosso, e posteriormente à acumulação da UE 28, ocorreram sucessivos momentos de derrube (UE's 74, 37 e 11) e sedimentação de terras (UE's 50, 31 e 12) integrando abundante material arqueológico, nomeadamente cerâmico.

4) Todos os derrubes resultam do lado Norte e o facto de serem separados por camadas de terra podem apontar para a progressiva e descontínua ruína de uma estrutura exterior ao

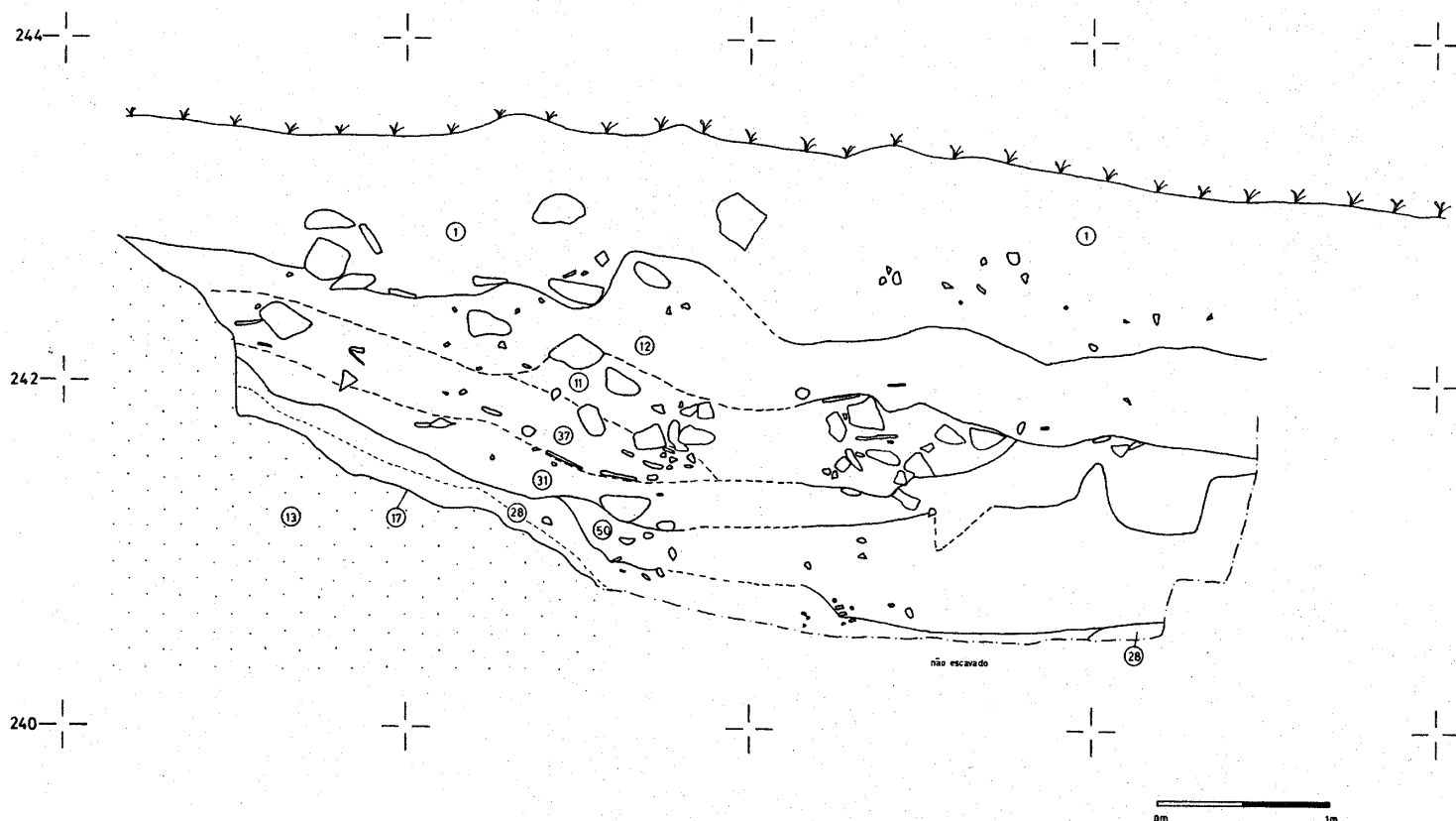


Fig. 10 Povoado dos Perdigões. Reguengos de Monsaraz. Sector 5 – Corte Este.

fosso. Não foram detectados quaisquer vestígios que comprovem a existência de uma lomba, anexa ao fosso, constituída por rocha proveniente da escavação realizada para abertura do fosso; ou seja, a lomba que necessariamente existiu pode ter tido um processo de erosão e diluição mais lento do que o processo de enchimento do fosso.

5) O(s) derrube(s) é constituído por blocos de diversas litologias, o que significa que estamos perante diversificadas matérias primas de várias proveniências. Isto significa que, em função da escassez de bom material de construção no próprio povoado, as comunidades tiveram necessidade de recolher pedra noutras áreas envolventes ao seu habitat (Fig. 11).

Quanto aos processos de enchimento desta estrutura escavada é também cedo para os entender. Os períodos de tempo ocorridos entre cada derrube e a natureza dos diversos enchimentos integrando material arqueológico são ainda desconhecidos. Como encheu, porquê, se por razões naturais ou em função de entulhamentos realizados pelos homens, são dúvidas que só com o alargamento da área intervencionada e o estudo de materiais, incluindo a sua dispersão, poderão ser aclarados.



Fig. 11 Sector 5 – Derrube sobre o fosso.

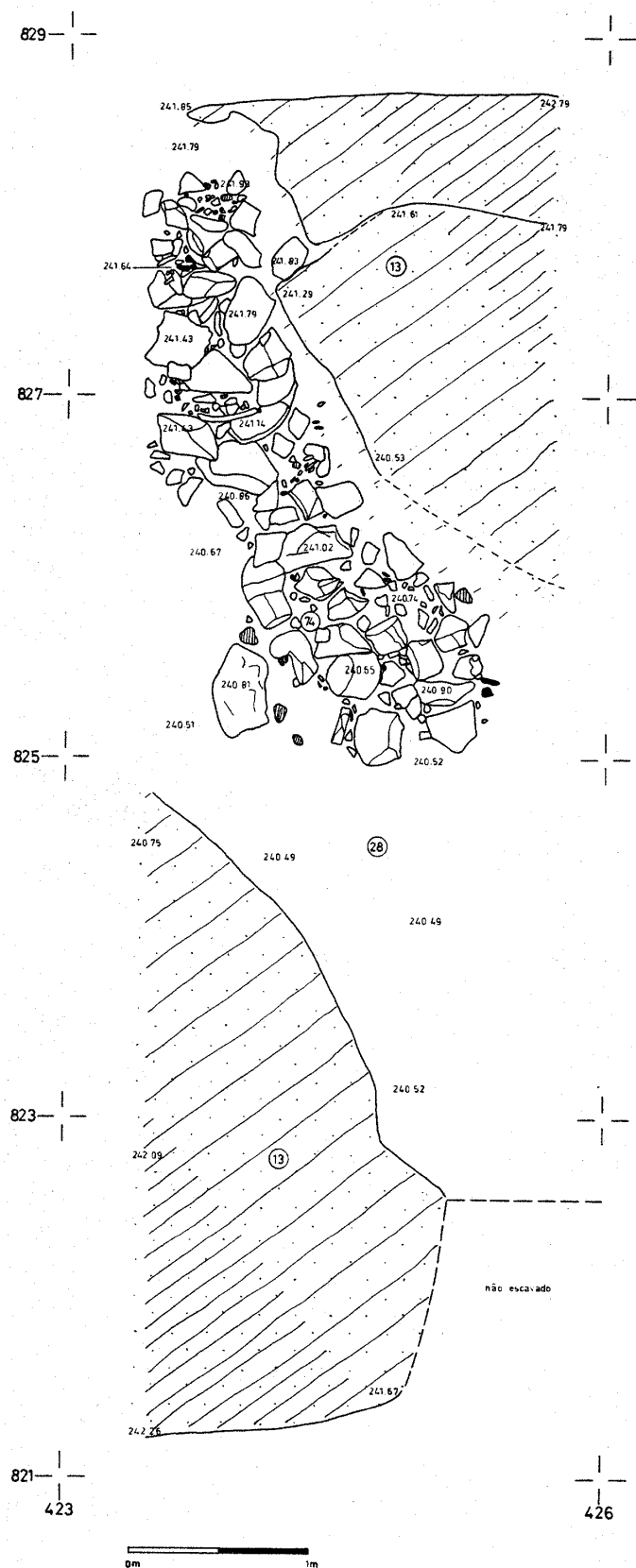


Fig. 12 Derrube no interior do fosso (UE 74).

## Gestão do espaço funerário no Monumento Funerário 1 dos Perdigões: dados da análise osteológica CIDÁLIA DUARTE

### Introdução

As práticas funerárias das populações neolíticas/calcolíticas do Alentejo não foram ainda definidas pela investigação arqueológica, apesar do extenso trabalho de escavação e categorização das estruturas tumulares atribuíveis às populações que ocuparam a região durante os III e IV milénios a.C. (e.g. Bosch-Gimpera, 1966; Gonçalves, 1989; Jorge, 1986; Leisner e Leisner, 1965). Em parte devido às características geológicas da planície alentejana, os monumentos funerários do megalitismo nesta região raramente possuem quaisquer ossos humanos ou faunísticos. Recentemente, contudo, algumas exceções têm caracterizado esta tendência geral; é o caso dos monumentos do complexo funerário do Olival da Pega e do recentemente publicado núcleo megalítico da bacia do Rio Sever (Oliveira, 1997). Alguns exemplos mais antigos constituem uma exceção à regra, como é o caso do 'monumento' do Escoural, em Montemor-o-Novo (Santos, 1967).

O divórcio entre a Antropologia Física e a Arqueologia, que caracterizou a actividade das duas disciplinas desde o final do século passado até à década de 80 (cf. Santos, 1982), foi igualmente responsável pela ausência de estudos osteológicos das colecções antropológicas recolhidas nestes monumentos. Durante esse longo período as ossadas provenientes de contextos arqueológicos foram esporadicamente depositadas em instituições diversas ou simplesmente descartadas. O estudo dos restos humanos era encarado como complementar e realizado posteriormente ao seu levantamento no campo que não decorria de forma a que os dados de proveniência específica não fossem considerados, perdendo-se informação essencial para a compreensão dos espaços funerários.

O conhecimento das práticas funerárias dos IV e III milénios a.C. exige, contudo, o registo da distribuição dos materiais osteológicos dentro do espaço tumular dado que este é, geralmente, de carácter colectivo; isto é, cada estrutura (anta ou *tholos*) alberga restos de diversos indivíduos. Na realidade, o posicionamento relativo das ossadas e o processo de tratamento dos corpos dos são, na maior parte dos casos, desconhecidos. É neste contexto que o Monumento dos Perdigões se revela da maior importância. Com efeito, os métodos utilizados na escavação desta estrutura permitiram determinar a localização dos diversos elementos do esqueleto e definir, com pormenor, os padrões de distribuição das ossadas dentro do espaço funerário.

Tendo em conta o carácter parcial da escavação efectuada em 1997, debruçámo-nos, nesta primeira fase de análise osteológica, sobre duas únicas questões:

- a identificação dos elementos ósseos representados neste monumento, com o objectivo de definir o tipo de ritual funerário (primário ou secundário);
- a análise da distribuição espacial dos diversos elementos ósseos, de modo a contruir uma imagem da forma como o monumento foi utilizado (diferenças de utilização entre a câmara, o corredor e o "átrio").

Nesta fase da análise, fica por esclarecer o grau de potencial dispersão dos ossos de um mesmo indivíduo ao longo do espaço tumular. Com efeito, este tipo de análise é extremamente morosa porque implica a marcação individual de todos os ossos e fragmentos de osso, de acordo com a sua proveniência, para que possa ser comparado com todos os possíveis elementos do esqueleto de um mesmo indivíduo. Este tipo de análise deverá ser efectuada após a escavação do monumento na sua totalidade.

## Metodologia de análise

O estudo osteológico concentrou-se, em primeiro lugar, na identificação de todos os elementos ósseos que pudessem ser humanos separando-os, assim, dos restos de fauna que, embora não abundantes, foram recolhidos dentro da área do monumento funerário.

Os ossos humanos foram, então, observados e registados, tendo em conta três variáveis de classificação:

- proveniência (seguindo a informação recolhida pelos arqueólogos);
- identificação (omoplata, clavícula, etc.);
- região anatómica específica (sub-elementos de cada osso, utilizados para a determinação do número mínimo de indivíduos e para a definição de um perfil etário dos mesmos).

## Distribuição espacial das ossadas

Os dados recolhidos em 1997 apontam para um carácter fundamentalmente secundário desta sepultura colectiva; no entanto, este diagnóstico carece de verificação. A estrutura tumular é constituída por três zonas distintas: a câmara, o corredor, e o “átrio”. Enquanto este foi escavado na totalidade (UE 19, UE 66), à semelhança da zona do corredor (UE 22, UE 47), a área da câmara não foi totalmente explorada em profundidade, tendo sido registadas três unidades estratigráficas distintas na sua zona central (UE 10, UE 14, UE 29), e uma zona periférica, ao longo das paredes da câmara (UE 63), entre estas e as lajes de xisto que constituem o limite inferior da unidade UE 29. Nesta fase do conhecimento do conteúdo deste monumento funerário a zona da câmara aparenta reunir o maior número de ossadas (cf. Fig. 13).

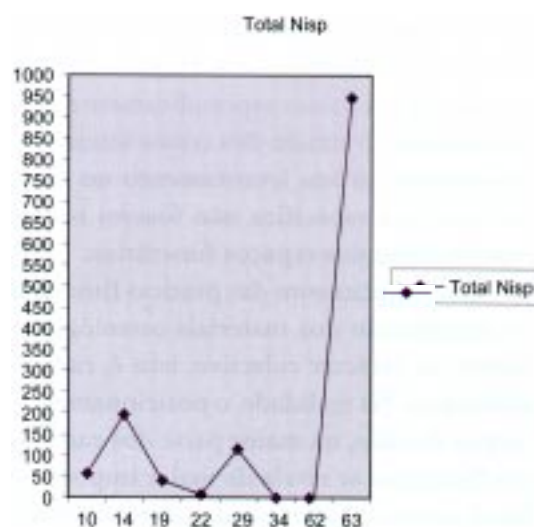


Fig. 13 Número total de fragmentos ósseos recolhidos em cada unidade estratigráfica.

De facto, a maior parte dos ossos humanos recuperados provêm da câmara e, mais concretamente, da área junto às paredes da mesma (UE 63), zona que se julga ter sido coberta por um tecto de lajes de xisto cujo derrube não teria afectado as ossadas que se encontravam ao longo da parede. Confirmando-se esta hipótese, este conjunto de ossos humanos fariam parte dos esqueletos provavelmente presentes no nível inferior, sob a UE 29, zona que não foi possível escavar na primeira fase de trabalhos arqueológicos. Esta será uma hipótese a verificar em futuras intervenções arqueológicas. Serão, então, extremamente úteis as observações individuais sobre as lesões paleopatológicas e outras características individuais que facilitem a reconstituição do ‘puzzle’ de esqueletos que possam, eventualmente, estar depositados sob o derrube.



Além da concentração de ossos na zona adjacente às paredes da câmara, os contextos 14 e 29, situados no interior desta, possuem mais ossos humanos do que as áreas adjacentes do monumento — o corredor e o “átrio”. A distribuição das ossadas parece ser lógica, dado que os monumentos deste tipo (com câmara e corredor), típicos do megalitismo em geral, parecem ter sido utilizados como área mortuária precisamente no seio da câmara (Oliveira, 1997).

Identificada a área de concentração mais significativa de ossos humanos, procedeu-se à detecção de possíveis núcleos de partes anatómicas específicas em determinadas zonas do monumento. A análise da distribuição espacial dos diversos elementos anatómicos revelou um padrão interessante: os ossos cranianos estão maioritariamente representados na zona da câmara e, mais concretamente junto às paredes (UE 63). Esta tendência (mais óbvia do que qualquer outro padrão visível na distribuição dos ossos dentro do monumento) mantém-se nas UE's 14 e 29, contextos que se localizam, igualmente, dentro da zona da câmara, mas a um nível superior (cf. Fig. 14).

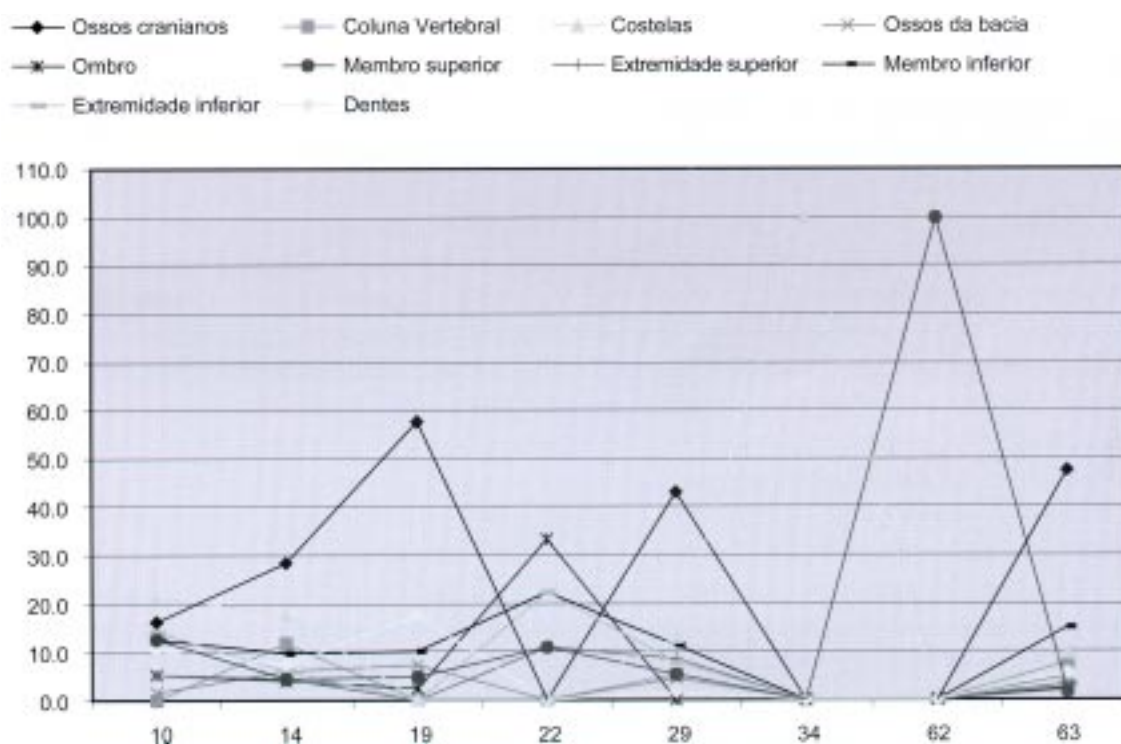


Fig. 14 Distribuição das diversas unidades anatómicas em cada unidade estratigráfica.

O segundo padrão observado é a presença exclusiva de ossos cranianos e dos membros inferiores e superiores na UE 19 ou seja, na zona designada por átrio, onde o espólio arqueológico recuperado é extremamente rico. Esta zona deve corresponder, assim, a um espaço de enterramentos secundários, tendo nela sido depositados unicamente ossos das partes anatómicas referidas, não sendo reconhecidos quaisquer porções das extremidades (mão e pé), nem da caixa torácica. Embora sejam aparentes as distribuições preferenciais de costelas e ossos do membro superior nas UE's 34 e 62, respectivamente, estas são ilusórias, dado que se limitam a um número mínimo de ossos ( $n = 1$ ) recuperados em cada uma destas unidades.

À semelhança do padrão observado para os ossos humanos, a distribuição espacial dos *restos faunísticos* não aparenta ser ocasional; isto é, os ossos de animais devem ter sido colocados propositadamente no local, dado que se concentram, precisamente, na área correspondente à câmara do monumento, não estando presentes nem no átrio nem na zona do corredor. Assim, podemos sugerir, com certa segurança, que a presença de ossos de fauna está associada ao ritual funerário praticado pelas populações que utilizaram os Perdigões como local de habitat e de enterramento dos seus defuntos.

### **Número de indivíduos representados na colecção osteológica do Monumento dos Perdigões**

As ossadas humanas recolhidas durante os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Verão de 1997 caracterizam-se por um elevado nível de fragmentação, identificável através da comparação do número de fragmentos recuperados (NISP) com o número de indivíduos identificáveis a partir da quantificação de elementos anatómicos específicos (MNI). Com efeito, se o número total de ossos humanos (incluindo fragmentos) ultrapassa os 1300 elementos, o número mínimo de indivíduos representados limita-se a seis (dois adultos e quatro crianças).

O cálculo do MNI foi efectuado através da contagem do número de regiões anatómicas específicas de cada osso, que não se repetem no esqueleto humano e que nos permitem, por isso, calcular o número mínimo de indivíduos representados (Lyman, 1994; White, 1992). Contudo, devemos ter presente que este valor representa o número *mínimo*, que não corresponde, necessariamente, ao número real de indivíduos que produziram o espólio aqui identificado. Uma aproximação mais exacta só poderia ser possível através da remontagem de fragmentos ósseos que possam corresponder a um mesmo indivíduo e pela comparação das características anatómicas específicas de cada osso. O elevado nível de fragmentação das ossadas não nos permite identificar nem a idade nem o sexo dos indivíduos, tornando mais difícil a identificação do número real de esqueletos presentes. Contudo, foi possível analisar alguns elementos diagnósticos (sínfises púbicas, extremidade medial da clavícula e porção basilar occipital) que nos permitem identificar três indivíduos (dois adultos e uma criança), com base nos parâmetros definidos pelas normas internacionais de análise antropológica (Buikstra e Ubelaker, 1994; Steele e Bramblett, 1988).

Para além destes pequenos elementos diagnósticos, foram igualmente recolhidos alguns fragmentos da dentição de diversos indivíduos, únicos indícios, aliás, da presença de mais esqueletos do que o número mínimo sugerido pela análise unicamente osteológica. O cálculo efectuado a partir da dentição, baseou-se nas tabelas estabelecidas para o ritmo de desenvolvimento dentário de populações actuais (Moorees [et al.], 1963). Concretamente, podemos identificar, a partir da dentição, a presença de elementos dentários de quatro indivíduos jovens, de idade subadulta:

### **Notas finais sobre a análise antropológica dos restos osteológicos recolhidos no Monumento Funerário dos Perdigões**

A análise dos restos osteológicos até hoje recolhidos no complexo arqueológico dos Perdigões demonstrou que o monumento pode fornecer pistas importantes para esclarecer a organização do espaço funerário, adoptada pelas populações calcolíticas na região. Com efeito, o facto de terem sido recolhidos ossos humanos no monumento é, por si só, importante, dada a usual destruição de todos os elementos ósseos em outros contextos semelhantes do Alentejo.

Só por este facto, a que se une a boa preservação do monumento em si, e as técnicas de escavação rigorosas utilizadas, o monumento reveste-se da maior importância no contexto do Calcolítico alentejano e, de uma forma mais geral, da Pré-História peninsular.

Os dados observados a partir dos fragmentos de ossos de fauna e humanos, recolhidos durante os trabalhos arqueológicos de 1997, permitem afirmar, em primeiro lugar, que a estrutura foi utilizada como local de enterramento, embora possivelmente de carácter secundário. Com efeito, a presença mais numerosa de ossos do crânio, bem como dos membros superiores e inferiores, sugere uma utilização num segundo momento do ritual funerário, correspondente a uma trasladação para o local de porções de ossadas que representassem o esqueleto total. Esta hipótese, contudo, só poderá ser confirmada após a escavação, na totalidade, da câmara funerária onde, todos os dados indicam está concentrada a vasta maioria dos restos humanos.

A distribuição espacial dos diversos elementos anatómicos parece indicar que o espaço tumular foi utilizado de uma forma intencionalmente organizada: isto é, há certas áreas do monumento que possuem, preferencialmente, um certa porção do esqueleto. Os dados apresentados apontam, nomeadamente, para uma preferência da deposição dos ossos cranianos dentro da câmara e junto às paredes da mesma.

A estrutura arquitectónica do túmulo parece ter sido respeitada no ritual funerário; isto é, a zona do corredor forneceu poucos elementos ósseos, o mesmo acontecendo com a área designada por “átrio”. Nesta, a presença exclusiva de elementos cranianos e dos membros inferiores e superiores sugere que o espaço seria reservado estritamente a deposições secundárias. Contudo, não podemos excluir a hipótese de os ossos ali recuperados serem fruto de uma perturbação pós-deposicional de toda a área do monumento. A compreensão mais detalhada desta estrutura exige, contudo, a continuação da escavação da zona da câmara, claramente preferida para a colocação dos ossos humanos e visivelmente bem conservada. Será possível, assim, compreender os mecanismos de gestão deste espaço funerário e o tipo de rituais de enterramento aqui praticados pela população que habitou o povoado calcolítico dos Perdigueiros.

## A cultura material — alguns aspectos MIGUEL LAGO

A escavação realizada em diferentes áreas do sítio veio acrescentar, aos já recolhidos à superfície, um volume de restos arqueológicos impressionante, incluindo artefactos, restos osteológicos e malacológicos, bem como de carvões. Estes elementos deverão ser enquadrados, num futuro que esperamos seja breve, num programa sistemático de estudos.

Em função dos dados obtidos em todas as fases realizadas, dada a sua quantidade, os meios e o tempo disponíveis, foram seleccionadas para análise algumas amostragens artefactuais e osteológicas.

Assim, ao nível da componente cerâmica, a abordagem foi genérica a algumas colecções, entre as quais se destacam as dos recipientes. Em termos de formas e temáticas/técnicas decorativas, foram elaboradas tabelas que serão necessariamente produto de uma primeira abordagem e que carecem de acrescentos, rectificações e sistematizações cronológicas. Foram, também, concretizadas análises específicas em contextos integralmente escavados e particularmente relevantes, tendo-se procedido a análises mais sistemáticas e estatísticas para os universos contextualizados da UE 26 (Sector 3) e do monumento funerário escavado. Ainda ao nível da cerâmica, abordou-se especificamente o fenómeno campaniforme.

A utensilagem lítica foi abordada especificamente no caso do monumento funerário e de dois contextos seleccionados do Sector 3 (UE's 26 e 52) porque integralmente escavados e sobrepostos.

A análise realizada aos restos humanos não estava de forma alguma prevista. Apesar disso, foram disponibilizados os meios possíveis para que dados preliminares enriquecessem a informação arqueológica. Os dados obtidos, para além de significativos e inéditos para a região, permitem perspectivar análises futuras.

## Análise da componente cerâmica ANTÓNIO VALERA

### Os recipientes

Mais do que em qualquer outra categoria artefactual, a análise da componente cerâmica ao nível dos recipientes confrontou-se com um extenso rol de materiais que, entre recolhas de superfície de fragmentos significativos (bordos, carenas, bases, bojos decorados, pegas, etc.) e recolhas em escavação, ultrapassam os 20 000 fragmentos de peças individualizáveis. Deste modo, visando uma primeira caracterização genérica do aparelho cerâmico presente no povoado dos Perdigões, tomaram-se as seguintes opções:

- proceder a uma caracterização fundamentalmente baseada na morfologia dos recipientes, elaborando-se uma tabela genérica de formas (Fig. 15);

- seleccionar, como universo de análise, a totalidade dos fragmentos cerâmicos significativos provenientes da UE 26 do Sector 3 de quatro Unidades Estratigráficas do Monumento Funerário 1;

- juntar aos universos anteriormente referidos um conjunto de materiais provenientes de recolhas de superfície, procurando criar um universo que abrangesse todas as formas que foram identificadas (ainda que de forma não sistemática), de maneira a que a tabela tipológica pudesse proporcionar uma imagem mais aproximada da globalidade das morfologias dos recipientes cerâmicos presentes no povoado;

- proceder a uma abordagem estatística primária apenas para os universos contextualizados do Monumento Funerário 1 e da UE 26;

- descrever a totalidade das técnicas e organizações decorativas presentes nas cerâmicas do povoado.

Os resultados desta primeira abordagem da componente cerâmica do povoado dos Perdigões terão, assim, que ser utilizados de forma cuidadosa. Concretamente, no que respeita à tabela de formas, a sua utilização terá que ter em conta que não foi feito um estudo sistemático de vários milhares de peças de superfície e de alguns dos sectores de escavação. Do mesmo modo, tendo alguns tipos sido definidos a partir de materiais de superfície, a tabela funciona mais como uma caracterização geral provisória do aparelho cerâmico presente no povoado ao longo de toda a sua vida, não definindo alterações e permanências morfológicas que possam ter eventualmente ocorrido nesse aparelho cerâmico durante a sequência cronológica de utilização do sítio.

Por outro lado, a caracterização estatística das amostras contextualizadas não pode ser generalizada a todo o povoado. Umam correspondem a um contexto funerário específico e outra a um contexto aparentemente habitacional, mas ainda não totalmente compreendido, não se sabendo se são representativos da totalidade do aparelho cerâmico do povoado, ou se caracterizam realidades específicas, espacialmente e cronologicamente balizadas.

Quadro 2 – Descrição da tabela morfológica dos recipientes cerâmicos

<i>Tipos</i>	<i>Subtipos</i>	<i>Descrição</i>
1		Pratos – Formas abertas, muito pouco profundas ( $IP < 20$ ), de base convexa ou convexo-aplanada.
	1.1	Pratos de bordo sem espessamento.
	1.2	Pratos de bordo espessado internamente (inclui almendrados).
	1.3	Pratos de bordo biespessado (Inclui almendrados).
	1.4	Pratos de bordo espessado externamente.
2		Taças – Recipientes abertos ou ligeiramente fechados, de pouca profundidade ( $20 < IP < 50$ ), de base convexa ou convexo-aplanada.
	2.1	Taças de bordo direito ou arredondado, de configuração em calote esférica ou com um pequeno tronco cilíndrico sobreposto à calote (c – d).
	2.2	Taças de bordo bi-espessado e base convexa.
	2.3	Taças abertas ou ligeiramente fechadas de base convexo-aplanada.
	2.4	Taças fechadas de base convexa.
3		Taças carenadas (nota à tabela morfológica) – Recipientes pouco profundos ( $10 < IP < 40$ ), compostos por uma base em calote esférica ou aplanada e por um corpo troncocónico, romboidal ou hiperbolóide. Apenas num caso (3.3 f) o perfil interno apresenta uma configuração não composta, sendo em calote.
	3.1	Taças carenadas de corpo romboidal, com carena média (a) e alta (b).
	3.2	Taças carenadas de corpo troncocónico, com carena baixa (a), média (b) e alta (c).
	3.3	Taças carenadas de corpo hiperbolóide, com carena baixa (a), média (b) e alta (c).
4		Tigelas – Recipientes abertos ou fechados, de configurações à base da esfera e da elipse. Distinguem-se das taças por apresentarem por apresentarem índices de profundidade mais elevados.
	4.1	Tigelas abertas pouco profundas ( $IP < 70$ ), bordo plano ou arredondado.
	4.2	Tigelas fundas ( $IP > 70$ ).
	4.3	Tigelas fechadas, apresentando, por vezes, o bordo espessado externamente (c).
	4.4	Tigelas fundas (?) de bordo em aba.
5		Esféricos – Recipientes de corpo esférico.
	5.1	Esférico simples.
	5.2	Esférico simples de base aplanada.
	5.3	Esférico achatado.
6		Potes – Recipientes de paredes convergentes para o bordo, predominantemente rectas, com base aplanada.
7		Globulares – Vasos de corpo globular, com ou sem colo. Os recipientes sem colo apresentam, por vezes, pegos de orelha/mamílares.
	7.1	Globulares simples.
	7.2	Globulares de boca achatada e bordo espessado.
	7.3	Globulares com colo. Podem apresentar orifícios para suspensão.
8		Vasos de corpo superior troncocónico (paredes reentrantes) – Vasos, para os quais apenas é possível reconstituir a parte superior do recipiente, sendo esta troncocónica. Podem, por vezes, apresentar o bordo espessado externamente (d) e pegos de orelha/mamílares

<b><i>Tipos</i></b>	<b><i>Subtipos</i></b>	<b><i>Descrição</i></b>
9		Vasos de carena média/alta – De base provavelmente em calote esférica, separada de um corpo troncocónico por uma carena, de localização média alta.
10		Tigelas de carena média/baixa – Recipientes de fundo em calote, separado de um corpo troncocónico por uma carena, de localização média/baixa. Distinguem-se claramente das taças carenadas pelo seu maior índice de profundidade (IP > 50).
11		Taça de perfil em S – Taça de fundo em calote esférica, separada de um corpo bi-troncocónico por uma carena esbatida.
12		“Copos” troncocónicos ou cilíndricos – Recipientes de corpo ligeiramente troncocónico/ /troncocónico invertido ou cilíndrico, de base plana com arestas arredondadas.
13		Vasos de paredes rectas – Corpo do recipiente cilíndrico ou subcilíndrico.
	13.1	Com lábio exvertido. O único exemplar analisado apresenta aplicações plásticas tubulares internas, com furos de suspensão.
	13.2	Com lábio e corpo cilíndrico.
14		Pote carenado de colo troncocónico – Recipiente com colo alto, de perfil troncocónico, separado do corpo por uma carena alta. Bem vincada. Apresenta mamilos com furos para suspensão.
15		Mini-vasos – Vasos cuja diferenciação se baseia essencialmente no tamanho e não na forma. As morfologias são variadas, mas apresentam sempre dimensões muito reduzidas, com diâmetros de boca que não ultrapassam os 4 cm.
16		Vaso de pé alto – Pequeno recipiente de base convexo-aplanada e paredes côncavas. A cavidade interna, de configuração em calote, é muito pequena, restringindo-se ao terço superior do vaso, funcionando os restantes dois terços como uma espécie de pé alto.
17		Vasos Campaniformes – Recipientes que se distinguem pela sua configuração acampanada e que receberam ou não decoração tradicionalmente associada ao fenómeno campaniforme.
18		Vasos suporte – Objectos cerâmicos tubulares, cilíndricos ou subcilíndricos (com estrangulamento a meio). A denominação implica já um critério de funcionalidade, que lhe é tradicionalmente atribuído.

Nota à Tabela Morfológica: Na elaboração da tipologia dos recipientes tradicionalmente designados por “taça carenada”, elegeram-se como atributos fundamentais a morfologia do corpo do recipiente acima da carena e a altura da carena. De acordo com o primeiro atributo, consideraram-se as morfologias troncocónica, hiperboloide e romboidal (segundo Gonçalves, 1995). Para o segundo atributo consideraram-se três classes: muito altas e altas, médias, baixas e muito baixas (segundo os intervalos de classe propostos por Silva e Soares, 1976-1977).

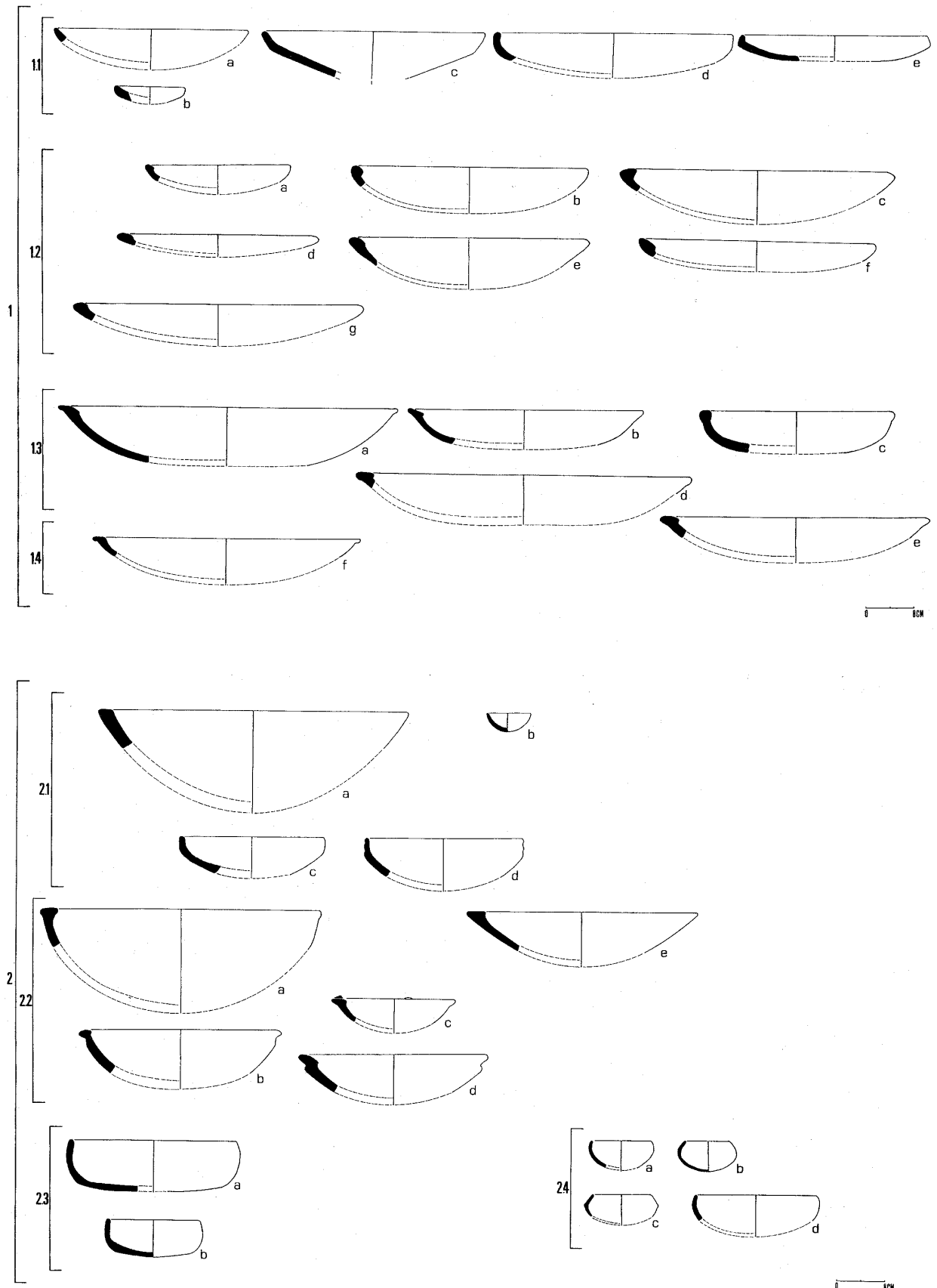
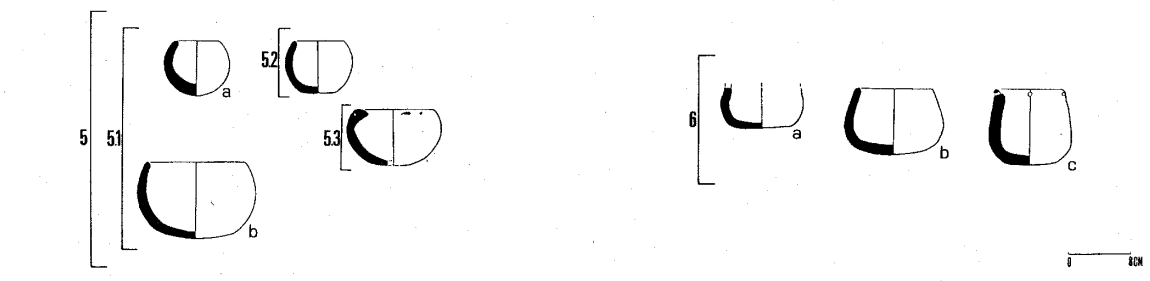
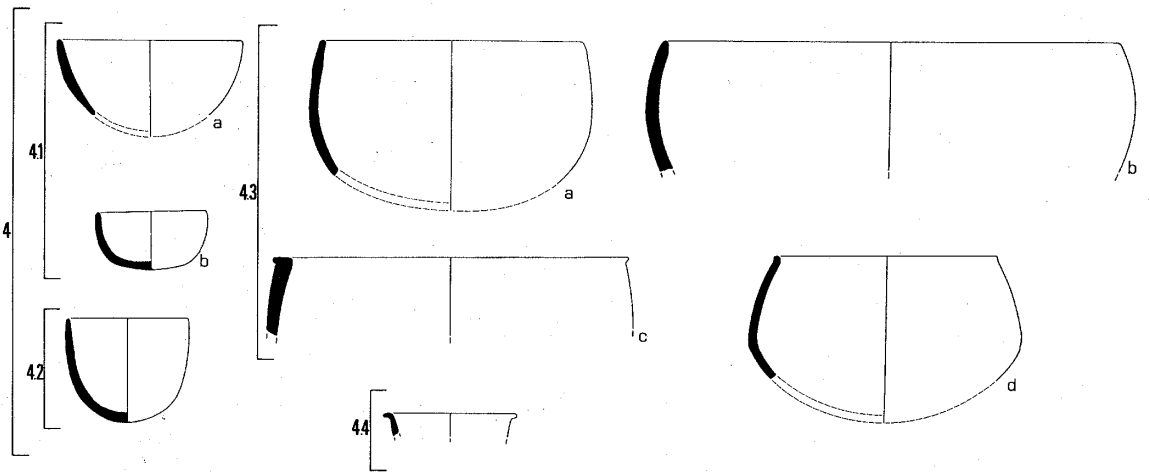
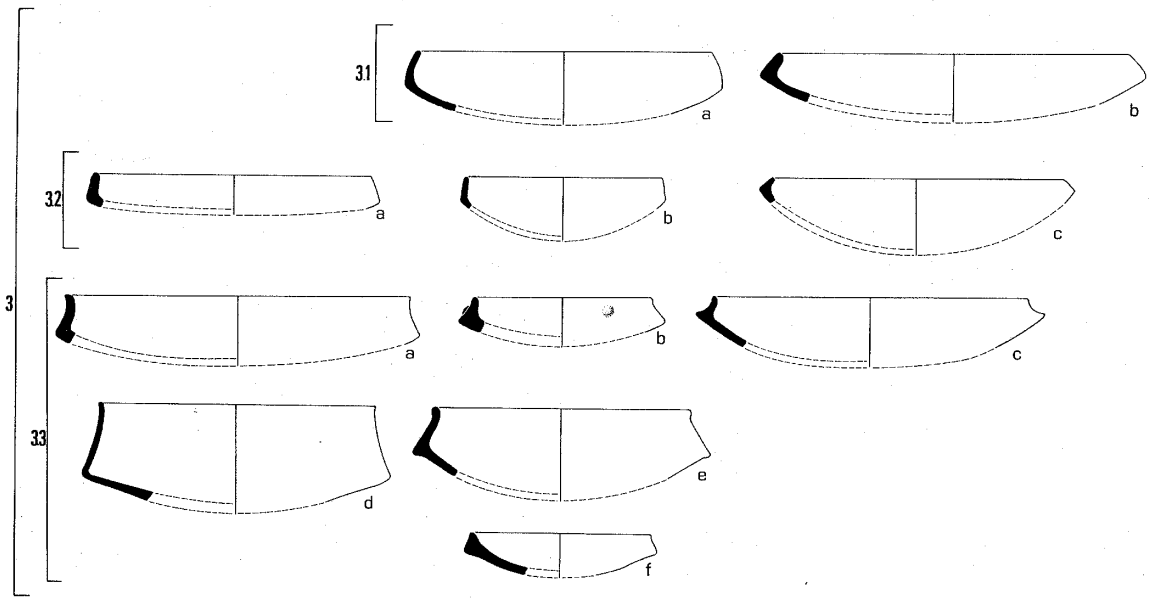
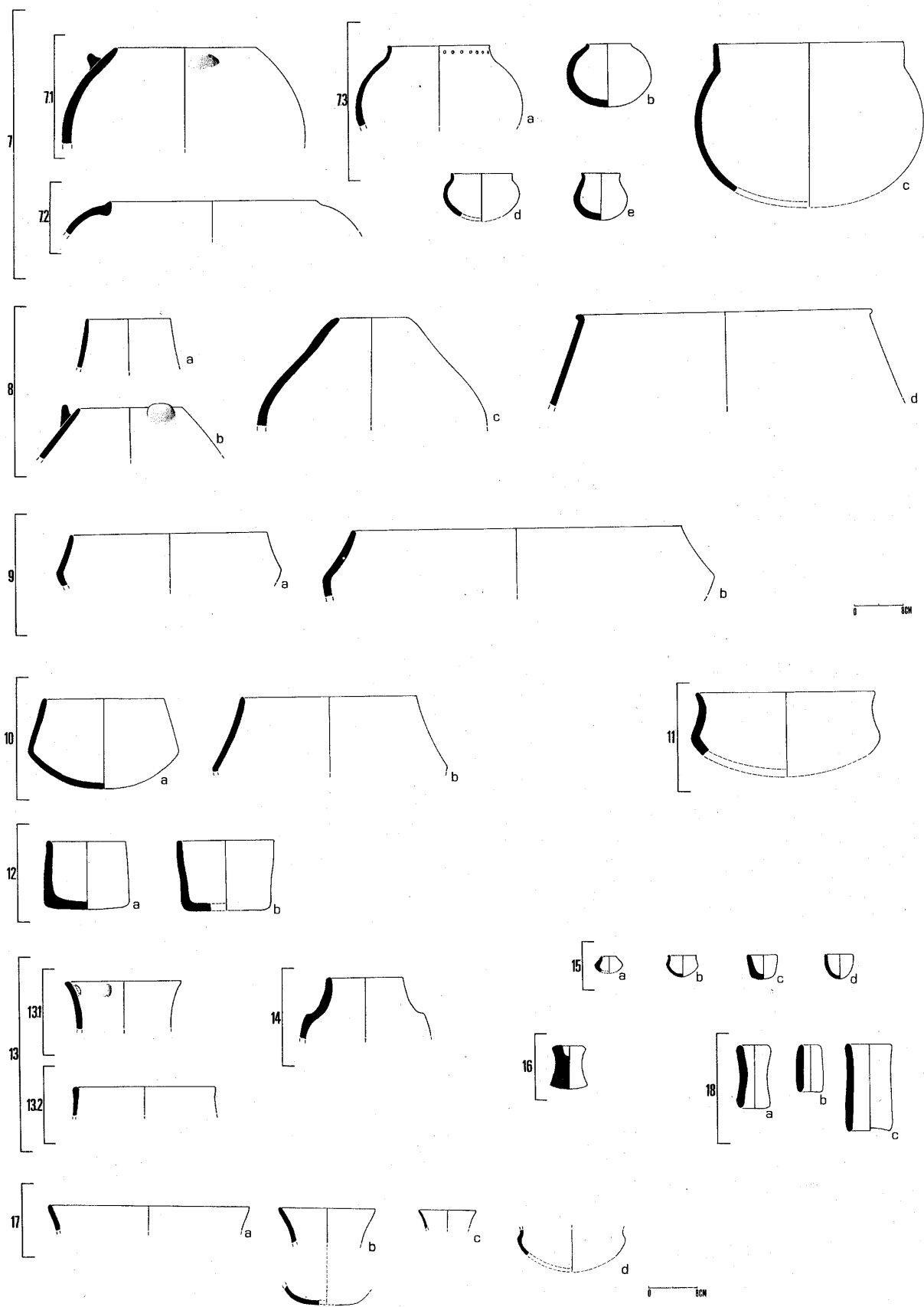


Fig. 15 Quadro morfológico dos recipientes cerâmicos do Povoado dos Perdigos.







A análise da decoração dos recipientes cerâmicos não campaniformes foi realizada sobre uma amostra de 90 exemplares, provenientes das recolhas de superfície e das recolhas em escavação. Portanto, tal como para a análise morfológica, as seguintes observações correspondem a uma abordagem global, assumindo uma eventual condensação de vários momentos cronológicos.

Quadro 3 – Técnicas decorativas de recipientes cerâmicos		
<i>Técnica decorativa</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>%</i>
Impressão	16	18.9
Incisão	31	34.4
Impressão/Incisão	32	35.5
Aplicações plásticas	5	5.5
Aplicações plásticas e impressão	4	4.4
Aplicações plásticas e incisão	1	1.1
Total	90	99.8

No que respeita às técnicas utilizadas (Quadro 3), estão presentes a impressão, a incisão, a conjugação das duas, a aplicação plástica e a conjugação desta com a incisão ou impressão. Dominam, como técnicas mais utilizadas, a conjugação impressão/incisão (35,5%) e a incisão (34,4%), seguindo-se a impressão (18,9%). A aplicação plástica, simples ou conjugada com incisões ou impressões, tem uma expressão relativamente baixa, atingindo um total de 11%. Refira-se, contudo, que foram recolhidos à superfície e em escavação, vários bojos com mamilo, tendo o seu reduzido tamanho impedido a determinação de se estas aplicações plásticas tinham uma função exclusivamente prática (elementos de prensão) ou se faziam parte de organizações decorativas. Não foram, por isso, contabilizados, mas a possibilidade de poderem corresponder também a decorações aconselha a que se admita que a percentagem global desta técnica decorativa possa ser um pouco superior aos 11%.

O recurso ao preenchimento com pasta branca de impressões e incisões foi reconhecido em vários exemplares, na maioria dos casos associado a motivos e organizações integráveis na designada cerâmica simbólica, verificando-se que é uma prática também utilizada na decoração da cerâmica campaniforme. Refira-se, ainda, embora com baixa representatividade, a presença da técnica de revestimento almagrado (aqui não contabilizada como técnica decorativa).

A descrição das organizações decorativas (classificação condicionada pelo grau de fragmentação da cerâmica), conduziu à organização genérica apresentada na Fig. 16 e que a seguir se descreve.

1) Corresponde à tradicionalmente designada “cerâmica simbólica” (Gonçalves, 1992, p. 224). Nos Perdígões surgem sobretudo organizações com o triângulo inciso preenchido por ponteados impressos, associados ou não às linhas zigzagueantes paralelas, quase sempre igualmente preenchidas por ponteados impressos. Os triângulos podem estar associados a pequenas caneluras, surgindo, por vezes, organizados em bandas horizontais, estando os motivos da banda inferior em situação invertida relativamente aos da banda superior. Os bicos dos triângulos das duas bandas podem tocar-se ou não. Em certas situações (ex. 1 J e 1 I), é o preenchimento pelo exterior das linhas zigzagueantes paralelas que cria a imagem de uma sequência de triângulos preenchidos. Num exemplar (1 O) surge o que parece ser um triângulo preenchido e um olho solar, enquanto noutra surge o motivo solar realizado com

dois círculos concêntricos e traços radiais (1 P). Noutro caso (1 Q), os dois olhos estão representados, cada um através de um ponto central e de um círculo realizado à base de pontos. No topo da organização, traços incisos paralelos, parcialmente ondulantes, podem representar as pinturas faciais ou mesmo o cabelo (já que as primeiras surgem normalmente ao lado dos olhos e não por cima e a representação de cabelo é conhecida em alguns ídolos — ex.: ídolo de Mena e ídolos de La Pijotilla). A técnica utilizada é sempre a conjugação da impressão/incisão, à qual surge frequentemente associada a incrustação de pasta branca

2) Organizações à base de fiadas horizontais ou verticais de pontos impressos, enquadrados ou não por caneluras horizontais incisas. Em alguns casos formam-se autênticas bandas horizontais de fiadas paralelas (ex. 2 A e 2 B). Convém realçar que esta organização em bandas de fiadas de pontos encontra paralelos em recipientes campaniformes, onde imitam a temática marítima. Veja-se os casos da Fraga da Pena (Valera, 1997), na Beira Alta, e Zambujal na Estremadura. As técnicas utilizadas são a Impressão e a conjugação impressão/incisão.

3) Organização à base de métopas delimitadas por linhas incisas verticais paralelas e preenchidas por ponteados incisos. Num caso (3 A), formam uma espécie de xadrez. A técnica utilizada é sempre a conjugação impressão/incisão.

4) Bandas horizontais e/ou verticais de impressões em forma de crescente (feitas com a unha?). Aparecem isoladas ou associadas a motivos com ponteados impressos, nomeadamente a métopas definidas por traços verticais incisos (semelhantes às do tipo 3) ou a triângulos preenchidos. Neste último caso, o triângulo poderá corresponder a um dos elementos da simbólica da Deusa Mãe, o que aumentará a representação desta temática simbólica. A associação contextual das bandas de impressões em forma de crescente com a cerâmica simbólica (embora não no mesmo recipiente) surge igualmente, na região, na Anta Grande do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1985). As técnicas utilizadas são a impressão e a conjugação impressão/incisão, verificando-se, por vezes, a incrustação de pasta branca, facto que também aproxima esta organização da cerâmica simbólica.

5) Organizações em bandas realizadas à base de motivos “espinhados”. A técnica utilizada é sempre a incisão.

6) Organizações à base de caneluras horizontais e traços verticais/diagonais. Estes motivos podem surgir isolados ou conjugados. A técnica utilizada é sempre a incisão.

7) Organizações à base de bandas horizontais, onde triângulos ou losangos (preenchidos por reticulado ou traços diagonais) surgem associados a caneluras horizontais, por vezes delimitando motivos espinhados. A técnica utilizada é sempre a incisão.

8) Bandas de métopas realizadas à base de fiadas verticais e/ou horizontais de traços paralelos, num caso separadas por traços verticais. A técnica utilizada é exclusivamente a incisão, num caso com incrustação de pasta branca.

9) Banda horizontal, onde, a uma canelura, se associam motivos impressos. Um dos dois casos poderá corresponder a “folha de acácia” (Fig. 16, n.º 9 b). As técnicas utilizadas são a impressão e a incisão.

10) Bandas de elementos básicos impressos. A técnica é exclusivamente a impressão.

11) Bandas horizontais ou verticais “penteadas”. A técnica é a incisão.

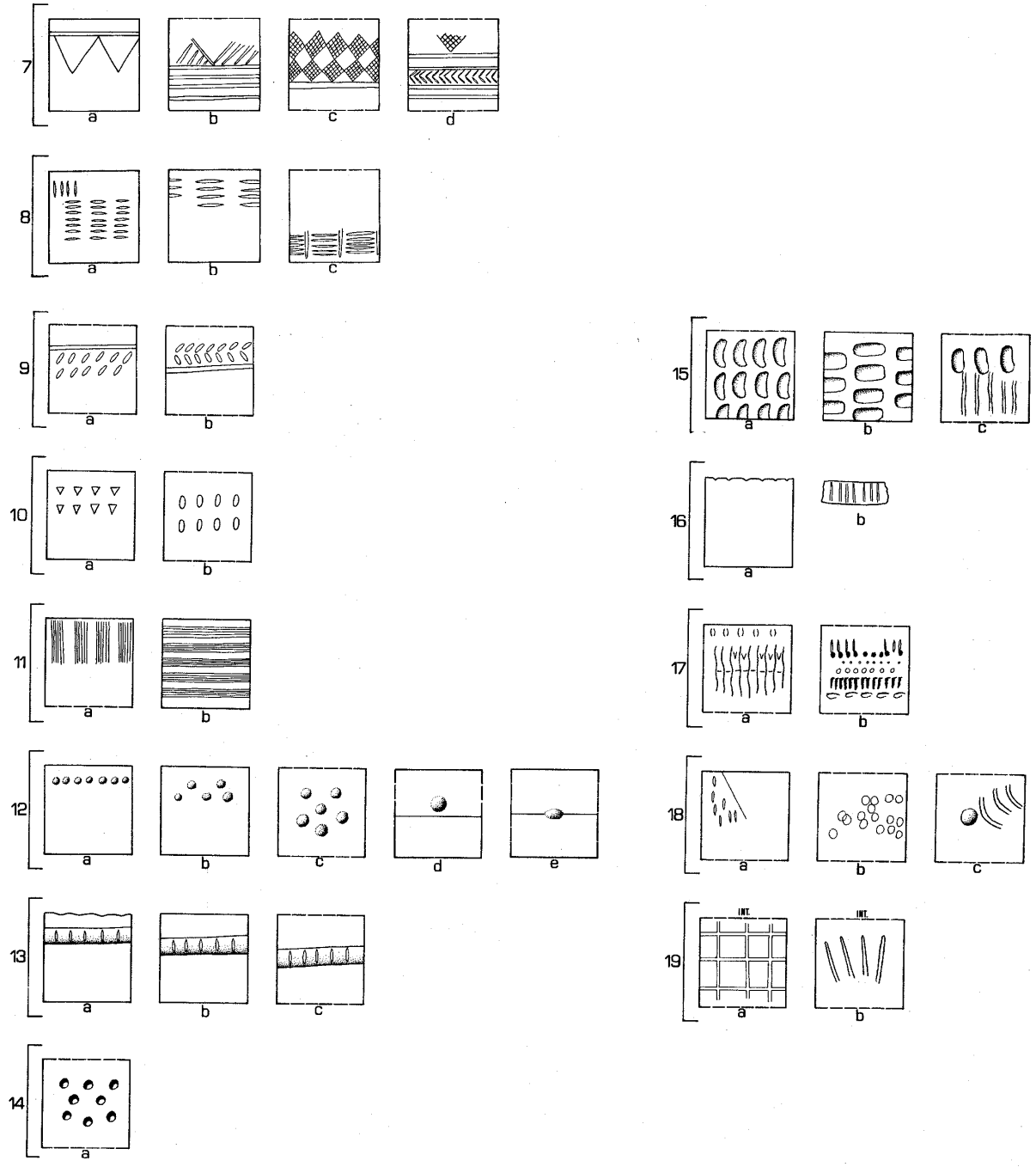
12) Aplicações em cadeia ou isoladas de mamilos ou “pastilhas” (mamilos pequenos e com pouco relevo). A técnica é exclusivamente a aplicação plástica.

13) Aplicação de cordões com finas impressões. Num caso o bordo é igualmente decorado com leves impressões. A técnica utilizada é a conjugação aplicação plástica/impressão.

14) Organização à base de perfurações mais ou menos profundas (mas que não trespass-



Fig. 16 Técnicas e organizações decorativas dos recipientes cerâmicos.



sam a totalidade da parede do recipiente), dispersas sem uma estruturação aparente. A técnica é, aparentemente, a impressão.

15) Organização, aparentemente abrangente, obtida através de fiadas de grandes e profundas impressões (possíveis unguiações), podendo aparecer associadas a traços. As técnicas utilizadas são a impressão e a conjugação impressão/incisão.

16) Corresponde ao simples “dentear” do bordo, através de finas impressões ou, no caso de um bordo espessado, através de traços incisos perpendiculares ao bordo. A técnica é a impressão e a incisão.

17) Organizações de tendência horizontal, elaboradas através de uma complexidade de elementos básicos, onde se junta traços, pontos e outros elementos produzidos através de outras matrizes. A técnica é conjugação impressão/incisão.

18) Organizações indeterminadas devido ao reduzido tamanho dos fragmentos. Em dois dos três casos em questão, a técnica utilizada é a conjugação impressão/incisão, enquanto que no restante é a conjugação aplicação plástica/incisão.

19) Organizações decorativas no interior dos recipientes. Embora estas organizações pudessem ser tematicamente incorporadas em organizações já definidas, foi considerado útil separá-las devido à especificidade da sua localização. Nos três casos identificados (três bojós), dois correspondem a um reticulado e um a traços convergentes. Este último caso poderá ser interpretado como um motivo solar raiado. Trata-se de um fragmento aplanado, podendo corresponder a um fundo de prato, forma na qual é conhecido o desenho deste motivo (ex. Monte da Tumba — Silva e Soares, 1987). Teríamos, assim, mais um caso de “cerâmica simbólica” a juntar aos restantes.

Quanto à relação decoração/morfologia, nos quarenta casos em que foi possível determinar se a morfologia era aberta ou fechada, verificou-se que a decoração incidia sobretudo em recipientes fechados (formas mais utilizadas como suporte decorativo: 4, 5, 7 e 8), correspondendo a 82,5%. Esta incidência predominante parece, pois, voluntária, sobretudo se observarmos que as morfologias abertas representam 75% da amostra analisada na UE 26. Esta preferência por utilizar recipientes fechados como suportes para decoração exterior, igualmente identificada noutros povoados do III milénio a.C. noutras áreas regionais, foi já interpretada como uma escolha que se insere em estratégias de visibilidade das decorações e, portanto, das mensagens que encerram (para as decorações exteriores, os recipientes fechados apresentam, obviamente, um maior potencial de visibilidade, favorecendo a exposição da temática decorativa) (Valera, 1997, p. 81-83).

### Análise dos recipientes cerâmicos provenientes da UE 26, Sector 3

Convém, desde já, salientar que os elementos significativos relativos a recipientes cerâmicos registados na UE 26 (contabilizados no Quadro 4) correspondem sempre a fragmentos de recipientes (na maioria pequenos fragmentos), não existindo qualquer recipiente completo nem remontagens significativas. Este facto é importante para a compreensão de dois aspectos da informação seguidamente fornecida:

- tratando-se de fragmentos (de bordo, de carenas ou de bojo com aplicações plásticas), por vezes de reduzidas dimensões, a sua classificação tipológica fica mais dificultada; quando se verifica que algumas formas definidas a partir de recipientes de superfície inteiros ou possibilitando reconstituição total não estão presentes na UE 26, terá que se ter em consideração que alguns bordos poderiam eventualmente corresponder a algumas dessas formas;

- tratando-se exclusivamente de fragmentos de recipientes e sem remontagens significativas, estas cerâmicas parecem corresponder a um contexto de sucessivas acumulações de detritos com origem em actividades de cariz doméstico, devendo, pois, ser interpretadas como um conjunto globalmente contemporâneo, mas não simultâneo; o mesmo é dizer que a formação estatística diz respeito a um intervalo de tempo (o que correspondeu à formação da UE), que poderá ser mais ou menos longo; deste modo, a avaliação dos dados estatísticos e das presenças e ausências terá, necessariamente, que contemplar as interpretações sobre a origem e condições de formação desta Unidade Estratigráfica, e do próprio contexto onde esta se integra.

Quadro 4 – UE 26: classificação dos recipientes por tipo

<i>Tipos</i>	<i>Total de ocorrências</i>	<i>% do total de recipientes</i>
1	81	35
2	47	21
3	10	4
4	33	15
5	21	9
6	0	0
7	23	10
8	4	2
9	0	0
10	0	0
11	0	0
12	0	0
13	3	1
14	0	0
15	0	0
16	0	0
17	7	3
18	0	0

Da análise da amostra proveniente da UE 26 verifica-se que, na globalidade, predominam as morfologias abertas (75%) sobre as fechadas (25%). Consideram-se as taças carenadas como recipientes abertos uma vez que, apesar de apresentarem quase sempre índices de abertura inferiores a 100, as suas características morfológicas de taças com baixos índices de profundidade associadas a tamanhos normalmente médios/grandes lhes conferem uma utilização em tudo semelhante à dos recipientes abertos. Do mesmo modo, os recipientes com índices de abertura de 100, mas com elevados índices de profundidade (ex. tigelas fundas ou vasos de paredes rectas) foram considerados como recipientes fechados.

Em termos morfológicos, denota-se um claro predomínio dos pratos, que representam mais de 1/3 dos recipientes com forma atribuída. Seguem-se as taças as taças, representando cerca de 1/5 do total, correspondendo os esféricos e os globulares a cerca de 1/10 cada.

A taça carenada aparece representada com o reduzido valor de 4%, correspondendo a dez fragmentos que apresentam bordo e carena. Foram recolhidos mais dez fragmentos de carena que, por não apresentarem bordo, não foram contabilizados como recipientes.

Com presença vestigial surgem, ainda, os vasos de corpo superior troncocónico (2%), os vasos de paredes rectas (1%) e os recipientes campaniformes (2%).

Ao nível dos elementos de prensão, registou-se a presença de uma pequena asa horizontal tubular e nove pegas, sendo uma fragmentada no arranque e as restantes oito pegas de oreilha, das quais seis são de aplicação perpendicular à parede do recipiente e duas de aplicação diagonal. As pegas surgem normalmente associadas a recipientes de morfologia esférica ou globular.

Registe-se, também, a presença de seis fragmentos com mamilos em botão. Estes poderão corresponder a simples aplicações plásticas para prensão dos recipientes e /ou estarem integrados em organizações decorativas, o que pelo tamanho dos fragmentos não é identificável.

Embora, como já foi salientado, a análise efectuada tenha privilegiado a componente morfológica dos recipientes, em detrimento das componentes tecnológica e funcional, é importante salientar, desde já, dois aspectos relacionados com a tecnologia de fabrico: a presença (escassa) de almagre e a utilização de forma no fabrico de pratos.

A decoração surge com uma percentagem baixa (4,4%), correspondendo 3,1% a decorações campaniformes e 1,3% a decorações não campaniformes. Relativamente aos fragmentos que apresentam aplicações plásticas, tipo mamilo em botão, o seu estado de fragmentação não permite afirmar se se tratam de aplicações com funções de prensão ou não. Se as contabilizarmos como decoração, então a percentagem subirá para 7%, correspondendo 2,6% à decoração plástica.

As decorações campaniformes são descritas adiante. As não campaniformes (três fragmentos de bordo mais um fragmento de bojo) utilizam a técnica da impressão num caso, incisão noutra e impressão e incisão nos restantes dois. Numa situação há preenchimento de impressões com pasta branca. As aplicações plásticas, como atrás se referiu, são do tipo mamilo em botão. Os motivos decorativos, já que as organizações não são totalmente compreensíveis dado o reduzido tamanho dos fragmentos, correspondem a um triângulo inciso preenchido com puncionamentos laterais (com o referido preenchimento a pasta branca), uma banda realizada com uma linha horizontal incisa, com traços diagonais partindo desta e uma organização indeterminada. Encontram-se classificadas na tabela de tipologias de organizações decorativas nos tipos 1, 10 e 18.





Na realidade, a Tabela 6 evidencia que os recipientes que se encontram melhor conservados, para além do vaso de pé alto e de uma tigela, são sempre esféricos/globulares ou taças. Estes recipientes apresentam sempre dimensões muito reduzidas (com um diâmetro máximo superior a 10 cm apenas surge a tigela, com 13 cm). No caso concreto dos recipientes da UE 19 (uma taça, uma tigela, dois esféricos e vaso de pé alto), estes surgem num contexto onde ocorrem igualmente seis recipientes de calcário (cinco inteiros), uma concha de *pecten* e o depósito de várias pontas de seta. Acrescente-se que nos contextos da câmara os recipientes surgem associados a enterramentos, ocorrendo também alguns fragmentos de ossos humanos na UE 19. Na UE 53, onde não se registou qualquer osso humano, não existiam recipientes inteiros, mas apenas alguns fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões.

Deste modo, as diferenças de conservação dos recipientes e a recorrência morfológica dos que se apresentam em melhor estado, sugerem que a cerâmica das UE's analisadas no Monumento Funerário 1 pode obedecer a dois tipos diferentes de deposição:

- uma, correspondente a deposições de pequenas taças, de esféricos/globulares, da tigela e do recipiente de pé alto, associadas a outros artefactos não cerâmicos, que se relacionariam com os rituais funerários;

- outra, responsável pela acumulação de pequenos fragmentos de recipientes que representam um espectro morfológico mais vasto, eventualmente mais representativo da cerâmica doméstica do povoado.

Uma das possíveis explicações para a presença desta cerâmica muito fragmentada poderá ser a de uma acumulação de detritos provenientes do povoado. A aceitar-se esta solução explicativa convém, no entanto, salientar uma situação curiosa: a elevada presença de fragmentos carenados, que ao nível dos recipientes (e excluindo os que se encontram melhor preservados) representam 12,3% das formas, enquanto que os pratos tem apenas 4% (três fragmentos de bordo). Esta situação revela uma clara inversão relativamente à perspectiva fornecida pela UE 26 e pela própria recolha de superfície, onde os pratos têm uma representatividade relativa sempre muito superior à das taças. Assim, a representarem uma simples acumulação de detritos de proveniência doméstica, terá que se encontrar uma explicação para esta aparente inversão do peso relativo destas duas formas no monumento funerário.

A nível tecnológico, destaque-se a presença de um recipiente (uma pequena taça fechada) com paredes finas. Este atributo tecnológico, não surgindo com muita frequência (apenas seis ocorrências em todos os materiais registados no povoado), está presente, normalmente associado a pequenos recipientes de morfologia tipo taça (aberta ou fechada) ou pequenos vasos globulares.

Dos contextos analisados do monumento, apenas foram registados, na UE 19, três fragmentos decorados (um bordo e dois bojos) pertencentes a um mesmo recipiente e um bojo pertencente a um outro recipiente. O recipiente representado por três fragmentos apresenta uma decoração simbólica, composta por, pelo menos, duas bandas de triângulos preenchidos por ponteados, estando a banda superior associada a uma fina canelura e a banda inferior com os triângulos invertidos. As impressões e incisões estavam preenchidas com pasta branca. O outro fragmento decorado, muito pequeno, apresenta traços horizontais paralelos incisos.

Por último, saliente-se a forma pouco comum representada pelo Tipo 16 (recipiente designado, à falta de melhor termo, por *recipiente de pé alto*). A sua capacidade volumétrica é extremamente reduzida, afastando-o de funcionalidades quotidianas mais comuns. O seu aparecimento num contexto fechado relacionado com actividades rituais funerárias poderá explicar as suas características morfológicas. Existem paralelos no povoado dos Três Moinhos (Soares, 1992), em recolhas superficiais.

Nos Perdigueiros, convém realçar a sua associação a vasos de calcário, reconhecidamente utilizados em actividades relacionadas com o sagrado. A própria morfologia do recipiente cerâmico em questão é muito semelhante à de alguns vasos de calcário, nomeadamente a alguns recolhidos em La Pijotilla. Poderemos, assim, estar perante um tipo de recipientes cuja morfologia é adequada a funções específicas semelhantes, mas realizados em matérias-primas diferentes.

### **Algumas considerações breves sobre os recipientes cerâmicos não campaniformes do povoado dos Perdigueiros**

Em face das limitações já expostas, apenas é legítimo, de momento, avançar uma imagem global que será necessariamente uma prévia aproximação a esta realidade, condensando vários momentos da vida do povoado. Somente para o conjunto recolhido na UE 26, se poderá ir um pouco mais longe, mas nunca ultrapassando o campo das hipóteses de trabalho.

De entre as morfologias classificadas em tabela, a grande maioria integra-se com facilidade num quadro cultural que, de há longo tempo, se vem definindo no Sudoeste peninsular, encontrando paralelos tanto em contextos habitacionais como sepulcrais da região.

Embora ainda sem um suporte estratigráfico bem estabelecido e seguro, a presença de taça carenada nos Perdigueiros (com uma representatividade de 4% na UE 26 e um valor dois ou três pontos percentuais acima entre as recolhas de superfície) poderá ser utilizada para ancorar o arranque do povoado ainda na 2ª metade do IV milénio a.C.

Mário Valera Gomes, a propósito das escavações que realizou junto ao cromeleque dos Perdigueiros, considera a existência de um “povoado aberto” datável do Neolítico Final, tomando precisamente como indicadores a presença de taça carenada e de pratos de bordo de secção semicircular (Gomes, 1994, p.327).

Na Vidigueira, no povoado da Sala n.º 1, a taça carenada surge nos níveis 4, 5 e 6 do *locus* 1, referenciadas cronologicamente por três datações absolutas de radiocarbono que se enquadram (a  $2\sigma$ ) no intervalo de 3510-2910 a.C. Nestes níveis, a taça carenada aparece sempre associada a pratos e a recipientes robustos, fechados (esféricos e globulares), mamilados. (Gonçalves, 1987; Gonçalves, 1994). Situação semelhante parece ocorrer no povoado TESP3 da Torre do Esporão, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1990-1991).

A presença de taças carenadas, por vezes com extraordinária representatividade no Sudoeste Peninsular e, muito concretamente, na bacia do Guadiana, tem levado alguns autores a falar de um autêntico “horizonte de taças carenadas” (Enríquez Navascués, 1990; González Cordero, 1993), que, numa perspectiva historico-culturalista que não cabe aqui discutir, fazem corresponder ao Neolítico Final.

A visão de um determinado momento da investigação arqueológica que perspectivava a relação taça carenada/prato como uma relação de substituição abrupta, tem vindo a ser alterada pela recorrente associação, num mesmo contexto, destas duas morfologias cerâmicas. Mais do que presença/ausência, procura-se agora determinar a representatividade relativa.

Esta situação tem levado alguns autores, na elaboração de esquemas evolutivos e sequências artefactuais, a falar de um Neolítico Final com taças carenadas bem representadas, associadas a esféricos e globulares mamilados e a nenhuns ou raros pratos (estando ausentes os de bordo almendrado) e de um Calcolítico Inicial, onde, a par de uma significativa redução das taças carenadas (ainda assim presentes), se verificaria a ascensão dos pratos e o aparecimento

dos bordos almendrados (Silva, no prelo). Seria ainda neste momento que surgiriam toda uma série de elementos relacionados com o sagrado, como ídolos de cornos, ídolos-placa e cerâmicas simbólicas (Silva, no prelo).

Utilizando-se a datação de radiocarbono disponível para a fase IIA de Papa Uvas ( $4840 \pm 120$  BP — 3938-3356 cal BC<sup>8</sup>), o Neolítico Final corresponderia a meados do IV milénio a.C., enquanto que o Calcolítico Inicial integraria a 2<sup>a</sup> metade do IV/inícios do III milénio a.C., baseando-se nas datações da fase I do Monte da Tumba, Sala n.º 1 e S. Brás. Num terceiro momento, plenamente da 1<sup>a</sup> metade do III milénio a.C., a taça carenada praticamente desaparece e o prato, nomeadamente de bordo almendrado, domina (Silva, no prelo). Por exemplo, no Monte Novo dos Albardeiros, na Estrutura 2, datada de 2886-2460, estão presentes os pratos de bordo espessado, enquanto as taças estão totalmente ausentes (Gonçalves, 1994).

Outros autores preferem falar, de forma ambígua, de um Neolítico Final contemporâneo de um Calcolítico Inicial ou de um “Calcolítico Inicial neolitizante” (González Cordero, 1993, p. 244). Deste modo é criado para a Andaluzia, Extremadura e Sul de Portugal “un verdadero horizonte de transición o de formación (...) caracterizado por la asociación entre dos elementos definidores del Neolítico Final y del Calcolítico Pleno del SO — la cazuela carenada y los platos de bordes engrosados” (González Cordero, 1993, p. 245). Como exemplos desse “horizonte de transição” são apresentados Papa Uvas IV (fase datada de  $4480 \pm 70$  BP — 3364-2917 cal BC;  $4470 \pm 70$  BP — 3361-2915 cal BC;  $4330 \pm 50$  BP — 3078-2879;  $4110 \pm 50$  BP — 2875-2492 cal BC<sup>9</sup>) os níveis inferiores de Los Vientos de la Zarcita, Monte da Tumba I e El Lobo (note-se que as duas datações mais recentes de Papa Uvas IV são obtidas sobre conchas, não se contabilizando o efeito de reservatório oceânico, o que a ser feito as atiraria para valores semelhantes às duas mais antigas). Comum a estes contextos será o decréscimo da representatividade da taça carenada. Em termos cronológicos e artefactuais, este “horizonte de formação” corresponderia ao que Tavares da Silva designou por Calcolítico Inicial.

Neste contexto, sublinhe-se ainda a situação dos povoados do Torrão (Elvas) e Santa Vitória (Campo Maior) que, tal como os Perdigões, apresentam recintos definidos por sistemas de fossos e, no caso do primeiro, igualmente localizado junto a um cromeleque (Lago e Albergaria, 1995). No Torrão domina a taça carenada, sendo os pratos representados, até ao momento, por escassos exemplares. Em Santa Vitória verifica-se a situação oposta, contrastando a abundância de pratos (nomeadamente de bordo almendrado) com os 2,2% de taça carenada no conjunto das duas fases definidas (Dias, 1996).

Voltando aos Perdigões, o seu potencial informativo no contexto desta problemática, sendo evidente, é, de momento, difícil de explorar na sua totalidade, quer porque a área escavada é ainda muito restrita, quer porque os dados estratigráficos já obtidos não são de todo esclarecedores.

Relativamente à informação de superfície, as dificuldades decorrem de aí se condensar grande parte, se não a totalidade, da vida do povoado. Quanto à UE 26, se a interpretarmos como o preenchimento de uma eventual estrutura negativa e assumirmos que esse preenchimento reflecte um período de tempo não muito longo, poderíamos tratar o conjunto artefactual ali recolhido como globalmente contemporâneo. Assim, teríamos uma situação de associação contextual de taças carenadas (com uma representatividade de 4%), recipientes com pegas de orelha/mamilares (com uma representatividade semelhante) e pratos, claramente predominantes e com um panóplia de morfologias de bordo (do simples ao almendrado), a que se reúnem variadas morfologias de pesos de tear e a presença de cerâmica simbólica.

Esta associação artefactual e o peso relativo dos seus componentes poderia sugerir, à luz do que foi anteriormente exposto, que a formação da UE 26 se enquadraria numa altura em que as taças carenadas estariam em vias de desaparecimento e se processava afirmação do prato, nas suas variadas morfologias de bordo. À luz dos esquemas apresentados, este momento poderia ser integrável na 2ª metade do IV/início do III milénio a.C., numa fase inicial de afirmação do sistema Calcolítico. Contudo, a presença de recipientes campaniformes incisos levantam alguns problemas para um enquadramento cronológico tão recuado, sugerindo que a sedimentação da UE 26 poderá corresponder a um período de tempo mais lato, condensando detritos de vários momentos de utilização do povoado.

Contudo, não é de excluir que a fundação do povoado recue a um momento integrável no Neolítico Final regional, eventualmente associado à construção e/ou utilização do cromeleque. Esta possibilidade poderia explicar a situação verificada no Monumento Funerário 1, onde, nos fragmentos cerâmicos de reduzidas dimensões (cerâmica que não faz parte dos rituais funerários), a taça carenada apresenta uma percentagem bem superior à dos pratos. O Monumento Funerário 1, construção calcolítica, pode ter sido implantado precisamente numa área onde poderia ter existido uma ocupação mais antiga, situação que seria eventualmente responsável, através de processos tafonómicos decorrentes da construção e utilização do monumento, pela referida inversão da relação taças carenadas/pratos. Note-se que esta é a área do recinto do povoado mais próxima do cromeleque.

De qualquer forma, a perspectiva global do aparelho cerâmico, associada às restantes categorias artefactuais, sugere que o apogeu do povoado terá ocorrido num momento plenamente calcolítico.

Neste sentido destaca-se a grande representatividade da cerâmica decorada com motivos e organizações consideradas simbólicas, dentro da reduzida percentagem de cerâmica decorada.

Efectivamente, a nível peninsular, a simbólica da Deusa Mãe terá o seu epicentro nas áreas mais meridionais. Dali, e através de rotas terrestres, terá atingido a Estremadura portuguesa (Gonçalves). Porém, e seguindo outros caminhos chegou igualmente mais a Norte, estando presente na bacia do Mondego (dados inéditos), no Norte de Portugal (povoado de S. Lourenço — Jorge, 1986) e na Meseta norte espanhola (povoado de Las Pozas — Val Recio, 1983).

A presença de motivos solares na fase inicial do Monte da Tumba (Soares e Soares, 1987), sugere que esta simbólica, ou alguns dos seus motivos, poderão ter surgido ainda na 2ª metade do IV milénio a.C., pelo menos no sul peninsular, onde o processo de calcolitização parece ter sido mais precoce (Soares e Cabral, 1993). Também em S. Brás surgem fragmentos de cerâmicas simbólicas, não sendo, contudo, clara a sua associação às datações de radiocarbono que correspondem ao período 3500-2920 a.C. Quanto à sua perduração, a vigência destas representações simbólicas parece ser longa. Localmente, na Estrutura 1 do povoado do Monte Novo dos Albardeiros, esta cerâmica surge num contexto datado de 2470-1910.

Em termos contextuais, estas cerâmicas tanto surgem em contextos habitacionais como sepulcrais, sendo, a uma escala local, de destacar sua representatividade na Anta Grande do Olival da Pega, único monumento da área de Reguengos que forneceu este tipo de decorações. Aí, é interessante verificar a sua convivência com os motivos espinhados, com os motivos à base de traços radiais verticais em recipientes esféricos ou tipo tigela, ou a motivos à base de impressões em meia lua (Leisner, 1985, Est. XXX). Todos estes motivos se encontram igualmente representados nos Perdígões. Relembre-se que, neste povoado, as bandas de elementos em meia lua impressos surgem sozinhas (tal como em Olival da Pega) ou associadas a ponteados

ou triângulos cheios a ponteados e com incrustações a pasta branca, elementos reconhecidos como representativos da simbólica da Deusa Mãe.

Para além de formas e decorações que, sem grande dificuldade, se enquadram no círculo cultural do Sudoeste Peninsular, o aparelho cerâmico dos perdigões evidencia também inter-relações com regiões mais litorais e mais a Norte.

São exemplo disso a presença de recipientes globulares de bordo espessado com decoração incisa à base de caneluras, bandas de espinhas ou losângulos. Estas morfologias e organizações decorativas são características do Calcolítico pleno estremenho, onde surgem também associadas (quer formas, quer motivos) à “Folha de Acácia”. Os motivos em Folha de Acácia (ou na variante crucífera), presentes no interior Sul por exemplo no Monte da Tumba, não foram ainda claramente identificados nos Perdigões, existindo apenas um fragmento que poderá revelar uma tentativa de imitação daquele motivo.

A ocorrência destas formas e decorações nos Perdigões vem reforçar a ideia da relação terrestre com a área da Estremadura portuguesa, igualmente sublinhada pela presença de outros elementos, nomeadamente no campo do sagrado.

A presença de cerâmica com decoração penteada é também um indicador interessante no que respeita às relações transregionais durante o III milénio a.C. Em face das informações actualmente disponíveis, o povoado dos perdigões é o primeiro do Sul de Portugal em que é recolhida cerâmica com decoração penteada<sup>10</sup>. Este tipo de decorações ocorre com alguma frequência na vizinha Estremadura espanhola, onde surge normalmente associada, contextualmente e/ou no mesmo recipiente, às pastilhas repuxadas ou simplesmente aplicadas<sup>11</sup>, normalmente dispostas em bandas sob o bordo. A presença destas decorações na bacia do Guadiana (Las Cabrerizas II, Cerro de la Horca II, La Pijotilla) foram interpretadas como influências setentrionais (Hurtado e Amores, 1982; Hurtado, 1995), com possível origem no Sudoeste francês, na “Cultura de Fontbuisse”. Na bacia do Guadiana encontram-se datadas da 1ª metade do III milénio a.C., num momento pleno do Calcolítico regional.

Na realidade, embora começando a aparecer com mais frequência na bacia do Guadiana, as decorações penteadas encontram a sua grande expressão no centro/norte do Ocidente Peninsular (Centro e Norte de Portugal, Meseta Norte espanhola). Aí, estas técnicas, encontrando a sua grande divulgação a partir do III milénio a.C., encontram já antecedentes nas fases iniciais do Neolítico (Valera, no prelo): o sítio mais a sul que ocorrem no Neolítico Antigo é na Salema, no litoral alentejano (Silva e Soares, 1981); na Estremadura, surgem contextualizadas na Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992); na Beira Alta, no Buraco da Moura de São Romão e no Penedo da Penha (Valera, no prelo). A sua ausência na grande panóplia decorativa do Neolítico andaluz parece sugerir que efectivamente são uma intrusão de origem setentrional na bacia do Guadiana, que se opera já numa fase calcolítica, quando estão já bem divulgadas no Centro/Norte do Ocidente Peninsular.

Curiosamente, nessas regiões setentrionais, a sua associação a pastilhas repuxadas é escassa: na Estremadura portuguesa conhecem-se um exemplar em VNSP (Paço, 1942) e outro na Gruta do Caldeirão (Valera, 1993); na Beira Alta existe um exemplar no Buraco da Moura de S. Romão (Valera, 1993). Na Meseta Norte a sua presença é bastante mais vulgar, em sítios como Las Pozas (Val Recio, 1983), La Peña del Aguila, Sta. María, Alto del Quemado, El Canchal, Cerro del Ahorcado, Teso del Moral (López Plaza, 1978). Este facto sugere que a ligação com a bacia do Guadiana se terá processado pelo corredor Cáceres/Castelo Branco, via de comunicação Norte/Sul, em funcionamento desde os momentos iniciais da neolitização do interior peninsular (Sanches, 1995; Valera, no prelo).

Nos Perdígões, os penteados são escassos (dois exemplares, até ao momento), o mesmo acontecendo com os recipientes com pastilhas aplicadas. Não foi ainda documentada a técnica das pastilhas repuxadas, situação que contrasta com alguns povoados da vizinha Estremadura espanhola, onde as pastilhas repuxadas estão presentes com uma representatividade normalmente superior às aplicadas (González Cordero, 1993, p. 247). Situação semelhante parece ocorrer em Santa Vitória, onde ocorrem igualmente pastilhas repuxadas.

Outras organizações decorativas enquadram-se com facilidade nos esquemas decorativos que ocorrem desde cedo na região e periferias. São o caso das organizações à base de espinhas (tipo 5), presentes entre as raras decorações do megalitismo de Reguengos de Monsaraz (Anta Grande do Olival da Pega), na Estremadura espanhola (Araya) ou, já na bacia do Sado, no Monte da Tumba. As organizações tipo 6, nomeadamente as à base de traços verticais paralelos ou convergentes, partindo ou não de uma canelura sob o bordo, são bastante comuns desde os contextos do IV milénio na bacia do Guadiana. Ocorrem com frequência em Papa Uvas, El Carrascalejo, Araya, surgindo também no megalitismo de Reguengos (Anta Grande do Olival da Pega, Anta 1 do Passo). Algumas decorações impressas, nomeadamente dos tipos 15 e 10 são também conhecidas em Papas Uvas.

A decoração plástica à base de mamilos e de cordões plásticos horizontais denteados é igualmente comum na região em contextos habitacionais e sepulcrais. Contudo, deixa de sobressair o facto de, apesar dos inúmeros paralelos morfológicos e decorativos com a Estremadura espanhola que a cerâmica dos Perdígões apresenta, faltarem até ao momento nos Perdígões as decorações plásticas à base de cordões verticais (simples ou com pertuberâncias ou impressões), tão comuns em Papa Uvas.

Por último, e regressando alguns aspectos formais e tecnológicos, será igualmente interessante salientar os seguintes pontos:

- a ocorrência de cerâmicas de paredes finas, embora em baixa percentagem, com paralelos por exemplo em Santa Vitória. Estas cerâmicas têm surgido em contextos do III milénio tanto no Sul como no centro/norte do País; correspondem normalmente a pequenas taças em segmento esférico ou pequenas taças fechadas, por vezes com decoração mamilada; as paredes são fortemente polidas, resultando num brunimento de média qualidade;

- a presença de almagre, igualmente com baixas percentagens; juntamente com algumas decorações impressas e plásticas, tem sido visto como uma herança do Neolítico andaluz (Martín de la Cruz, 1986);

- a presença, embora aparentemente escassa, de copos. Trata-se de recipientes normalmente um pouco mais espessos e robustos que os homólogos da Estremadura. Apresentam morfologia cilíndrica ou ligeiramente trocónica, sendo lisos. Encontram paralelos, uma vez mais, em Papa Uvas;

- a aparente ausência de artefactos que documentem ocupações pós-calcolíticas; apenas uma taça de perfil em S (tipo 11), recolhida à superfície, poderá eventualmente representar um momento posterior de ocupação; contudo, tal não seguro, já que morfologias aparentadas são conhecidas em contextos calcolíticos de outras regiões (ex. Casalilla II no Alto Guadalquivir — Ruiz Rodríguez [et al.], 1986); por outro lado, um único artefacto é manifestamente pouco para se poder falar, pelo menos para já, num “outro momento de ocupação” do sítio.

Deste modo, tomando na globalidade as amostras analisadas, poder-se-á afirmar que o aparelho de recipientes cerâmicos dos Perdígões, manifestando a existência de contactos transregionais com zonas do litoral ocidental e áreas mais setentrionais, se integra num cír-

culo cultural que tem vindo a ser definido no Sudoeste Peninsular (Sul de Portugal, Estremadura Espanhola e Andaluzia Ocidental), correspondendo à segunda metade do IV e III milénio a.C.

### Vasos suporte

As morfologias presentes enquadram-se nas formas cilíndricas e hiperbolóides. Alguns dos que se encontra inteiros não são de grandes dimensões (num dos casos com um diâmetro máximo exterior de 4,4 cm e uma altura de 7,8 cm), apresentando grandes semelhanças com um exemplar publicado do Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987). Nestes casos de reduzidas dimensões, a sua funcionalidade como suporte é questionável (embora seja possível para, por exemplo, pequenos recipientes e mini-vasos, eventualmente utilizados em contexto de cerimónias mágico-religiosas), tendo sido sugerida a possibilidade de corresponderem ao corpo de pequenos tambores (Gonçalves, 1989, p. 308).

### Pequenos discos

Trata-se de pequenas peças em cerâmica de configuração circular, com diâmetros que rondam os 3 cm e espessuras até 1 cm. De um modo global, a sua morfologia assemelha-se a peças de um “jogo de damas”. A sua funcionalidade é desconhecida e o contexto em que surgiram nos Perdigões é de superfície. Poderão ser considerados como elementos de jogo, à imagem do que foi proposto para certos discos em pedra que ocorrem em contextos calcolíticos (Cardoso, 1994), ou corresponder a peças de qualquer artefacto composto, por exemplo de cariz ornamental, cuja reconstituição é impossível de realizar. Localmente existem peças semelhantes em contextos megalíticos, caso da Anta 1 de Vale Carneiro (Leisner, 1985, Est. XII).

### Colheres (Fig. 17)

Provenientes de recolhas de superfície e de escavação de contextos habitacionais, são bastante vulgares nos Perdigões e apresentam morfologias e tamanhos algo variados.

Em termos de tamanhos, existe toda uma sequência, que vai desde as pequenas colheres (com cerca de 5 cm de comprimento, incluindo o cabo) até aos grandes colherões, que ultrapassam os 20 cm.

Em termos morfológicos, embora não exista ainda um tratamento sistemático desta categoria artefactual, podem desde já destacar-se quatro tipos:

- pequenas colheres de pá oval ou elipsoidal com cabo ponteagudo e pouco desenvolvido; a concavidade da pá é pouco profunda;

- colherões de configuração ovalada ou elipsoidal, com concavidade pouco profunda e cabo arredondado, pouco desenvolvido ou apenas sugerido;

- colherões de configuração elipsoidal, com concavidade profunda e cabo desenvolvido, de secção subcircular e ponta arredondada;

- colheres de tamanho médio, de configuração elipsoidal, com concavidade muito profunda e cabo desenvolvido, com nervura central.



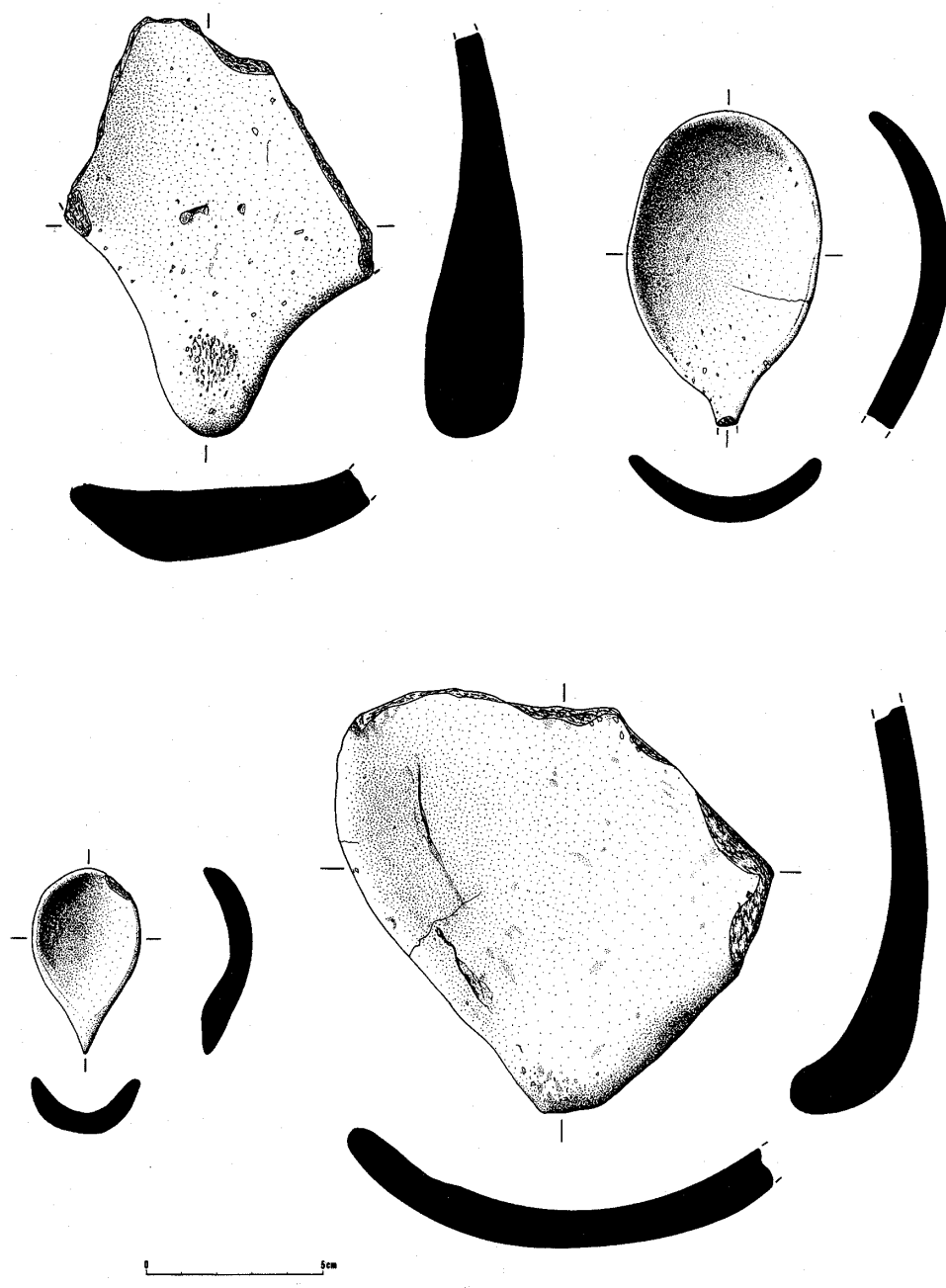


Fig. 17 Colheres, superfície.

## “Queijeiras”

Outros artefactos característicos dos contextos da segunda metade do IV/III milénio a.C. são as tradicionalmente designadas “queijeiras”, termo que tem designado objectos ou fragmentos de objectos cerâmicos com as paredes multiperfuradas antes da cozedura. Nos perdigões surgem fragmentos de duas morfologias diferentes:

- fragmentos de morfologias de tendência cilíndrica com paredes multiperfuradas, provavelmente correspondendo a peças de dupla abertura (no topo e na base) e que, pelas suas características morfológicas, podem ser associadas à produção de queijo;

- fragmentos de morfologias de tendência globular com paredes multiperfuradas. A base destes artefactos é desconhecida mas a morfologia fechada da sua parte superior não se adapta à função de queijeira, pelo que é possível que estes artefactos tivessem uma forma globular e fossem utilizados, por exemplo, como coadores ou inceneradores.

## Pesos de tear

Nos Perdigões, foram registadas algumas centenas de pesos e fragmentos de pesos de tear, tanto à superfície como em escavação.

As morfologias que ocorrem são bastante diversas, podendo ser provisoriamente sistematizadas da seguinte forma:

- placas paralelepípedicas (Fig. 18); aproximadamente apresentam comprimentos que variam entre os 8 e os 12 cm, larguras entre os 2 e 4 cm e espessuras entre 1 e 2 cm; têm normalmente os ângulos arredondados, podendo apresentar três variantes no que respeita a perfurações: uma em cada extremidade; uma numa extremidade e duas na outra; duas em cada extremidade; devido às suas faces aplanadas, são um bom suporte para a decoração; esta, contudo, é escassa, ocorrendo apenas numa percentagem mínima dos fragmentos; os motivos são compostos por traços incisivos; organizações em espinha e motivos simbólicos; neste último caso, é de destacar um exemplar com a representação dos olhos solares, tatuagens faciais e dois traços perpendiculares, eventualmente representando as sobrancelhas e o nariz;

- crescentes de secção circular, subcircular ou ovalada (Fig. 19); apresentam espessuras que variam entre 1 e 3 cm, podendo apresentar uma curvatura muito acentuada, em U, ou mais aberta; têm apenas um furo em cada extremidade;

- crescentes de secção subrectangular (achatados), apresentam dimensões e morfologias semelhantes às da categoria anterior, tendo igualmente um furo em cada extremidade;

- placas de secção ovalada e topos arredondados; apresentam uma configuração bastante mais robusta, com larguras que atingem os 6 cm e espessuras de 3,5 cm; aparentemente terão um furo em cada extremidade;

- grandes crescentes de secção ovalada. Peças semelhantes aos crescentes de secção oval, mas bastante mais robustos.

Na UE 26 ocorrem sete extremidades distais e duas partes mesiais de placas rectangulares, duas extremidades distais e 20 mesiais de crescentes de secção circular ou subcircular, duas extremidades distais e cinco mesiais de crescentes de secção subrectangular. A valorização desta convivência está uma vez mais condicionada pela interpretação que fizemos das condições de sedimentação da UE 26: um período restrito de preenchimento ou uma condensação de detritos de vários momentos da vida do povoado.

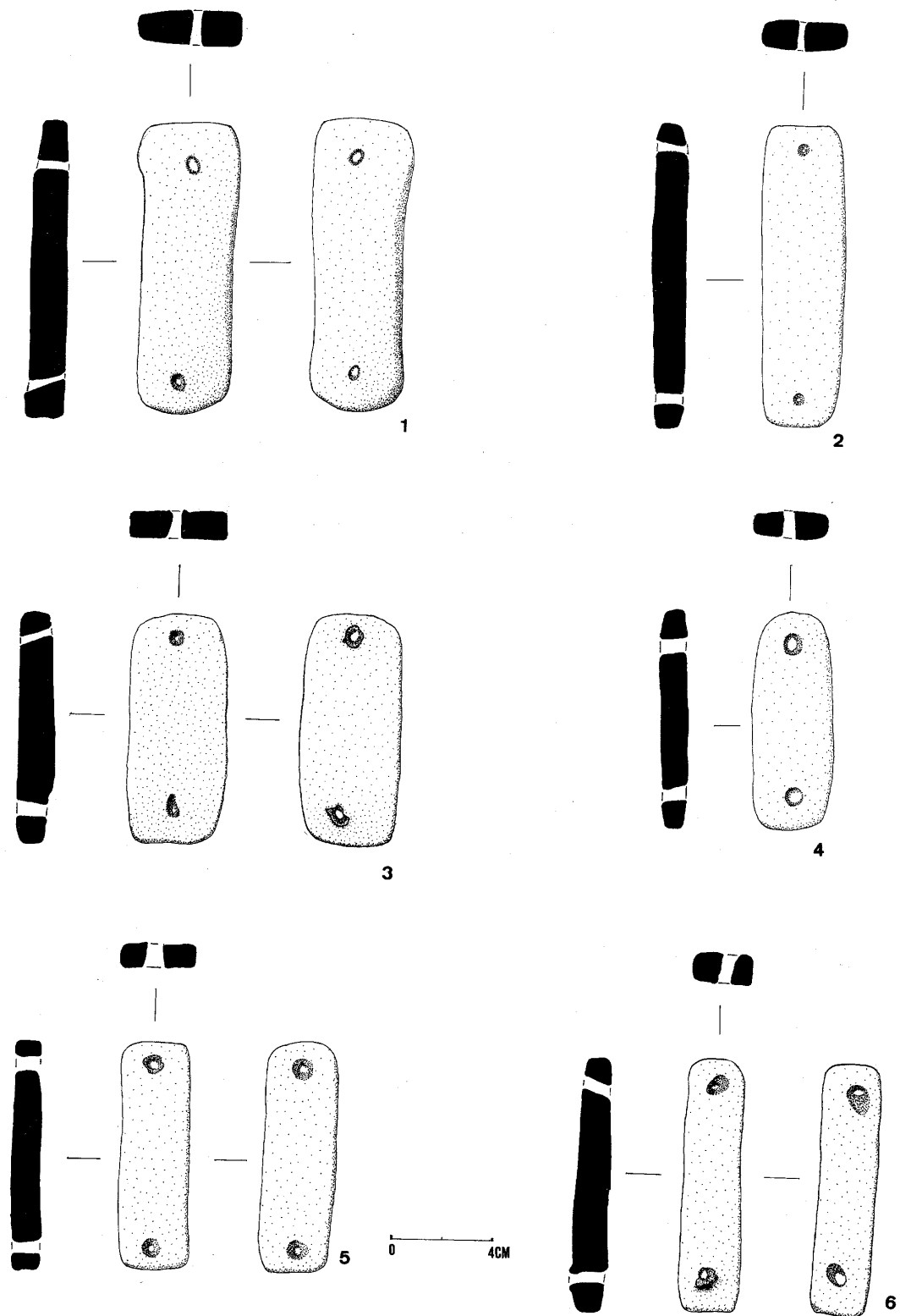


Fig. 18 Placas de tear com um furo em cada extremidade.

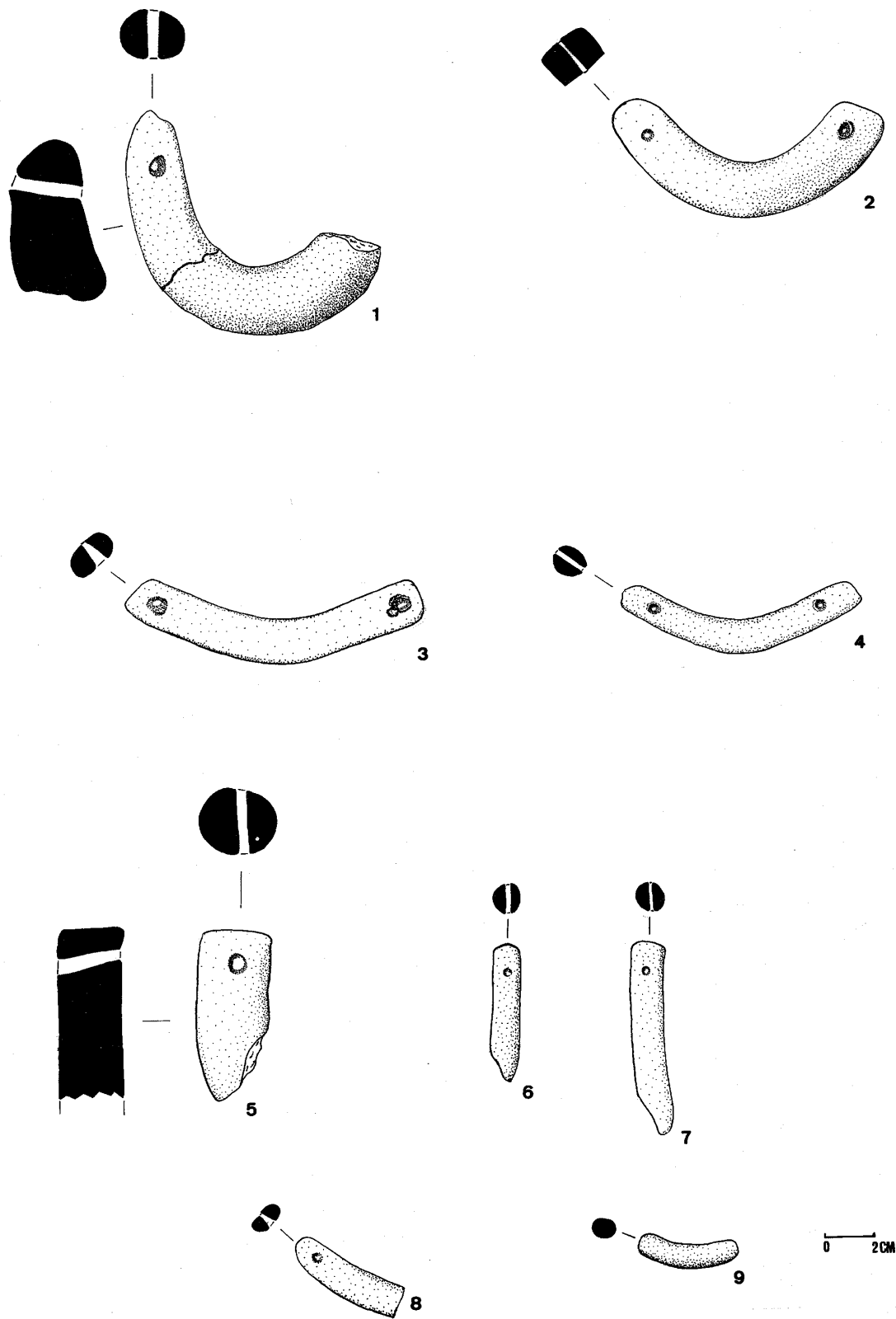


Fig. 19 Crescentes.

## Recipientes cerâmicos campaniformes recolhidos no povoado dos Perdigões JOÃO ALBERGARIA

### Introdução

Durante o planeamento do estudo prévio relativo ao Povoado pré-histórico dos Perdigões, questionou-se a criação de um capítulo autónomo para as cerâmicas campaniformes e o enquadramento teórico do respectivo texto.

O problema inicial consistiu em optar entre diferentes abordagens possíveis: integrar os recipientes campaniformes no conjunto de materiais recolhidos em cada contexto arqueológico e analisá-los como simples vasos decorados; considerar que a presença de objectos campaniformes é suficiente para criar um “horizonte cultural” (Soares e Silva, 1974, p. 153; Serrão, 1983, p. 146, por exemplo) e motivo para caracterizar uma ocupação calcolítica tardia nos Perdigões, uma situação que poderia estimular um estudo temático diferenciado; distinguir nos materiais campaniformes um fenómeno cultural, a célebre “cultura campaniforme” (Castillo Yurrita, 1928; Ferreira, 1966, por exemplo); assumir que um estudo sobre estes materiais só faz sentido se individualizarmos as suas diferenças estilísticas, morfológicas e tecnológicas, e as relacionarmos com a totalidade dos objectos recolhidos no mesmo contexto arqueológico de forma a integrar os elementos inovadores na estrutura material das comunidades locais.

No decorrer dos trabalhos arqueológicos de prospecções e escavações, realizados no povoado foram recolhidos 53 fragmentos de cerâmica campaniforme, repartidos por 39 registos individuais, sendo 33 o número mínimo de recipientes.

Até ao momento, não surgiram outros materiais associados ao “fenómeno campaniforme”, como seja, a ponta tipo Palmela, o braçal de arqueiro, o punhal de lingueta ou os botões de osso com perfuração em V. Esta ausência pode dever-se a vários factores: a reduzida área escavada; a natureza dos contextos arqueológicos detectados que, à excepção dos do monumento funerário, são pouco propícios à concentração deste tipo de materiais; as contigências dos trabalhos de prospecção ou, muito simplesmente, a sua efectiva escassez.

O número de recipientes recolhidos suscita duas ideias que são aparentemente contraditórias: a existência de uma quantidade razoável de vasos campaniformes no povoado, sobretudo se compararmos com a sua aparente ausência em contextos calcolíticos no Alentejo e Algarve, com a excepção óbvia do povoado do Porto Torrão (Arnaud, 1982, 1993) e o número de cacos campaniformes ser ínfimo em relação ao total de registos de superfície (cerca de 20 000 registos) e de escavação (mais de 3 000).

A presença deste tipo de cerâmica no povoado dos Perdigões vem confirmar que a circulação dos objectos campaniformes teve mais importância no Alentejo, neste caso na região de Reguengos de Monsaraz<sup>12</sup>, do que tradicionalmente se supunha (Ferreira, Norton, s.d., p. 226; Harrison, 1977, p. 10; Soares e Silva, 1977, p. 102) e contribui para que a imagem de ausência do “mundo campaniforme” no Sul de Portugal se atenua à medida que aumenta o nosso conhecimento sobre as comunidades calcolíticas no Alentejo (Bubner, 1979, p. 143; Jorge, 1990, p. 180).

A grande diferença entre o número mínimo de recipientes campaniformes e o número mínimo de recipientes de cerâmica comum<sup>13</sup>, demonstra a raridade do primeiro grupo em relação ao segundo. Esta situação é semelhante em quase todos os povoados alentejanos que

registam a presença de cerâmicas campaniformes, com a excepção do povoado calcolítico do Porto Torrão onde foram recolhidos durante a escavação 315 fragmentos numa área relativamente reduzida e cerca de outros 100 provenientes de superfície (Arnaud, 1993, p. 48). Como refere este autor o número total de fragmentos aproxima-se muito dos números obtidos no povoado do Zambujal — 336 fragmentos — (Kunst, 1996, Fig. 6), e no povoado de Vila Nova de S. Pedro — cerca de 500 — (Arnaud, 1993, p. 48).

A interpretação destes valores deve ser cautelosa devido à diferença de tamanho e de volume das áreas escavadas. Enquanto que os povoados estremenhos foram sujeitos a extensas campanhas de escavação, de que resultou uma grande quantidade de materiais arqueológicos e de contextos de habitat, no caso do Porto Torrão as escavações ocorreram numa pequena área em que se concentrava uma grande quantidade de cerâmica campaniforme, um botão com perfuração em V e um braçal de arqueiro (Arnaud, 1993, p. 48). Se atendermos aos dados obtidos para o Zambujal, que têm sido sistematizados e publicados com alguma frequência, e com particular atenção a percentagem de fragmentos campaniformes nas diversas fases de ocupação, percebemos que à excepção da fase 4 (0,84%), o seu número não ultrapassa o valor de 0,5% do número total de fragmentos recolhidos por cada fase (Kunst, 1996, Fig. 6), ou seja, confirma-se nos povoados da Estremadura a ideia da raridade das cerâmicas campaniformes nos conjuntos cerâmicos calcolíticos.

A concentração elevada de materiais campaniformes no povoado do Porto Torrão é insólita e só poderá ser explicada com o tratamento sistemático dos materiais e dos contextos arqueológicos, ou então, com o alargamento da área de escavação de forma a compreender melhor a natureza das estruturas edificadas no povoado.

O povoado do Porto Torrão é mais um fio de uma emaranhada teia de aranha que envolve o “fenómeno campaniforme” na Estremadura e no Sul de Portugal. Esta teia foi construída a partir de uma grande quantidade de objectos oriundos de escavações antigas, das quais não existe registo de proveniência dos materiais, natureza dos contextos arqueológicos, descrição da arquitectura do monumento, cortes e planos estratigráficos, estudo sistemático dos materiais, etc.; e foi concebida por uma romântica aranha, que detectou na beleza decorativa das cerâmicas, nos botões de perfuração em V, nos braçais de arqueiro e no desenvolvimento da metalurgia, traços de um povo ou de uma cultura diferente (por exemplo, Savory, s.d.; Ferreira, 1966).

Não existem dúvidas que surgem novos objectos nos povoados calcolíticos, entre os quais os campaniformes, durante a primeira metade do III milénio a.C. No entanto, o problema principal reside em precisar o início da produção, utilização e distribuição dos primeiros vasos campaniformes e dos restantes objectos que caracterizam o conjunto campaniforme, no sul de Portugal e nas restantes áreas da Península Ibérica.

O recente texto publicado por João Luis Cardoso e Monge Soares é um importante contributo para a resolução deste problema (Cardoso e Soares, 1997), mas a falta de contextos seguros para a grande maioria das datações publicadas, leva-nos a destacar somente os valores obtidos para o povoado de Leceia, para o povoado do Zambujal e para a necrópole da Verdinha de Ruivos (Cardoso e Soares, 1997, Quadro I). Se em relação à Gruta da Verdinha de Ruivos considerarmos que estamos perante contextos funerários fechados, os valores obtidos nas datações podem servir como limite *ante quem* para a produção dos vasos acampanados e como indicador do momento em que o indivíduo foi inumado.

No que diz respeito às datações apresentadas para o povoado de Leceia e para o povoado do Zambujal (Cardoso e Soares, 1997, Quadro I) a sua interpretação terá de ser mais cautelosa,

porque a existência de materiais campaniformes na 2ª Fase do Castro de Zambujal é questionada pelo próprio Michael Kunst (1987, p. 119) e no Castro de Leceia a datação obtida para a estrutura FM (Sac-1317, 4220±50 BP) sugere a contemporaneidade desse espaço com outras estruturas do povoado integradas na Camada 3 e nos níveis inferiores da Camada 2, suficientemente datadas (Cardoso [et al.], 1996, Quadro 1) e sem materiais campaniformes (Cardoso e Soares, 1997, p. 224). Será possível a convivência de comunidades com culturas materiais diferentes numa área restrita como seria o povoado de Leceia durante o primeiro quartel do III milénio, como sugere João Luís Cardoso (1997, p. 224)?

A formulação desta hipótese esconde um problema quase genérico presente nas leituras tradicionais feitas sobre o “complexo campaniforme”, que consiste na valorização excessiva das cerâmicas campaniformes e na subestimação das cerâmicas comuns que, normalmente, representam o substrato material das comunidades locais.

Do ponto de vista metodológico, para compreender o produto das mudanças não devem ser destacados os elementos divergentes, procurando-se antes integrá-los na sociedade que os produziu, sob pena de artificialmente serem consideradas duas culturas diferentes, neste caso a “cultura campaniforme” e a “cultura calcolítica”, quando provavelmente existiu, somente, uma unidade cultural aberta a todas as formas de mudança.

Talvez seja esta abertura cultural, já apresentada por A. Castillo em 1928 (Castillo Yurrita, 1928, p. 13), o fundamento para a circulação de pessoas, objectos, técnicas de produção, formas de aprendizagem, valores e crenças e uma das características mais interessantes no estudo das comunidades da 1ª metade do III milénio no sul de Portugal.

### **Caracterização dos contextos arqueológicos e descrição dos fragmentos de cerâmica decorados com motivos campaniformes**

Durante as prospecções realizadas no povoado dos Perdígões foram recolhidos trinta e três fragmentos de cerâmica com decorações campaniformes, que correspondem ao número mínimo de 19 recipientes.

Dos dezanove recipientes registados, quatro não têm indicação do quadrado de proveniência, por isso, não serão integrados no estudo de dispersão. Em relação aos restantes quinze, a larga maioria foi recolhida entre a UE 4 e o recinto central (13 recipientes), e exclusivamente no sector Oeste e Noroeste desse espaço; outro fragmento foi detectado próximo da sondagem 5 (n.º 6620); e o último perto da cerca de arame e do caminho de terra batida (n.º 6611).

A concentração de cerâmica campaniforme, recolhida à superfície, junto da área central do povoado pode ter algum significado. Aparentemente, se considerarmos que a ausência destes fragmentos na segunda metade da zona central do povoado é fortuita e surge como resultado de sucessivas “explorações de tesouros”, esta concentração de campaniformes confirma os dados obtidos no povoado do Porto Torrão, mas poderemos colocar as mesmas hipóteses de trabalho propostas por José Morais Arnaud (1993, p. 48) e aplicá-las no povoado dos Perdígões?

Os dados obtidos nas sondagens espalhadas pelo povoado demonstram que, apesar da maior concentração de cerâmicas com decoração campaniforme ocorrer na sondagem 3, em todas as outras sondagens foram recolhidos cacos campaniformes. Isto significa que não

existe nos Perdigões uma concentração exclusiva deste tipo de cerâmicas no centro do povoado, mas, pelo contrário, que se encontram dispersas por todo o povoado.

### **Materiais de superfície sem localização aproximada**

1229 — Campaniforme com decoração incisa — Fragmento decorado na superfície externa com oito linhas aproximadamente paralelas e nove linhas dispostas em forma de “espinha de peixe”.

2399 — Campaniforme com decoração incisa — Fragmento profusamente decorado na superfície externa. A decoração é formada por seis linhas paralelas; sobre três destas linhas foram feitos pequenos traços perpendiculares que criaram pequenos quadrados; por uma banda preenchida por motivos vegetais, neste exemplar ocorrem quatro figuras, em que cada uma possui três pares de “folhas”.

6619 — Campaniforme com decoração incisa — Pequeno fragmento decorado na superfície externa com quatro linhas paralelas; uma linha com cinco pares de “folhas”; e após uma faixa sem decoração, outras duas linhas paralelas. Existem vestígios de pasta branca no interior das linhas.

6651 — Campaniforme com decoração a pontilhado — Pequeno fragmento decorado na superfície externa, com duas bandas horizontais decoradas, separadas por outra sem qualquer figuração. A decoração das primeiras é composta por duas linhas paralelas (pontilhado rectangular), que limitam um espaço preenchido por linhas oblíquas (pontilhado circular), dispostas de forma paralela; os sentidos destas linhas são opostos nas duas bandas. O fragmento preserva restos de pasta branca no interior das linhas.

### **Materiais de superfície com localização aproximada**

1228 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J13) — Fragmento do fundo de um recipiente. Está decorado na superfície externa com sete linhas paralelas, às quais se juntam, de forma perpendicular, outras vinte e uma linhas paralelas.

6611 — Campaniforme com decoração a pontilhado (Quad. K16) — Pequeno fragmento com bordo. As dimensões deste caco só permitem calcular o tamanho da boca e reconstituir o segmento superior do vaso; não é possível determinar a sua forma.

A decoração localiza-se na superfície externa e caracteriza-se pela existência de uma faixa próxima do bordo do recipiente sem decoração; de uma linha aproximadamente paralela ao bordo — pontilhado quadrangular, feito provavelmente através de roleta (Castillo Yurrita, 1928, p. 43) — que acompanha uma banda decorada. Esta é composta por duas linhas aproximadamente paralelas — pontilhado rectangular, também feito através de roleta — que limitam um espaço ocupado por linhas oblíquas (pontilhado circular, feitas a pente), dispostas de forma paralela; segue-se uma faixa sem decoração que é cortada ao meio por uma linha paralela às restantes — pontilhado quadrangular, feito através de roleta; por fim, surge uma linha — pontilhado rectangular — que pode constituir o topo doutra banda.

6612 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J11) — Fragmento de cerâmica decorado na superfície externa com cinco linhas aproximadamente paralelas. Entre duas destas linhas, foram feitos, no sentido perpendicular, pequenos traços.



6613 — Campaniforme com decoração a pontilhado (Quad. L15) — Conjunto de seis pedaços do mesmo recipiente. A decoração é idêntica em todos os fragmentos e caracteriza-se pela existência de bandas horizontais decoradas, separadas entre si por faixas sem decoração. O padrão decorativo de cada banda consiste em duas linhas aproximadamente paralelas (pontilhado rectangular), que definem um espaço preenchido com linhas oblíquas (pontilhado circular), dispostas de forma paralela; tal como no fragmento n.º 6651 os sentidos das linhas são opostos em cada banda. A decoração ocorre somente na superfície externa.

6614 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J14) — Fragmento com bordo decorado na superfície externa e interna. A pequena dimensão do fragmento só possibilitou a reconstituição de uma parte do topo do recipiente e o cálculo da abertura da sua boca.

A decoração na face externa é composta por sequências de pequenos traços perpendiculares ao bordo, intervaladas por espaços vazios, e por nove linhas paralelas ao bordo do recipiente. Algumas linhas mantêm restos de pasta branca no seu interior. Na face interna a decoração é caracterizada por quatro linhas paralelas em ziguezague. Mantêm, igualmente, restos de pasta branca.

6615 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J10) — Fragmento decorado na superfície externa com uma banda formada por quatro linhas aproximadamente paralelas; uma banda preenchida por motivos vegetais, neste caco estão figurados quatro unidades e cada uma com quatro pares de “folhas”; três linhas paralelas às primeiras. O fragmento preserva restos de pasta branca no interior das linhas.

6616 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J10) — Fragmento com bordo decorado na superfície externa e interna. A decoração na superfície externa é composta por motivos em métopas (Leisner [et al.], 1964, p. 49), ou seja, sequências de três pequenos traços perpendiculares ao bordo, intervaladas por espaços vazios, e por doze linhas paralelas ao bordo. A decoração no lado interno caracteriza-se pela presença de seis linhas paralelas em ziguezague.

6617 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J9) — Fragmento decorado na superfície externa com dez linhas paralelas.

6618 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J9) — Fragmento com bordo decorado na superfície externa e interna. A decoração na face externa é composta por sequências de três pequenos traços perpendiculares ao bordo, intervalados regularmente por espaços vazios (metopas); por seis linhas paralelas ao bordo; uma linha paralela ao conjunto em ziguezague; quatro linhas paralelas; uma linha em ziguezague; três linhas paralelas. Na superfície interna a decoração caracteriza-se pela existência de cinco linhas paralelas em ziguezague.

6620 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. T10) — Pequeno fragmento decorado com bordo. A decoração é caracterizada por uma banda, que surge quase sobre a linha de bordo; uma faixa sem decoração; linha de topo de outra banda. O padrão decorativo da banda localizada junto ao bordo é composto por uma sucessão de linhas em “espinha”; no que resta da segunda banda é possível perceber que a orientação destas linhas é oposta à primeira.

6621 — Campaniforme com decoração a pontilhado ? (Quad. H9) — Pequeno fragmento decorado na superfície externa. Embora sejam visíveis algumas linhas feitas com pontilhado circular (feito a pente), as reduzidas dimensões deste caco não permitem definir um padrão decorativo.

6636 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. J13) — Fragmento decorado na superfície externa com onze linhas paralelas.

6639 — Campaniforme com decoração incisa (Quad. K10) — Fragmento decorado na superfície externa com três linhas paralelas; uma sequência de traços, dispostos de forma oblíqua às três linhas; e duas linhas em ziguezague.

6655 — Campaniforme com decoração a pontilhado (Quad. N12) — Conjunto composto por dez fragmentos de cerâmica, que pertencem certamente ao mesmo recipiente. O motivo decorativo é idêntico em todos os pedaços, consistindo numa sucessão de linhas paralelas — pontilhado circular feito com pente — espaçadas regularmente por espaços vazios e localizadas na face externa. O fragmento de maiores dimensões tem três linhas paralelas.

Neste conjunto de fragmentos convém destacar a presença de um caco com o fundo recto. Este facto pode significar a existência de um recipiente de base plana ou em *omphalos* e muito provavelmente de um vaso acampanado.

6720 — Campaniforme com decoração a pontilhado (Quad. J11) — Pequeno fragmento decorado na superfície externa. Apesar do motivo decorativo estar muito incompleto é possível detectar a existência de uma banda decorada com pelo menos uma linha horizontal (pontilhado circular) e uma sequência de linhas paralelas (pontilhado circular), dispostas de forma oblíqua; segue-se uma faixa sem decoração; e depois surge aglomeração de pequenos pontos que formam um motivo indefinível.

## Sector 1

### UE 4

Apesar de toda área encontrar-se revolvida, destacou-se à superfície do terreno uma mancha de terras (UE 4). No topo desta mancha foi recolhido o fragmento n.º 1599.

1599 — Campaniforme com decoração incisa — Fragmento decorado na superfície externa e interna. No lado externo do recipiente, a decoração é composta por quatro linhas paralelas; por sete linhas paralelas em ziguezague; e por mais quatro linhas paralelas. O fragmento preserva ainda vestígios de pasta branca no interior de algumas linhas. Na superfície interna, a decoração é composta por seis linhas paralelas em ziguezague.

## Sector 3

### UE 6 (Fig. 20)

Contexto arqueológico que surge à superfície do terreno através de uma mancha de terras com coloração diversificada, e que se destaca devido à grande concentração de pedras de médias e grandes dimensões, materiais arqueológicos, ossos, ou terras mais escuras. Tem origem nos revolvimentos provocados pelas máquinas, que neste sector podem ter afectado com mais danos uma determinada área ou um sector específico do povoado, ou mesmo as duas hipóteses simultaneamente.

1992 — Campaniforme com decoração incisa ? — Pequeno fragmento, possivelmente, decorado com algumas linhas paralelas.

2366 — Campaniforme com decoração incisa — Pequeno fragmento decorado com bordo. A decoração deste recipiente é composta por vários motivos, que resultam da aplicação de diversas técnicas decorativas. Quase sobre a linha de bordo é impressa uma banda decorativa constituída por uma sucessão de motivos vegetais que lembram uma “espiga”; cada “espiga” é formada por três pares de “grãos” sobrepostos; nesta banda existem seis “espi-

gas”. Sobre a última linha de “grãos de espiga”, surge uma banda de pequenos traços perpendiculares ao bordo, que terão sido feitos por intermédio de um pente, sendo visíveis os pontos onde assentaram as extremidades dos dentes. Logo abaixo deste motivo surgem três linhas aproximadamente paralelas ao bordo, feitas por incisão contínua. Depois, surge outra banda formada pela sucessão de “espigas”; nesta banda existe uma sequência de sete “espigas”, embora cada uma tenha quatro pares de “grãos”. Na linha de topo dos “grãos”, existe outra banda de pequenos traços perpendiculares ao bordo. A decoração deste fragmento termina com duas linhas aproximadamente paralelas ao bordo, feitas por incisão contínua. Outro elemento decorativo que convém salientar é a presença de pequenos pontos em alguns “grãos”, que foram feitos prepositadamente para a acentuar a figuração da espiga. Este fragmento preserva ainda vestígios de pasta branca.

2999 – Campaniforme com decoração incisa – Pequeno fragmento decorado na superfície externa com motivos compostos. O padrão é caracterizado pela existência de uma linha principal, que configura dois triângulos. Em dois lados de cada triângulo a linha principal é acompanhada por outras duas, sendo que estas estão traçadas perpendicularmente por pequenas incisões descontínuas. Num dos lados de triângulo, aparecem duas linhas paralelas, preenchidas no seu interior por traços perpendiculares à sua orientação.

*UE 26 (Figs. 21 e 22)*

Depósito de materiais arqueológicos, sedimentos e pedras que se acumularam sobre uma concavidade alongada feita na rocha (UE 57). Esta estrutura arquitectónica negativa quando foi escavada rompeu outra estrutura negativa, a UE 58, que estava preenchida pela UE 52.

3580 – Campaniforme com decoração incisa – Fragmento decorado na superfície externa e interna. No lado externo do recipiente a decoração é composta por sete linhas paralelas; por oito linhas paralelas em ziguezague; e por mais quatro linhas paralelas. O fragmento preserva ainda vestígios de pasta branca no interior de algumas linhas. Na superfície interna, a decoração é composta por cinco linhas paralelas em ziguezague.

4076 – Campaniforme com decoração a pontilhado – Pequeno fragmento decorado na superfície externa com linhas feitas a pontilhado circular.

4263 – Campaniforme com decoração incisa – Pequeno fragmento do fundo de um recipiente. Está decorado na superfície externa com três linhas paralelas; uma linha em ziguezague, também, paralela às outras; cinco linhas paralelas, dispostas perpendicularmente às primeiras. Este fragmento e aqueles que têm o número de registo n.º 4294 e n.º 4302 devem pertencer ao mesmo recipiente.

4294 – Campaniforme com decoração incisa – Pequeno fragmento decorado na superfície externa com dez linhas paralelas e com uma linha em ziguezague que configura uma sequência de pequenos triângulos. Este fragmento e aqueles que têm o número de registo n.º 4263 e n.º 4302 devem pertencer ao mesmo recipiente

4300 – Campaniforme com decoração incisa – Pequeno fragmento decorado na superfície externa e interna. No lado externo do recipiente a decoração é composta por dez linhas paralelas e por uma sequência de três linhas paralelas em ziguezague. O fragmento preserva ainda vestígios de pasta branca no interior das linhas. Na superfície interna, a decoração é composta por quatro linhas paralelas em ziguezague.

4302 – Campaniforme com decoração incisa – Pequeno fragmento do fundo do recipiente. Está decorado na superfície externa com quatro linhas paralelas; por baixo destas, existe

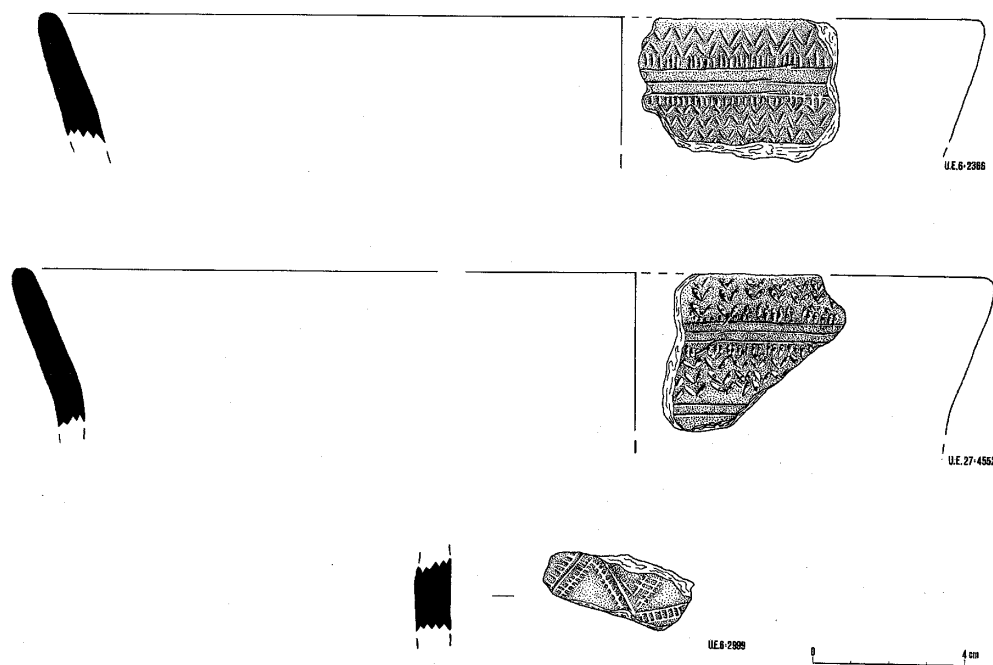


Fig. 20 Cerâmica campaniforme com decoração incisa pertencente às UE's 6 e 27.

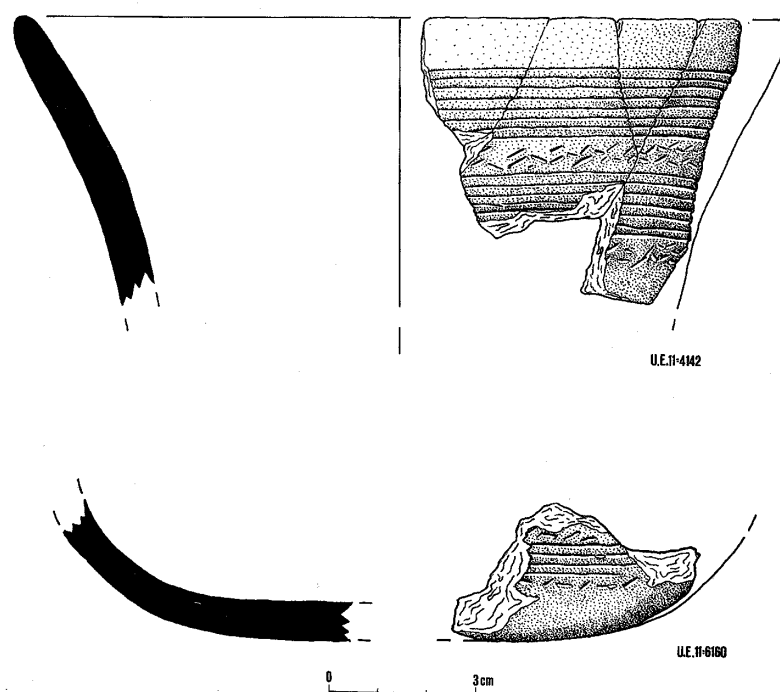


Fig. 21 Cerâmica campaniforme com decoração incisa pertencente à UE 26.

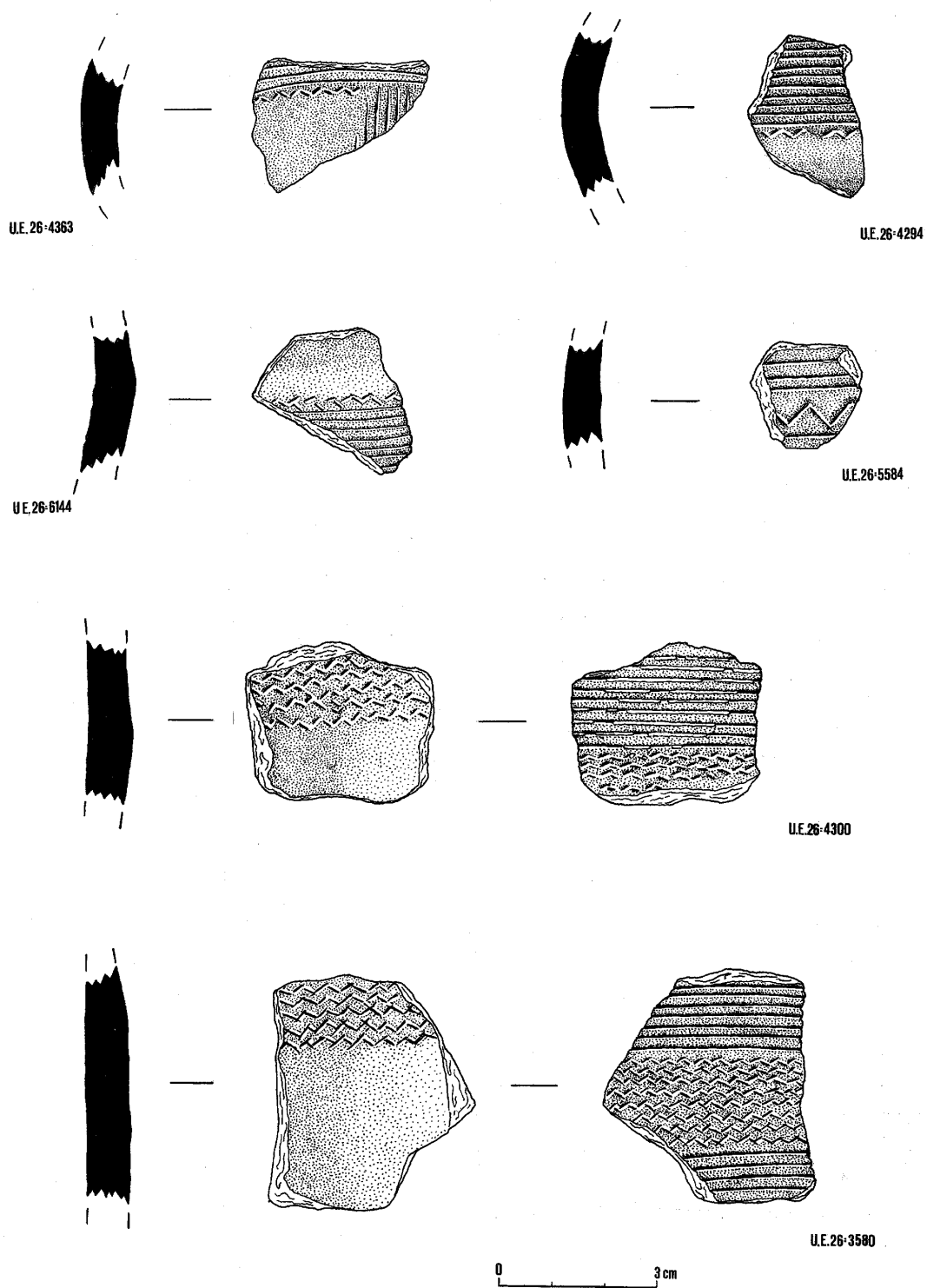


Fig. 22 Cerâmica campaniforme com decoração incisa pertencente à UE 26.

uma linha em ziguezague; quatro linhas paralelas dispostas perpendicularmente às primeiras. Este fragmento e aqueles que têm o número de registo n.º 4263 e n.º 4294 devem pertencer ao mesmo recipiente

5584 — Campaniforme com decoração incisa — Pequeno fragmento decorado na superfície externa com três linhas paralelas; uma linha em ziguezague; e uma linha paralela às três primeiras. Existem vestígios de pasta branca a preencher o interior das linhas paralelas.

6144 — Campaniforme com decoração incisa — Pequeno fragmento decorado na superfície externa com sete linhas paralelas, feitas por incisão contínua, e com uma linha em ziguezague, feita através de incisão contínua.

6783 — Campaniforme com decoração incisa — Pequeno fragmento decorado na superfície externa com sete linhas aproximadamente paralelas e uma banda formada por motivos vegetais. Neste pequeno caco existem indícios de três figuras, com o máximo de três pares de “folhas”.

#### *UE 27 (Fig. 20)*

Depósito composto por sedimentos, pedras de grandes e médias dimensões e materiais arqueológicos; está sobre a rocha e sobre um segmento da UE 26. Os topos da UE 27 e da UE 26 podem ter sido destruídos pela passagem dos dentes mecânicos.

4552 — Campaniforme com decoração incisa — Fragmento com bordo decorado na superfície externa. A decoração desta peça também é semelhante à decoração do fragmento n.º 2366, assim, estamos perante motivos que se sobrepõem e que ocupam a totalidade da superfície externa do fragmento.

A primeira banda, localizada junto ao bordo, é formada por dois pares de “grãos”. A culminar o desenho das “espigas” existe uma banda composta por pequenos traços perpendiculares ao bordo, feitos com a aplicação do pente na pasta ainda fresca, que preenchem os pequenos espaços vazios. O motivo que se sucede é composto por três linhas aproximadamente paralelas ao bordo, que foram feitas através de incisão contínua. Após estas linhas, surge nova banda decorativa formada por pequenos traços perpendiculares ao bordo, que se encontram no topo de uma sequência de nove “espigas”, formadas, pelo menos, por quatro pares de “grãos”.

### **Sector 5**

Na sondagem do sector 2 a equipa de arqueólogos detectou um fosso escavado na rocha e escavou o seu enchimento. A maioria dos fragmentos de cerâmica com decoração campaniforme recolhidos nesta área de escavação são provenientes de um interface entre dois contextos, nomeadamente, entre a UE 31 e a UE 11, e têm a particularidade de serem cacos que pertencem ao mesmo recipiente. O único fragmento que não integra este conjunto surgiu na UE 28.

#### *UE 11*

Contexto arqueológico que constitui uma etapa no derrube prolongado, para o interior do fosso, de uma ou várias estrutura(s) arquitectónica(s), construída(s) a partir de pedras de pequenas, médias e grandes dimensões, que situariam no limiar dos bordos do fosso. Para além das pedras, acumularam-se neste contexto sedimentos, ossos e materiais arqueológicos.

Foram recolhidos dois fragmentos de cerâmica com decoração campaniforme: o n.º 6160 e o n.º 4142. Se para o primeiro fragmento não temos os valores para as coordenadas X, Y e Z, para o segundo foi possível localizá-lo e demonstrar a sua presença nos limites máximos do derrube, mas muito próximo dos fragmentos recolhidos por baixo deste nível de derrube, sendo de destacar o facto destas peças pertencerem ao mesmo recipiente.

Na UE 31 foram recolhidos três fragmentos, o n.º 4155, n.º 4168 e n.º 4169, que juntamente com os fragmentos n.º 6160 e n.º 4142 fazem parte do mesmo recipiente.

4142 — Campaniforme com decoração incisa — Fragmento com bordo, que está decorado na superfície externa. Esta peça associa quatro fragmentos que foram registados separadamente, devido ao facto de corresponderem a quatro proveniências. A estes fragmentos junta-se um quinto (n.º 6160), que apesar de não colar com os restantes pertence certamente ao mesmo recipiente. A hipótese de reconstituição da forma aponta para a existência de um típico vaso acampanado.

A decoração caracteriza-se pela existência de oito linhas aproximadamente paralelas; depois surge uma banda com duas linhas em ziguezague, paralelas à linha de bordo; seguem-se setes linhas aproximadamente paralelas; por fim, aparece uma banda com duas linhas em ziguezague, paralelas à linha de bordo. A cerâmica mantém ainda alguns vestígios de pasta branca.

6160 — Campaniforme com decoração incisa — Fragmento do fundo do recipiente. Está decorado na superfície externa com uma linha paralela em ziguezague; quatro linhas paralelas; e uma linha paralela em ziguezague. A cerâmica preserva vestígios de pasta branca.

#### *UE 28*

Depósito composto sobretudo por terras de cor castanho-claro que se acumularam por baixo do derrube acima mencionado (UE 11) e encostadas à parede do fosso.

5530 — Campaniforme com decoração a pontilhado e decoração incisa — Fragmento de cerâmica com motivos decorativos que são o reflexo da aplicação de duas técnicas decorativas. Assim, na superfície externa do caco surge uma banda decorada de que só restam quatro linhas a pontilhado circular, feitas através do uso de uma matriz (pente) e uma linha paralela que limita a banda; logo abaixo da primeira banda surge outra formada por uma sucessão de linhas em “espinha”.

### **Cerâmicas campaniformes e contextos arqueológicos no Povoado dos Perdígões**

Os trinta e nove registos de fragmentos de cerâmica campaniforme são provenientes de vários contextos arqueológicos, cada um com um processo de formação distinto. A análise prévia destes dois pontos é fundamental para perceber possíveis diferenças nos significados culturais destes materiais.

Os materiais recolhidos à superfície e nas terras revolvidas pelas máquinas estão desenhados dos seus contextos originais e da sua sequência cultural. Por essa razão, o seu valor informativo reside sobretudo na presença de determinadas formas e motivos decorativos num povoado calcolítico alentejano.

O estudo tafonómico dos sedimentos que preenchem as estruturas escavadas na rocha e a formulação de uma cronologia fina para as diversas fases de ocupação de um povoado com este tipo de construções são objectivos difíceis de concretizar, porque na maioria das vezes

desconhecemos a origem dos sedimentos e dos materiais arqueológicos. Durante a escavação podem ser registados vestígios de objectos usados e imediatamente abandonados para o interior de uma fossa, ou então, detectadas num fosso concentrações específicas de restos de objectos, ossos, carvões ou pedras, que resultam da remoção de lixos provenientes de vários contextos.

Durante as escavações foram identificados vários processos de sedimentação no interior das estruturas negativas que, podem ter significados culturais diferentes. No sector 5, detectou-se uma sequência de derrube prolongado no interior do fosso, que pode corresponder a um acontecimento (abandono e destruição de estruturas arquitectónicas), com um intervalo de duração relativamente curto. Perante um processo de sedimentação relativamente rápido, os materiais arqueológicos recolhidos nos contextos que caracterizam este derrube, podem estar directamente relacionados com a fase cultural em que o povoado se encontrava, quando aquelas estruturas caíram. Desta forma, os materiais recolhidos servem como limite *ante quem* de todos os contextos arqueológicos que estão por baixo do derrube.

O processo de formação da UE 28 (Sector 5) e da UE 26 (Sector 3) é diferente daquele que descrevemos para a UE 11 ou para a UE 31, já que nelas não detectamos vestígios de um “acontecimento” que individualize um espaço de tempo; o preenchimento das estruturas negativas através das acumulações das UE's 28 e UE 26 pode ser lento ou rápido, consoante as dimensões da construção ou a utilidade dos espaços em causa. Desconhecemos a proveniência dos sedimentos, dos materiais arqueológicos, e o momento em que são depositados no interior das estruturas negativas; não sabemos se estes depósitos correspondem ao enchimento original dos espaços vazios, porque se assim fosse, os materiais arqueológicos podiam ser interpretados como um limite *ante quem* para o abandono da função primária das estruturas.

Os contextos que se formam sobre a rocha ou sobre outros sedimentos podem ter a mesma abrangência cultural que os contextos detectados no interior de estruturas negativas. Pelos mesmos motivos já apresentados, não é possível, normalmente, criar uma periodização fina que individualize, objectivamente, os ritmos de crescimento ou abandono de um povoado pré-histórico.

Esta periodização só pode ser possível, em algumas circunstâncias, através de materiais associados directamente a um momento concreto, como a queda de um telhado sobre um nível de pavimento, fractura de recipientes cerâmicos inteiros *in situ*, armazenagem deliberada de objectos, etc.; ou então, através da valorização de objectos que são interpretados como fósseis indicadores de fases culturais.

As cerâmicas campaniformes recolhidas nos contextos escavados dos Perdigões podem ter significados diferentes devido à natureza dos contextos, pelas razões explicadas, e ao conjunto material recolhido em cada Unidade Estratigráfica.

Os fragmentos campaniformes recolhidos nas UE's 4 e 6 são provenientes de terras revolvidas pelos arados, pelo que, todos os materiais estão misturados e fora dos contextos originais; embora não deixe ser significativo que o fragmento n.º 2366 só tenha paralelos neste povoado, ao nível da forma e da decoração, com o fragmento n.º 4552, que foi encontrado relativamente próximo e em contextos que permaneceram intactos.

No caso das cerâmicas campaniformes provenientes da UE 11 e da UE 28, não deixa de ser significativo o facto de existir um recipiente (n.º 4142 + n.º 6160) reconstituído parcialmente a partir de vários cacos que se encontravam espalhados na UE11 e UE 31. Esta



situação parece demonstrar que o recipiente partiu-se quando caiu no interior do fosso, e que essa queda pode ser relativamente contemporânea ao derrube das estruturas arquitectónicas.

Somente com o futuro estudo da totalidade dos materiais arqueológicos recolhidos nestes contextos arqueológicos (UE 11, UE 31, UE 12, UE 28), poderemos perceber melhor o enquadramento cultural das cerâmicas campaniformes. No entanto, os dados que dispomos de momento, indicam-nos a existência de conjuntos típicos do calcolítico pleno alentejano.

A análise sistemática de todos os materiais extraídos dos contextos do derrube é fundamental para perceber a presença de um fragmento campaniforme (n.º 5530) na UE 28, que é um depósito que se formou antes queda das estruturas pétreas. Ou seja, muito provavelmente já existiam e eram abandonados recipientes campaniformes partidos, quando se deu o derrube em questão.

Informação relativa a materiais da U.E. 26 já está disponível, dado que foram analisados sistematicamente ao nível da colecção cerâmica e de pedra lascada. O conjunto cerâmico estudado constitui uma boa amostra de recipientes típicos do calcolítico pleno alentejano (cf. Quadro 4), embora, seja muito difícil estabelecer uma cronologia rigorosa para o momento de enchimento da estrutura negativa (UE 57).

Ao levarmos em conta que este conjunto de recipientes é coevo, a indústria lítica homogénea, e que um espaço pequeno é rapidamente preenchido, podemos colocar a hipótese de existir uma relação próxima, do ponto de vista cultural, entre os fragmentos campaniformes e os restantes recipientes cerâmicos, e que com advento das datações absolutas podemos obter uma imagem mais esclarecedora do momento de formação do depósito e do abandono dos cacos campaniformes. Ao obtermos uma cronologia relativa para o abandono dos campaniformes, significa que possuímos um limite *ante quem* para a sua produção e utilização.

Mas subsiste uma questão, perante os dados que dispomos noutros povoados calcolíticos no Sudoeste Peninsular, nomeadamente dos povoados de S. Brás e do Monte da Tumba, em que os materiais arqueológicos estão devidamente estratigrafados, os contextos com cerâmicas campaniformes são precedidos por contextos sem este tipo de recipientes, situação idêntica ocorre na Península de Lisboa, nos povoados de Leceia, Zambujal, ou Vila Nova de S. Pedro, os materiais campaniformes surgem como elementos intrusivos nos conjuntos artefactuais calcolíticos. Este facto tem sido interpretado por muitos autores como uma etapa cronológica e como nova fase cultural, o “horizonte campaniforme”, como está patente, por exemplo, nas leituras feitas para S. Brás (Parreira, 1983, p. 164) e para o Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987, p. 43), em que os autores distinguem um horizonte calcolítico pré-campaniforme e outro horizonte calcolítico campaniforme, quando na realidade a estrutura material destes contextos mantém-se idêntica, e muito provavelmente alguns contextos calcolíticos sem campaniformes sobrepoem-se a contextos com campaniformes<sup>7</sup>. A introdução dos materiais campaniformes nos povoados calcolíticos corresponde a um novo período cultural?

Se considerarmos que os povoados mantêm-se ocupados e que não ocorrem grandes alterações na cultura material das populações que os habitam, provavelmente teremos de considerar o “universo campaniforme” como um simples processo de aculturação por parte de segmentos da sociedade a novas ideias, que são materializadas na produção de objectos.

### Recipientes de cerâmica campaniforme: as formas

A amostra obtida para o estudo das formas dos recipientes campaniformes é muito reduzida, consistindo somente em seis exemplares e nenhum deles permite reconstituir a totalidade do recipiente. No entanto, apesar da fragilidade dos nossos dados, registámos as formas abaixo discriminadas:

*Vasos acampanados*, com perfil suave em S, típicos vasos acampanados, com perfil suave em S, nomeadamente os fragmentos n.º 4142 + n.º 6160 (UE 11 e UE 31), e o n.º 6655. No caso deste último recipiente, a existência de um fundo recto; a suave inclinação dos fragmentos de bojo; a decoração a pontilhado; e as semelhanças com um vaso proveniente do Porto Torrão (Arnaud, 1993, Fig. 6, n.º 1), parecem demonstrar a existência de uma variante dos célebres AOCs (Harrison, 1977, p. 13).

*Caçoilas*, forma obtida a partir do fragmento n.º 6636. Apesar de existir somente um pequeno fragmento correspondente à ligação do colo ao fundo do vaso, é possível reconstituir com alguma segurança o resto do recipiente.

*Grandes taças de colo estrangulado*, foram recolhidos dois fragmentos com bordo que permitiram calcular o diâmetro da boca e obter um perfil com a inclinação do topo do recipiente (n.º 2366 e n.º 4542); a partir destes dois elementos é possível reconstituir as grandes taças, sem espessamento do bordo e com colo estrangulado, que têm algumas semelhanças com a taça encontrada na Anta 1 das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955).

*Pote de colo estrangulado (garrafa)*, forma obtida a partir do topo do recipiente. Embora existam muitas dúvidas em relação à sua reconstituição é possível que o fragmento n.º 6611 possa corresponder a uma pequena garrafa.

O reduzido número de recipientes campaniformes com forma não permite retirar grandes ilações, assim, detectamos neste conjunto os típicos vasos acampanados, as caçoilas, e possivelmente as garrafas de colo estrangulado. O facto aparentemente mais interessante consiste na ausência das taças tipo Palmela, mas face ao pequeno número de elementos da amostra essa situação não tem significado especial.

### Fragmentos de cerâmica campaniforme: motivos decorativos

Um dos principais elementos que caracteriza a cerâmica campaniforme é a sua grande beleza e variedade de motivos decorativos. Nos recipientes recolhidos nos Perdigões detectamos o uso de técnicas diferentes, que produzem vários tipos de decorações.

Antes de qualquer descrição desses grupos, convém salientar que a nossa amostragem peca pelas reduzidas dimensões dos fragmentos cerâmicos e pela total ausência de padrões decorativos completos.

O primeiro conjunto a merecer a nossa atenção consiste nos sete fragmentos decorados a pontilhado, que se subdividem em dois grupos:

- pontilhado muito fino, com pontos circulares, rectangulares, quadrangulares, que se sub-divide em três padrões;
- pontilhado mais grosso, com pontos exclusivamente circulares.

Os fragmentos com decoração a pontilhado são quase todos provenientes de recolhidas à superfície, com a excepção do pequeno caco recolhido na UE 26 (n.º 4076). Este facto, demonstra a actual ausência de dados que comprovem a anterioridade da cerâmica decorada a ponti-

lhado em relação à cerâmica incisa no Povoado dos Perdígões e nos restantes povoados com materiais campaniformes devidamente contextualizados, como é o caso de S. Brás (Parreira, 1983, p. 153) e de Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987, p. 43).

O segundo grupo é formado somente por um fragmento (n.º 5530), cuja decoração revela a aplicação de duas técnicas: a pontilhada e a incisa, numa verdadeira simbiose decorativa.

O terceiro conjunto corresponde à decoração incisa, que se subdivide em seis grupos:

- decoração com sulcos incisos paralelos e linhas dispostas em “espinha de peixe” (Parreira e North, s.d., p. 223), que se sub-divide em dois padrões;

- decoração com linhas paralelas e com linhas em ziguezague paralelas, normalmente estão decoradas no interior do recipiente com linhas paralelas em ziguezague, subdivide-se em dois padrões;

- decoração composta por métopas (Leisner [et al.], 1964, p. 49), sulcos incisos paralelos, linhas em ziguezague paralelas, pequenos traços perpendiculares ou oblíquos à linha de bordo, normalmente decoradas com linhas paralelas em ziguezague no interior do vaso; grupo que pode ser subdividido em cinco sub-grupos;

- decoração composta por linhas paralelas e linhas perpendiculares, linhas em ziguezague paralelas; este grupo é formado sobretudo por pequenos fragmentos que devem pertencer ao início do fundo dos recipientes, por isso, o padrão decorativo é muito reduzido e a criação deste sub-grupo questionável, mesmo assim, subdividiu-se em três tipos de padrões;

- decoração composta por motivos vegetais, que se divide em cinco sub-grupos, dos quais destacamos o primeiro devido ao realismo das figuras representadas; a presença de motivos vegetais, com maior ou menor grau de estilização, em vasos campaniformes pode representar a manutenção de uma tradição decorativa anterior, patente nos recipientes decorados com folha de acácia;

- decoração formada por triângulos, configurados através de incisões, e linhas paralelas, para a qual só existe um exemplar, o fragmento n.º 2999.

A heterogeneidade decorativa existente neste conjunto reflecte a criatividade dos artífices, demonstra o seu bom gosto artístico e prova a sua grande aceitação pelas comunidades locais.

O estudo dos padrões decorativos abre-nos o caminho para a compreensão do processo de trocas de ideias ou de objectos. As grandes semelhanças dos modelos figurados nestes fragmentos com as figurações representadas em recipientes originários de povoados e necrópoles da Península de Lisboa, do Alentejo, da Meseta espanhola, e do Sudeste Peninsular, pode ter três leituras:

- existe um sistema de trocas directa entre comunidades, que facilita a circulação de objectos, desde o centro produtivo até ao consumidor;

- existe uma vasta propagação de ideias e de modelos para novos objectos, que são adoptados por comunidades indígenas;

- ocorrência, em alguns casos, simultânea das duas hipóteses anteriores.

A circulação de objectos campaniformes, de modelos para recipientes, de padrões decorativos e de ideias que sustentassem a sua funcionalidade e simbolismo, demonstra o grau elevado de comunicação entre as comunidades calcolíticas peninsulares. O estabelecimento de redes de trocas incrementa o diálogo entre sociedades, permite unir culturas diferentes com elementos comuns e cria uma identidade cultural que é partilhada por todos os indivíduos que utilizam estes objectos.

## A pedra lascada das camadas 26 e 52 (sector 3): uma primeira análise dos padrões tecnológicos e tipológicos FRANCISCO ALMEIDA

### Introdução

Tendo em conta o âmbito do projecto e o relativo pouco tempo disponível para a análise do imenso espólio artefactual exumado, quer na campanha de prospecções quer durante as escavações dos vários sectores do Povoado dos Perdigões, optámos por centrar os nossos esforços no estudo da pedra lascada do sector 3, nomeadamente das unidades estratigráficas 26 e 52 que, apesar das suas áreas escavadas apresentarem dimensões relativamente pequenas, proporcionaram não só interessantes amostras de artefactos líticos, como se apresentavam como contextos não afectados ou apenas parcialmente destruídos pela surriba.

Enquanto que o contexto relativo à UE 26, parcialmente destruído pela surriba, poderá corresponder ao que resta do enchimento de um fosso ou vala, e apresenta características que possibilitam a sua interpretação como lixeira, a UE 52, não afectada pela surriba, apresentava-se como melhor preservada, como o atestam a existência de recipientes em cerâmica quase inteiros ou mesmo inteiros, e a grande quantidade de esquirolas e pequenas lascas de quartzo, que, com o desenrolar de trabalhos futuros, poderão indicar a existência de uma área de talhe muito bem conservada — espacial e estratigraficamente.

Assim, e para efeitos deste primeiro estudo tecnológico da pedra lascada das camadas 26 e 52, utilizaram-se duas listas de atributos tecnológicos interrelacionáveis: uma para os núcleos, outra para os suportes, retocados ou não. A utilização de remontagens líticas mostrou-se pouco pertinente para esta análise, apesar de ter sido conseguida em alguns casos: efectivamente, a UE 26 apresentava-se, pelo facto da sua destruição parcial pela surriba, como pouco propícia à utilização de tal metodologia. A UE 52, por outro lado, apresenta-se como muito mais propícia a tal tipo de estudo. No entanto a sua ainda mais pequena área intervenção, foi determinante para a nossa decisão de adiar a utilização do método das remontagens para futuras análises.

O presente estudo apresentará, portanto e apenas, “remontagens mentais” (Zilhão, 1995) das várias cadeias operatórias de talhe utilizadas para as diferentes matérias-primas. Apesar dos seus limites, esta metodologia tem a vantagem de apresentar uma imagem “média” das indústrias de pedra lascada, evitando assim a sobrevalorização de elementos únicos, por vezes frequentes quando o método das remontagens é (ab)usado.

### Unidade Estratigráfica 26

#### *Observações gerais*

A observação do Quadro 7 permite vislumbrar as principais características dos materiais de pedra lascada exumados na UE 26. Assim, tornam-se desde já notórias, mesmo tendo em conta o tamanho relativamente pequeno da amostra de materiais, alguns padrões tecnológicos e de selecção de matérias-primas:

A principal matéria-prima utilizada é sem dúvidas o quartzo que, num total de 67 peças, perfaz 53. O xisto jaspóide aparece em segundo lugar, com apenas cinco peças,

podendo as restantes matérias-primas considerar-se residuais. A ausência de esquirolas poderá estar ligada ao facto de estarmos provavelmente perante um contexto de lixeira, não se devendo no entanto ignorar a ausência de crivagem dos sedimentos durante a escavação.

Ainda em relação às matérias-primas, o talhe do quartzo, na sua maioria quartzo leitoso, está atestado localmente. A presença de núcleos bem como de diversos fragmentos assim o atestam. O mesmo pode ser dito para o quartzito, onde foi possível, de resto, efectuar uma remontagem de uma lasca com o núcleo a partir do qual foi produzida (um núcleo que tipologicamente podemos considerar como um nódulo ou seixo debitado). Das restantes matérias-primas, e se tomarmos em conta os padrões provenientes da análise preliminar dos materiais resultantes das prospecções em toda a área do povoado, talvez apenas o xisto jaspóide e o cristal de rocha resultem de talhe local. Ou melhor: a ausência de esquirolas e núcleos nestas duas matérias-primas poderá estar ligada à pequena área escavada e portanto a problemas de amostragem, e não ao facto de no local se terem efectuado apenas algumas das fases terminais duma cadeia operatória duma indústria de pedra lascada, como sejam o retoque de suportes ou a sua utilização. O último padrão parece, nos perdígões, estar claramente ligado a matérias-primas não locais, como o sílex ou o chert.

Quadro 7 – Inventário geral da indústria de pedra lascada da UE 26.

<i>Tipo de Artefacto</i>	<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Cristal de Rocha</i>	<i>Xisto Jaspóide</i>	<i>Outras</i>	<i>Total</i>
Núcleos		3	2				5
Fragmentos de Núcleo		2					2
Lascas		28	2		4	1	35
Lâminas						1	1
Lamelas		2					2
Fragmentos	1	10					11
Utensílios		8		1	1	1	11
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>53</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>67</b>

A análise do Quadro 7 mostra-nos ainda que o talhe do quartzo, principal matéria-prima utilizada na UE 26 se destinou essencialmente à produção de lascas. É no entanto curioso e sintomático que dentro dos utensílios retocados se encontrem outro tipo de suportes, nomeadamente lamelas e lâminas, como veremos.

### *Padrões tipológicos*

A amostra de utensílios retocados da UE 26 é relativamente pequena, ainda que corresponda a cerca de 16% do total de materiais. O Quadro 8 apresenta os tipos representados e os suportes utilizados para o seu fabrico. Com a excepção dos casos referidos, toda a utensilagem é em quartzo.

Quadro 8 – Utensilagem Lítica da UE 26.			
<i>Tipo de Utensílio</i>	<i>Suporte Lasca</i>	<i>Lâmina</i>	<i>Indeterminado</i>
Peça Esquirolada	2	1	
Lasca Retocada	6 (a)		
Buril	1		
Ponta de Seta			1 (b)

(a) 4 em quartzo, uma em cristal de rocha, e uma em xisto jaspóide

(b) Em matéria-prima indeterminada (basalto?)

Também no que diz respeito à utensilagem o quartzo é a principal matéria-prima utilizada. Há a referir, no entanto, que a maioria dos utensílios retocados nesta matéria prima são utensílios de “fundo comum”, cujo retoque resulta por vezes da sua utilização, e não tanto de uma intensão de dar determinada “forma” ao objecto: lascas retocadas, um buril atípico, e peças esquiroladas. De resto, e em relação às últimas, investigações recentes no campo da tecnologia lítica começam a questionar se estaremos perante um utensílio “*a posteriori*”, resultante de um uso como cunha para quebrar ossos ou outras matérias; ou se, por outro lado, estes implementos são na realidade núcleos bipolares (produção com recurso a bigorna) para pequenas lascas, lamelas, e esquirolas. Assim, o único utensílio “formal” da pequena amostra proveniente da UE 26 é uma ponta de seta elaborada numa matéria-prima que não o quartzo.

### *Padrões Tecnológicos*

O estudo tecnológico dos materiais líticos da UE 26 resume-se aqui aos materiais em quartzo, uma vez que as outras matérias primas surgem em quantidades para já negligenciáveis<sup>15</sup>.

A amostra de materiais em quartzo aqui estudada consta de 53 peças, das quais cinco núcleos inteiros ou fragmentados, e 48 peças de debitage, das quais oito retocadas.

A análise dos núcleos foi feita tendo como base 17 atributos quantitativos e qualitativos, com vista a uma melhor definição da estratégia de redução empregada em cada um: desde a escolha e aprovisionamento da matéria-prima (tipos de córtex), tipo de debitage e principal suporte pretendido, preparação e manutenção dos planos de percussão e superfície de debitage, até possíveis causas de abandono. Nunca é de mais realçar que um núcleo, na sua fase de abandono, aquela em cuja forma chega às nossas mãos, exemplifica somente a última fase da sua exploração, podendo portanto passar por várias estratégias de redução, até à final.

A análise do córtex presente nos núcleos onde o atributo estava presente permite-nos concluir que o aprovisionamento de quartzo foi feito sob a forma de seixos, possivelmente em terraços ou no próprio leito de linhas de água nas imediações dos perdigões. Em quatro núcleos onde ainda era visível córtex, este apresenta-se como córtex de seixo, constituído pelo miolo rolado do nódulo). Apesar da sua heterogeneidade, o quartzo da UE 26 é, na sua maioria, filoniano, sendo raros os artefactos de quartzo hialino. No geral, o quartzo é de qualidade medíocre, apresentando várias clivagens e até, em alguns dos casos, geodes internos.

Parece ter sido muito reduzida. A existência de córtex em quase toda a pequena amostra demonstra que o descortamento, a existir, não abrangiu a totalidade dos seixos. De resto, padrão bastante comum em indústrias ricas em quartzo, o plano de percussão é minimamente

preparado, quando o é: nos três casos onde era definível um plano de percussão, em dois este era liso (apenas um levantamento de preparação) e no outro cortical. No que diz respeito à manutenção dos núcleos, ela é de todo invisível nos núcleos abandonados, o que talvez possa ser resultado das próprias pequenas dimensões do nódulo original.

O principal tipo de suporte pretendido parece ter sido a lasca, apesar da debitação e de um dos fragmentos de núcleo estudados apresentarem indubitavelmente a exploração com vista a produtos alongados. Com a excepção deste último, com toda a probabilidade um núcleo prismático para lamelas com um plano de percussão liso, a maioria dos núcleos de quartzo da UE 26 são informes. Tudo indicaria, assim, uma tecnologia expediente para a produção de lascas seguindo uma estratégia de redução aleatória (Quadro 9). A análise da debitação (abaixo), permite matizar este padrão, mostrando que a importância de núcleos prismáticos com um plano de percussão, indicadores de estratégia de redução unidireccional, era mais importante do que a ínfima amostra de núcleos permite antever.

<i>Tipo de Núcleo</i>	<i>Para lascas</i>	<i>Para suportes alongados</i>	<i>Total</i>
Informe	2		2
Prismático com 1 Plano de Percussão	1		1
Fragmento de núcleo	1	1	2

A paragem de exploração dos núcleos em quartzo deveu-se essencialmente a três factores: ressaltos na superfície de debitação (em dois casos, sendo num deles associados a clivagens), clivagens do bloco (presente em quatro casos), e a fracturas involuntárias. Um único núcleo parece não apresentar defeitos, sendo no entanto impossível de prosseguir a sua exploração, uma vez que o último ângulo entre o plano de percussão e a superfície de debitação é superior a 100 graus.

A somar a todos estes defeitos aos quais poderá estar associado o abandono dos núcleos, há ainda a somar as suas reduzidas dimensões (o núcleo mais volumoso mede cerca de 32 cm<sup>3</sup>), que demonstram uma certa exaustão, e uma conseqüente exploração intensiva dos volumes talhados.

Com a excepção de dez fragmentos inclassificáveis, os suportes produzidos em quartzo na UE 26 apresentam a seguinte distribuição: 35 lascas, uma lâmina, e duas lamelas. Da mostra de lascas, apenas 16 se apresentam inteiras, e sete retocadas, sendo as restantes fragmentos proximais (dois), distais (quatro) e com fractura longitudinal (seis).

Ao contrário dos suportes alongados, as lascas apresentam-se como elementos produzidos em todas as fases de vida de um núcleo. Este padrão é evidente, por exemplo, na presença ou não de córtex na sua face dorsal. Das 35 lascas estudadas, apenas 18, correspondendo a 51,4 % não apresentam córtex. A lâmina e as duas lamelas, não constituindo de todo amostras representativas, não apresentam córtex ou este ocupa menos de metade da peça. Ainda em relação às lascas, cerca de 25,8% daquelas onde o acabamento distal era visível apresentavam córtex nesta área. Este padrão representa não só uma fase de descorticação (ou de debitação plena numa estratégia de redução onde descorticar não se demonstre essencial), mas também uma estratégia de redução unidireccional.

O atributo perfil das lascas estudadas resulta na predominância das peças com perfil direito (48,6% das peças analisadas), sobre as com perfil curvo (25,7%) e torcido (25,7%). Esta dominância é típica das indústrias sobre quartzo, especialmente naquelas onde a tecnologia carenada é insignificante ou ausente.

A secção transversal é um dos atributos ao nosso dispôr com vista à localização dum artefacto dentro da sequência de redução na qual foi produzido. Assim, enquanto secções de tendência triangular são predominantes mas não exclusivas nas fases iniciais de exploração de um núcleo, secções trapezoidais tendem a existir em maior número na fase plena de debitage. Tendo tal em conta, sobressai da amostra de lascas de quartzo da UE 26 dos perdigões que estas foram produzidas em todas as fases de debitage: 28,6 % de peças com secção trapezoidal, 14,3% de peças com secção triangular. Assim, e muito provavelmente, as lascas resultam de duas estratégias de redução diferentes: como resíduos iniciais de núcleos prismáticos para a obtenção de suportes alongados (quer as lâminas quer as lamelas apresentam secções trapezoidais), e como suportes produzidos a partir de núcleos para lascas (prismáticos ou informes).

O formato geral dos bordos de uma peça serve, por vezes, para averiguarmos o grau de standardização duma indústria. As lascas de quartzo da UE 26 apresentam maioritariamente bordos irregulares (42,9% de 35 peças), o que aponta para uma economia de expediente. Já os produtos alongados apresentam bordos divergentes (caso da lâmina), ou convergentes (as duas lamelas).

O Padrão dorsal reflecte a estratégia de redução segundo a qual uma peça foi produzida. É, na ausência de remontagens, um dos melhores indicadores para as fases de exploração não visíveis nos núcleos abandonados. O estudo dos suportes produzidos nos Perdigões revela os seguintes resultados: os produtos alongados apresentam padrões dorsais paralelos ou convergentes, indicadores de tecnologia prismática e unidireccional. As lascas apresentam uma maior heterogeneidade, ainda que a predominância de padrões paralelos (54,3%) e convergentes (17,1%) também se verifique. A presença de raras peças com outro tipo de padrão dorsal indica, no entanto, outro tipo de estratégias (informe, bipolar, ou mesmo exploração de núcleos com múltiplos planos de percussão).

À semelhança do que vimos para os núcleos, pouca preparação foi efectuada nos planos de percussão previamente à extracção das lascas. De 29 peças deste tipo onde o talão é estudável, 24,1% apresentam talão cortical, 44,8% talão liso, três talão diedro, e apenas um talão facetado. O mesmo poderá dizer-se da técnica de abrasão, praticamente ausente nas peças estudadas. Apenas duas lascas apresentam vestígios de remoção de arestas entre o plano de percussão e a superfície de debitage, e pela técnica de facetagem. Ambos os padrões apontam, assim, para uma utilização maça de percussão directa. A total ausência de labiado nas lascas confirma-o.

A interpretação conjunta dos resultados da análise dos núcleos e da debitage em quartzo da UE 26 permite-nos a reconstituição apresentada na Fig. 23. A partir de um volume original recolhido nas formações de aluvião (terraços antigos, ou mesmo no leito de rios activos no momento da ocupação), criaram-se essencialmente dois tipos de núcleo: Informes, com vista à produção de lascas; e prismáticos com um plano de percussão (debitagem unidireccional), para a produção de lascas e de produtos alongados. Para o caso dos últimos núcleos, a preparação dos mesmos terá sido reduzida, sendo o descorticamento total raro ou inexistente; e limitando-se a preparação do plano de percussão, em alguns casos, à criação duma faceta lisa. A má qualidade do quartzo existente ditou, na maioria dos casos, o abandono dos núcleos, independentemente do seu tipo.

Os suportes produzidos terão sido na sua grande maioria utilizados em bruto, sendo apenas alguns seleccionados para utensílios — na sua maioria informais. Algumas das lascas foram assim suporte quer para “lascas retocadas” ou buris (um caso), quer para “peças esquiroladas”. Estas últimas consoante a sua interpretação, poderão ter sido utilizadas como núcleos bipolares/sob bigorna para lascas de pequenas dimensões, ou como utensílios que serviriam como “cunhas”.



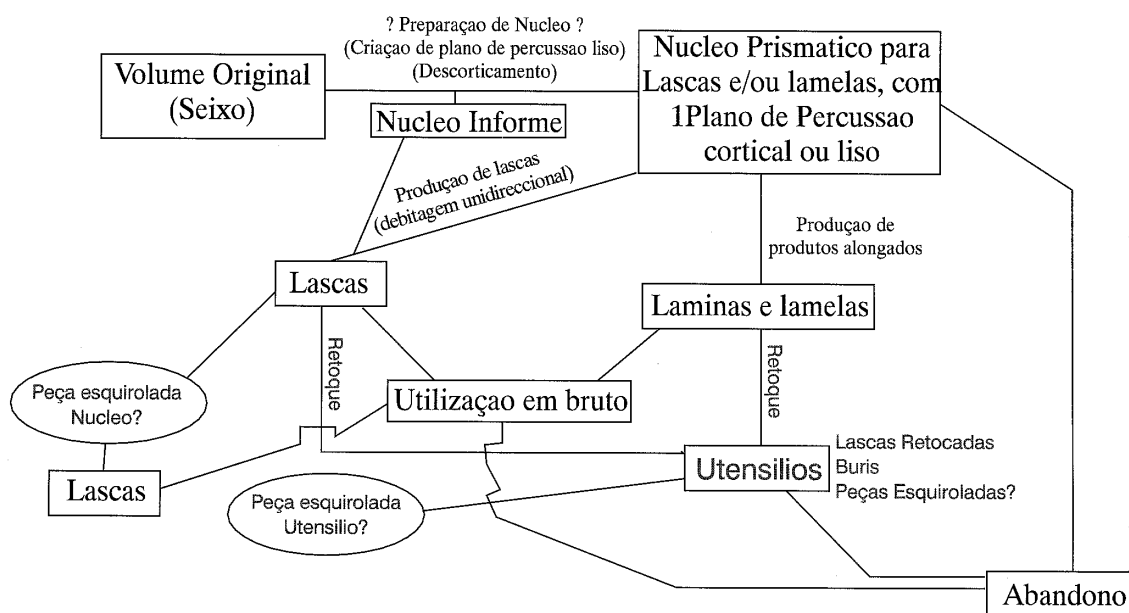


Fig. 23 Cadeia operatória do quartzo da Unidade Estratigráfica 26.

Dum modo geral, a tecnologia do quartzo da UE 26 parece-nos ser indicadora duma exploração expediente desta matéria-prima, com vista essencialmente à produção expedita de lascas, cujas dimensões e formato não são de forma alguma estandardizadas.

## Unidade Estratigráfica 52

### *Observações gerais*

A análise do Quadro 10 mostra que a UE 52 apresenta diversas semelhanças na sua indústria de pedra lascada com a UE 26, mas, quando comparada com a última, revela-se um contexto com melhor preservação. O quartzo é, à semelhança da UE 26, a matéria-prima mais utilizada, verificando-se apenas, num total de 41 peças, a existência de três fragmentos noutras matérias-primas (um em quartzito e dois em xisto jaspóide). Contrariamente à UE 26, porém, a UE 52 é mais rica em esquirolas (com oito casos). Tendo sido as técnicas de recolha exactamente as mesmas nas duas camadas, parece óbvio que a UE 52, se apresenta melhor preservada e, com o decorrer de futuros trabalhos, talvez se venha a verificar estarmos na presença duma área de talhe.

A quase totalidade dos artefactos em quartzo foi talhada num quartzo leitoso de excelente qualidade para o talhe, com poucas clivagens e sem geodes. À semelhança da UE 26, também na UE 52 o principal suporte pretendido com a exploração de núcleos de quartzo terá sido a lasca. A existência de um micro-buril nesta matéria-prima, e sobre suporte laminar levanta, no entanto, a possibilidade da existência de talhe com vista à produção de suportes alongados, posteriormente retocados como geométricos<sup>16</sup>.

Quadro 10 – Inventário geral da Indústria de Pedra Lascada da UE 52.				
<i>Tipo de Artefacto</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Xisto Jaspóide</i>	<i>Total</i>
Núcleos	2 <sup>(a)</sup>			2
Fragmentos de Núcleo	2			2
Lascas	20			20
Lamelas	2			2
Fragmentos	1	1	2	4
Esquírolas	8			8
Utensílios	5 <sup>(b)</sup>			5
<b>Total</b>	<b>40(c)</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>43(c)</b>

(a) Duas peças esquiroladas.

(b) Incluindo as duas peças referidas em (a).

(c) Total real: menos duas peças.

### Padrões tipológicos

A amostra de utensílios retocados da UE 52 é ainda mais pequena do que a presente na UE 26: apenas 4 utensílios (Quadro 11) e 1 micro-buril que, não sendo um utensílio, indicia a possível produção de geométricos sobre lâmina.

Quadro 11 – Utensilagem lítica da UE 52.	
<i>Tipo de Utensílio</i>	<i>Suporte Lasca</i>
Peça Esquirolada	3
Entalhe	1

Todos estes utensílios foram produzidos em quartzo, e têm como suporte lascas. Há ainda a referir, em relação a esta pequena amostra de utensilagem que, e à semelhança do que já dissemos para a UE 26, se considerarmos algumas das peças esquiroladas como núcleos, aquela ainda se torna mais pequena.

### *Padrões Tecnológicos*

Mais uma vez, o estudo tecnológico aqui apresentado resume à matéria-prima com representação significativa: o quartzo.

A pequena amostra de materiais em quartzo da UE 52 consta de quatro núcleos ou fragmentos de núcleo<sup>17</sup>, e 36 peças de debitage, das quais quatro retocadas.

A amostra de núcleos da UE 52 é muito reduzida: apenas quatro peças, sendo que duas poderiam classificar-se tipologicamente como peças esquiroladas, e as restantes como fragmentos de núcleo. Assim, sendo, a maioria da informação tecnológica apresentada nesta parte tem necessariamente de basear-se grandemente no estudo da debitage.

Nenhum dos núcleos estudados apresenta vestígios de córtex. Ao mesmo tempo que este padrão indica um certo cuidado na preparação dos núcleos, dificulta-nos a tarefa de definir qual a forma sob a qual o quartzo da UE 52 foi recolhido e seleccionado nos locais de aprovi-

sionamento. Tornou-se assim necessário analisar o córtex presente na debitação. A conclusão que podemos retirar da referida análise é a de a maior parte da debitação em quartzo ter sido leveda a efeito a partir de seixos. No entanto, e contrariamente à UE 26, parece ter-se assistido a uma maior preocupação no que diz respeito à qualidade da matéria-prima recolhida. É verosímil que alguns dos nódulos tenham sido testados no próprio local de aprovisionamento.

A ausência de córtex em todos os núcleos da pequena amostra disponível indica uma certa preocupação tida na preparação dos núcleos, implicando uma fase de descortamento. Quanto aos planos de percussão e respectiva preparação/manutenção, a inexistência de núcleos prismáticos impossibilita vislumbrar qual o tipo mais utilizado. A análise da debitação como veremos, aponta para padrões semelhantes à UE 26: predominância de talões lisos e, em menor número, corticais.

Todos os núcleos analisados mostram como último suporte produzido lascas. A ausência de núcleos prismáticos, quer para lascas, quer para produtos alongados deve-se, indubitavelmente, às reduzidas dimensões da amostra. A análise dos produtos de debitação demonstra-o claramente.

Ditado essencialmente por ressaltos na superfície de debitação, e algumas clivagens. Nas peças esquiroladas torna-se ainda possível como causa de abandono as suas pequenas dimensões.

A debitação em quartzo da UE 52, com a excepção de oito esquirolas e um fragmento inclassificável, é constituída por 24 lascas (15 inteiras, duas proximais, uma mesial, uma distal, uma com fractura longitudinal, e quatro retocadas), uma lâmina (micro-buril), e duas lamelas (uma inteira e uma proximal).

Em comparação com os suportes estudados na UE 26, os suportes produzidos na UE 52 parecem ter sido explorados através de cadeias operatórias mais cuidadas. Operações de descortamento terão sido sem dúvidas mais frequentes: os três produtos alongados não apresentam córtex, e cerca de 80% das lascas não têm córtex na sua face dorsal, ou este ocupa menos de 25% da mesma.

Também em comparação com a UE 26, o atributo perfil apresenta aqui ligeiras diferenças, tendo as lascas com perfil curvo e torcido mais representatividade (cerca de 30% para ambos os casos), mas continuando inferiores às com perfil direito (dez peças em 24). Mais do que indiciando a presença de tecnologia carenada, este padrão terá talvez mais a ver com as melhores qualidades para o talhe do quartzo da UE 52. O mesmo poderá dizer-se dos acabamentos distais das lascas estudadas: nenhum ressalto, apresentando a maioria das peças (45%) acabamentos distais difusos. A existência de cinco peças cuja parte distal é constituída por córtex é concomitante com a existência de tecnologia unidireccional.

Ainda à semelhança da UE 26, as lascas parecem ter sido produzidas em todas as fases de debitação: 54,2% destas peças apresentam secção trapezoidal, contra 29,2% com secção triangular. Assim sendo, as lascas de quartzo podem ter sido obtidas de duas maneiras: pela exploração de núcleos para lascas, e nas fases iniciais (ou de manutenção) de exploração de núcleos para lâminas ou lamelas.

O formato geral dos bordos das lascas é novamente dominado pelas peças irregulares (39,1%), apresentando os produtos alongados bordos convergentes ou divergentes.

Os padrões dorsais dos suportes estudados apontam para uma debitação maioritariamente unidireccional, a partir de núcleos prismáticos: 14 das 24 lascas estudadas apresentam cicatrizes paralelas, à semelhança das lamelas. A existência de lascas com padrões dorsais cruzados, ou mesmo bi-direccionais (dois casos) é reveladora de estratégias de redução com emprego de núcleos com dois planos de percussão, no último caso opostos.

Nas peças onde os talões eram visíveis, 66,7% destes eram lisos, 14,3% corticais, tendo os restantes tipos pouca significância. Tal como no caso da UE 26, os planos de percussão pare-

cem ter sido uma preparação mínima. No caso dos suportes alongados, é de realçar que todas as peças apresentavam talões lisos. Estamos assim e de novo perante uma percussão maioritariamente directa. A ausência de labiado é outra das características de todas as peças estudadas.

Tal como para a UE 26, é possível, conjugando o estudo dos núcleos e dos suportes produzidos, analisar as várias cadeias operatórias do quartzo utilizadas na UE 52 (Fig. 24).

Embora os volumes originais de quartzo da UE 52 sejam seixos, um maior cuidado parece ter tido lugar na altura da escolha e/ou aprovisionamento. Inversamente ao que é notório na UE 26, a maioria do quartzo aqui presente é de muito boa qualidade.

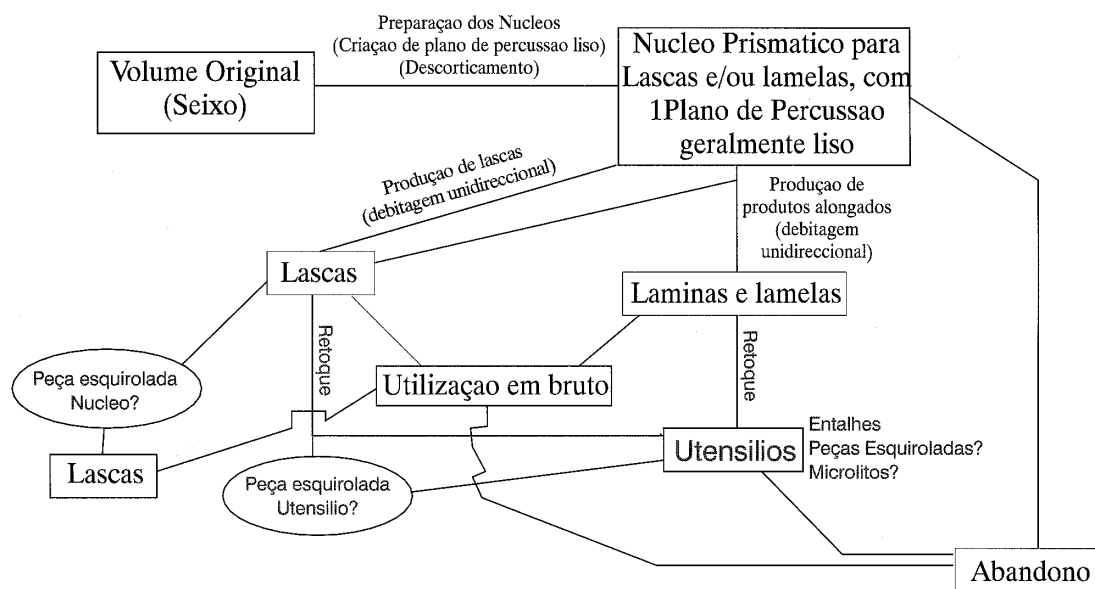


Fig. 24 Cadeia operatória do quartzo na Unidade Estratigráfica 52.

Depois de recolhidos e trazidos para o povoado, os seixos de quartzo passaram, geralmente, por uma necessária fase de preparação com vista à exploração como núcleos. Essa preparação consistiu num descorticação, parcial ou total, e, na maioria dos casos, pela criação dum plano de percussão liso. Produziram-se assim núcleos prismáticos (na sua maioria com apenas um plano de percussão, embora a debitagem ateste a existência de outros com planos de percussão cruzados e opostos), que serviram para a produção de lascas, ou de lascas e produtos alongados. O abandono destes núcleos terá sido ditado quer pelas suas pequenas dimensões, quer por ressaltos ou clivagens na superfície de debitagem.

A taxa de aproveitamento para retoque dos suportes produzidos parece ser pequena, pelo que é muito provável que a maioria dos mesmos tenha sido utilizada em bruto. A amostra de utensílios retocados é, para todos os efeitos, ridícula. Se excluirmos as peças esquiroladas, torna-se praticamente inexistente. Ainda assim, a existência da técnica do micro-buril sobre o único suporte de dimensões laminares encontrado na UE 52 indicia uma tecnologia com vista à produção de microlitos. Futuras escavações o confirmarão.

Concluindo, podemos afirmar que a UE 52 revela uma exploração intensiva de quartzo, com vista à obtenção de suportes classificáveis como lascas, que predominam nitidamente sobre as lâminas ou lamelas. No entanto, são estes últimos produtos os mais provavelmente escolhidos para o fabrico de utensílios formais.

## A pedra lascada do Monumento Funerário 1: análise dos materiais recolhidos

ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO

Os materiais do Monumento Funerário 1 dos Perdigoes são provenientes da câmara, do corredor e do designado “átrio”. Para além de uma lasca de xisto denticulada proveniente do topo remexido daquela última área, os materiais objecto do presente estudo podem subdividir-se nas seguintes categorias tecno-tipológicas: material de debitagem vário, lâminas, pontas de seta e punhal ou ponta de dardo de retoque cobridor.

### Material de debitagem vário

O material de debitagem vário está inventariado no Quadro 12. A sua análise revelou que boa parte do conjunto é formado por lascas corticais e fragmentos inclassificáveis com superfícies corticais, sendo as superfícies de talhe, por seu lado frequentemente esquiroladas. Estas observações levantam sérias dúvidas acerca da intencionalidade do talhe de, pelo menos, parte destas peças (a lasca de sílex está obviamente excluída deste raciocínio).

Por outro lado, a maioria destes materiais é provenientes de contextos de remeximento provocado pelas surribas mecânicas, sendo assim perfeitamente plausível que resultem da fragmentação recente de quartzo, facto tanto mais verosímil quanto é conhecido que o substrato local inclui vários filões dessa rocha.

Este conjunto deve, portanto, ser compreendido com as máximas reservas. Esta conclusão não deve, aliás, ser considerada surpreendente, pois estamos perante materiais provenientes de um local muito específico funcionalmente, onde tarefas de talhe, por norma, não deverão ter sido significativas. As poucas peças efectivamente talhadas devem corresponder a material votivo (e, neste sentido, funcionalmente equivalentes às lâminas ou às pontas de seta) ou material transportado para o local com o revolvimento de terras provocado pela surriba. Conclusões mais seguras só poderão ser aventadas quando se dispuser de um número maior de peças e do monumento completamente escavado.

Quadro 12 – Material de debitagem do Monumento Funerário 1 dos Perdigoes (a).

<i>UEs</i>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>19</b>	<b>66</b>	<b>53</b>	<b>29</b>	<b>34</b>	<b>Total</b>
Lasca não cortical (sílex)	1							1
Lasca cortical (quartzito?)			1					1
Lasca cortical (quartzo)	1	1	3		1	1		7
Lasca não cortical (quartzo)	1	1	1	1				4
Fragmento inclassificável (quartzo)	5		2					7
Esquirolas (quartzo)			1				1	2
Lasca não cortical retocada (quartzo)	1							1
Núcleo (?) (quartzo)	1							1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>24</b>

(a) Exclui material laminar, tratado à parte.

## Lâminas

Até ao momento foram recolhidas 15 lâminas, todas em sílex ou *chert*. A observação dos padrões de fracturação mostrou um predomínio das peças mesiais e distais, com seis exemplares cada categoria. Peças proximais e inteiras resumem-se a dois exemplares no primeiro caso e um no segundo. Cinco peças foram segmentadas de forma intencional por flexão. As que foram fracturadas acidentalmente apresentam fracturas antigas, não devendo responsabilizar-se os trabalhos de surriba ou outros factores pós-deposicionais por aquele padrão.

Partindo das peças cujos respectivos atributos eram analisáveis, foi possível verificar a existência de uma grande homogeneidade formal. Predominam, com valores perto dos 100%, as lâminas de secção trapezoidal com nervuras destacadas e rectilíneas, sem resíduos de córtex, bordos paralelos e perfil direito. Apenas nas peças distais se observa um significativo arqueamento das extremidades. As dimensões médias das lâminas oscilam entre  $2,28 \pm 0,53$  cm de largura e  $0,67 \pm 0,2$  cm de espessura. Os cálculos sobre o comprimento destas peças não pôde ser efectuado, pois apenas uma se encontra intacta (Fig. 25, n.º 2). Este padrão dimensional está em perfeita concordância com o que se observa noutros sítios do Neolítico final/Calcolítico.

Segundo os experimentadores de talhe modernos, os caracteres acima enumerados correspondem às características que apresentam as produções laminares efectuadas por pressão ou percussão indirecta. No caso das lâminas de morfometrias desta amplitude, é, todavia, inconcebível o talhe por pressão exercida manualmente. Apenas o recurso a «alavancas compressoras» permitiria a sua debitagem (Pelegrin, 1984).

A única excepção àquele panorama de grande homogeneidade formal é uma lâmina de crista com resíduos de córtex. Por outro lado, enquanto que a totalidade das lâminas tem faces inferiores planas, esta peça tem ondulações largas e proeminentes, atributo frequentemente associado a debitagem por percussão indirecta (Pelegrin, 1984; Carvalho, 1996). Significa este

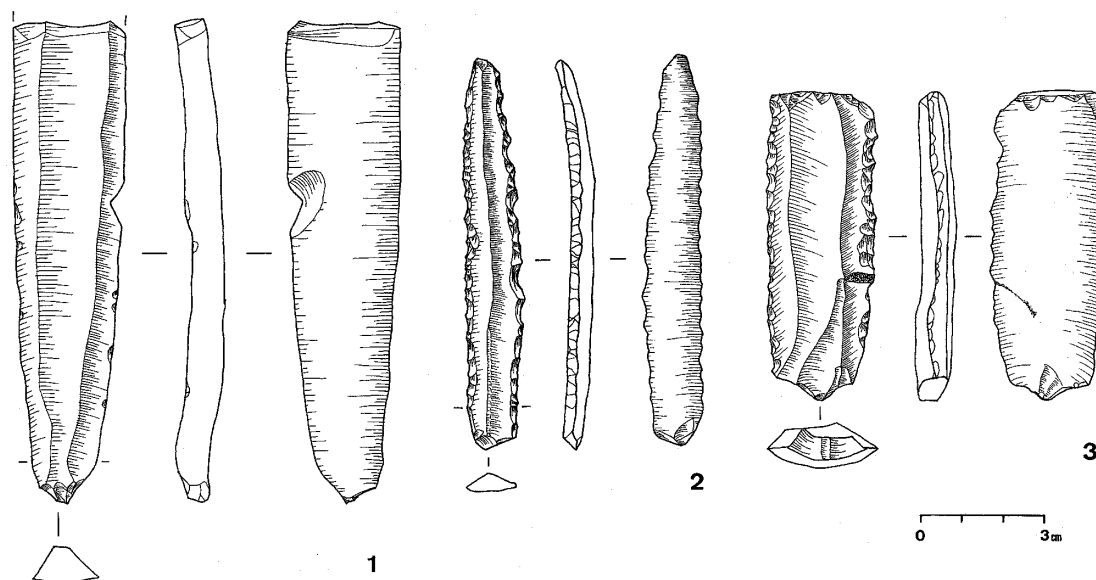


Fig. 24 Material lítico do Monumento Funerário 1.

facto que, no processo de debitagem, as fases iniciais eram efectuadas por percussão indirecta, e só a fase plena se realizava por pressão?

A análise dos talões está limitada apenas a três lâminas. Estes são sempre mais estreitos que a largura máxima atingida pela peça. Uma delas apresenta talão facetado (Fig. 25, n.º 3), com um pequeno labiado e regularização da cornija. Trata-se de uma das peças mais robustas do inventário (tem 2,7 cm de largura por 0,7 cm de espessura). Outra lâmina tem talão em espigão espesso (Fig. 25, n.º 1) e a terceira, por seu turno, tem talão polido, com regularização da cornija também por polimento (Fig. 25, n.º 2).

Assinale-se, finalmente, que 11 em 15 lâminas estão retocadas, o que se traduz numa percentagem muito elevada (igual a 73% do total).

### Pontas de seta

As pontas de seta totalizam 31 exemplares, dos quais 23 se encontram intactos. Entre as peças fracturadas, duas preservam a parte distal e outras tantas a parte proximal; em 4 exemplares fracturou-se apenas uma das aletas. As matérias-primas utilizadas no seu fabrico são o sílex (utilizado para o fabrico de três pontas), o xisto jaspóide (seis peças) e o xisto (22 peças).

Este conjunto de pontas de seta apresenta uma série de traços comuns. Os suportes utilizados são exclusivamente lascas. Têm bordos e secções longitudinais sempre rectas. O retoque empregue na sua configuração é bifacial, rasante, e de morfologia escalariforme. Em regra, trata-se de retoque invasor, sendo excepcionais apenas duas das três pontas em sílex, que apresentam retoque cobridor (Fig. 26). Do mesmo modo, só em sílex se conhecem exemplares com bordos serrilhados (Fig. 26, n.º 4) ou com tratamento térmico (Fig. 26, n.º 1).

As dimensões médias (comprimento x largura ao nível da base x espessura) das pontas de seta são as seguintes:

Quadro 13 – Dimensões médias das pontas de seta				
Sílex	3,15±0,8	×	1,71±0,22	× 0,37±0,09 cm
Xisto jaspóide	4,48±1,15	×	1,86±0,42	× 0,3±0,07 cm
Xisto	4,07±0,84	×	1,56±0,3	× 0,19±0,06 cm

A um nível de classificação tipológica básica, podemos ordenar as pontas de seta em função do tipo de base que apresentam. Assim, verificamos que os exemplares que a conservam repartem-se, em primeiro lugar, pelas peças com base côncava (18 peças, ou seja 62% do total), seguindo-se as peças de base côncava com aletas (oito peças, 28%), peças de base triangular invertida (duas peças, 7%) e peças de bases rectas (apenas um exemplar, ou 3% do total).

As diferentes matérias-primas distribuem-se de forma regular por aqueles tipos (Quadro 14). Dito de outra forma, conclui-se que não houve matérias-primas utilizadas de maneira deliberada e sistemática na confecção de qualquer tipo específico de ponta de seta:

- as três pontas em sílex têm base recta, côncava e côncava com aletas (um exemplar cada);
- as seis peças em xisto jaspóide têm bases côncavas (quatro exemplares) e côncavas com aletas (dois exemplares);
- as 22 pontas de seta em xisto estão presentes em todos os tipos reconhecidos, exceptuando o tipo de base recta.

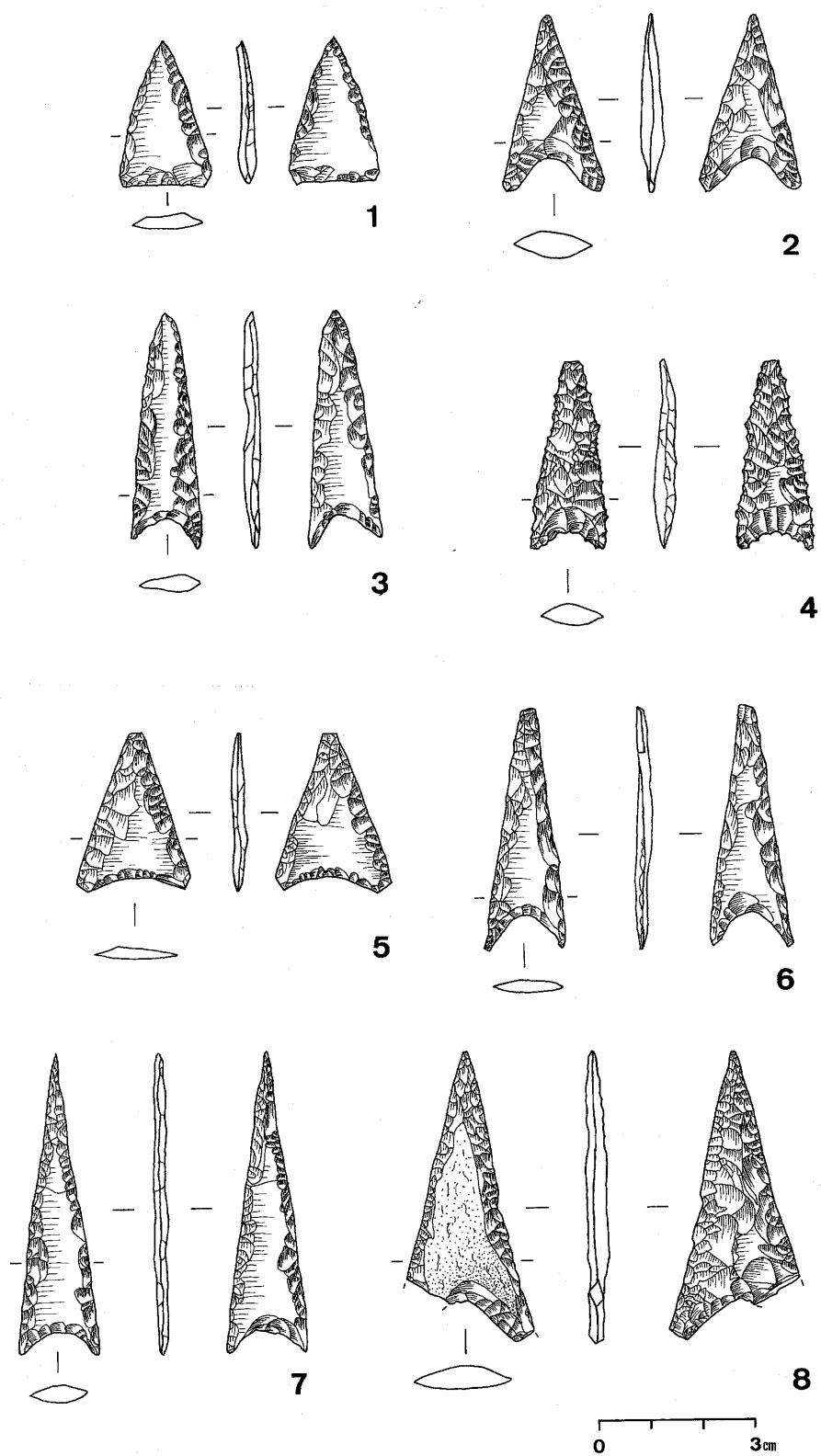


Fig. 26 Pontas de seta em xisto e sílex do Monumento Funerário 1.



Quadro 14 – Tipologia das pontas de seta do Monumento Funerário 1 dos Perdígões				
Tipos de base	Sílex	Xisto	Xisto jaspóide	Total
Base recta	1			1 (3%)
Base triangular invertida		2		2 (7%)
Côncava	1	13	4	18 (62%)
Côncava com aletas	1	5	2	8 (28%)
Total	3	20	6	29 (100%)

(a) Exclui duas peças distais em xisto.

Como ficou bem expresso através do cálculo das dimensões médias, este conjunto inclui peças de um modo geral muito finas. Verificando-se este padrão no caso do xisto, rocha muito frágil quando reduzida a pequenas lascas, pode concluir-se com grande probabilidade que estes materiais seriam funcionalmente ineficazes e que o seu fabrico teria tido como objectivo apenas a produção de materiais votivos.

A confirmação definitiva destas observações pode obter-se através da comparação dos índices de alongamento ( $I_{al}$ ) e de espessura ( $I_e$ ) destas peças em função da matéria-prima, com índices homólogos de peças provenientes de um contexto de povoado. Escolheu-se como comparação o conjunto de pontas de seta em xisto do povoado de Santa Justa, Alcoutim (Gonçalves, 1989), representado na Fig. 27. Parte-se, assim, do princípio de que a maioria das peças abandonadas no povoado serão funcionalmente eficazes.

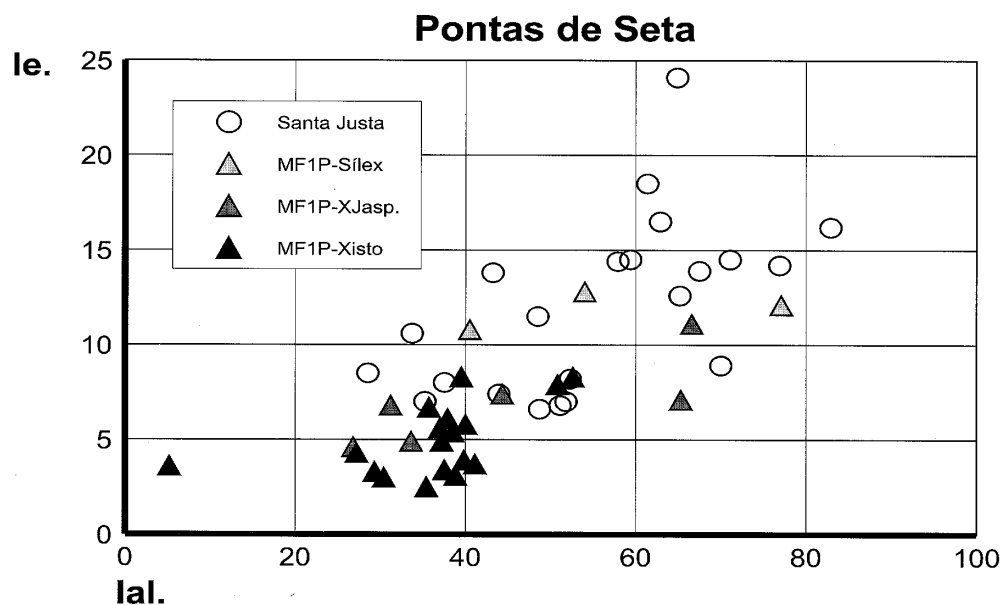


Fig. 27 Dispersão dos índices de espessura e alongamento das pontas de seta em xisto do povoado de Santa Justa e do Monumento Funerário 1 dos Perdígões (universo subdividido em sílex, xisto e xisto jaspóide).

A análise da Fig. 27 demonstra a validade daquela dedução. Efectivamente, a mancha definida pelas peças de Santa Justa apresenta uma tendência para maiores comprimentos e espessuras; pelo contrário, as pontas de seta em xisto do Monumento Funerário 1 (Fig. 28) são clara-

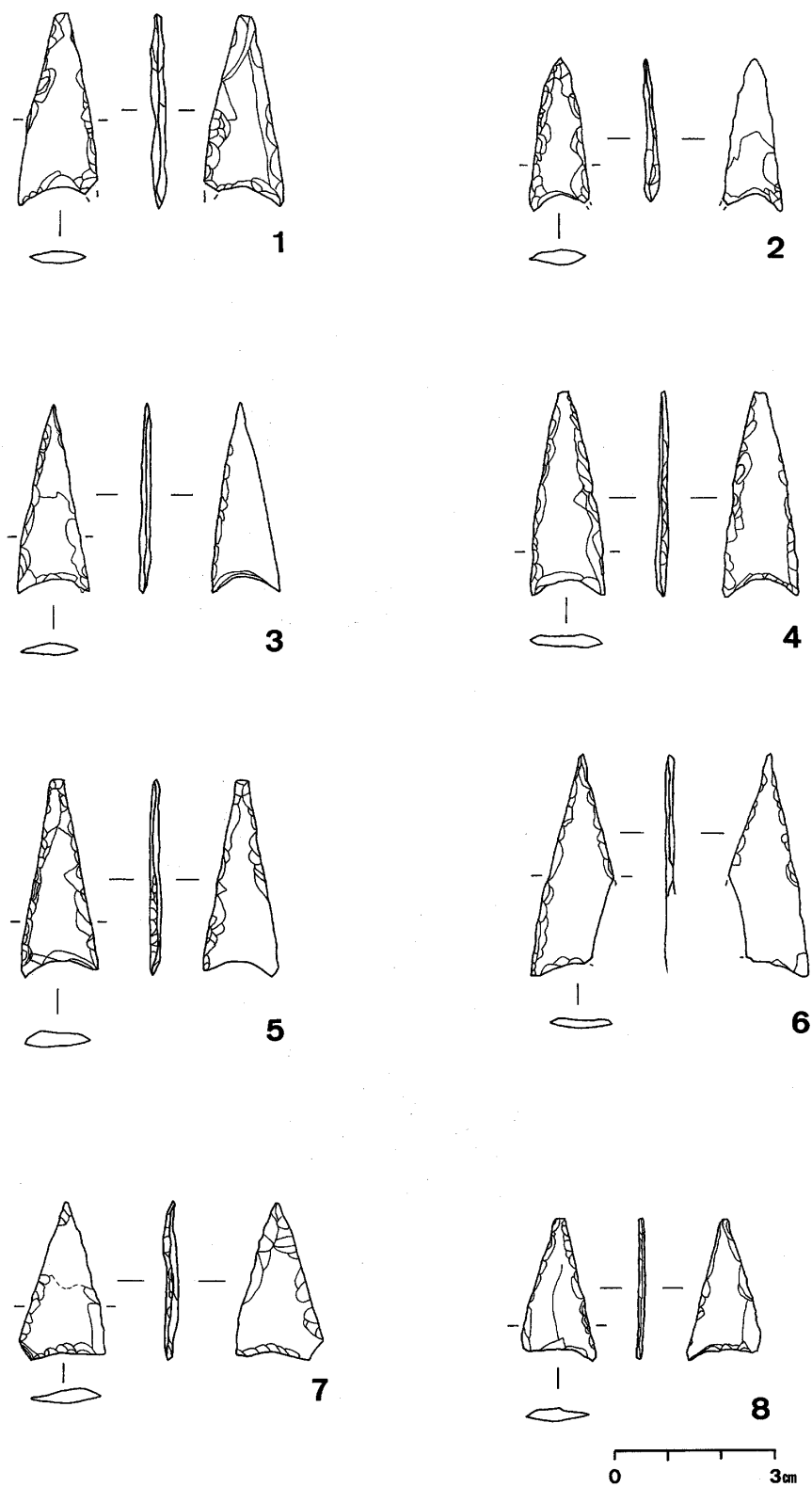


Fig. 28 Pontas de seta em xisto do Monumento Funerário 1.

mente mais curtas e finas, padrão que se repete nas peças produzidas em xisto jaspóide. As pontas de seta em sílex estão aproximadamente nos valores medianos das dimensões das pontas de seta de xisto daquele povoado, pelo que são estas as únicas a poder ter alguma eficácia balística.

Estas observações demonstram, assim, o carácter exclusivamente votivo de, pelo menos, a maioria das pontas de seta do Monumento Funerário 1 dos Perdigões.

### Punhal ou ponta de dardo de retoques cobridores

Trata-se de uma peça fabricada em sílex bege, com largas bandas e pintalgados de cor castanho-clara (Fig. 29). Apresenta uma forma geral triangular alongada, com bordos rectos e estrangulamento nítido na base, que é recta. Esse estrangulamento foi obtido através da execução de dois entalhes, verosimilmente para facilitar o encabamento da peça em matéria perecível (madeira ou osso, por hipótese). O perfil é direito, e a secção longitudinal apresenta uma maior espessura proximal (0,85 cm) do que distal (0,41 cm). A secção transversal é aproximadamente hexagonal.

Esta peça tem um comprimento da extremidade distal à base de 15,42 cm, e uma largura máxima de 5,94 cm ao nível superior dos entalhes. O comprimento do gume (ou seja,

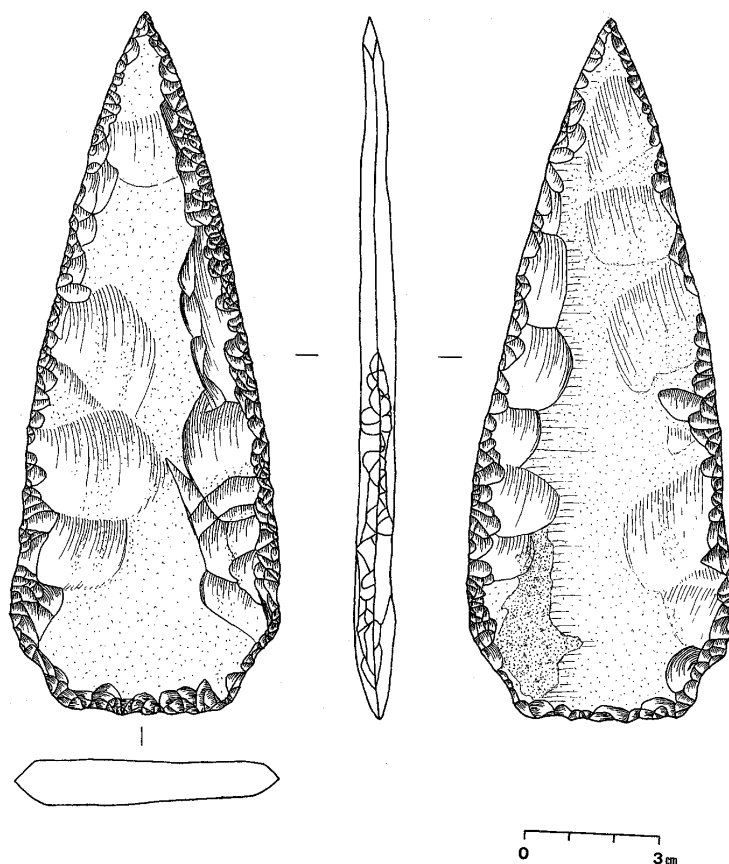


Fig. 29 Punhal ou ponta de dardo do Monumento Funerário 1.

excluindo a parte dos entalhes e da base) é igual a 14,19 cm. A largura basal é de 4,25 cm. A espessura máxima, atingida a cerca de 2,5 cm da base, é de 0,94 cm.

O suporte original é agora irreconhecível, podendo ter sido uma lasca muito robusta ou uma plaqueta de sílex. No entanto, é possível identificar as várias etapas de fabrico subsequentes à extracção do suporte:

- *configuração do suporte* com retoques bifaciais invasores, muito amplos (há retoques desta etapa com cerca de três cm de comprimento), e de morfologia escalariforme; o suporte terá adquirido nesta etapa uma forma triangular ou trapezoidal.

- *polimento integral de ambas as faces*; há nervuras polidas e retoques da etapa anterior com polimento afectando as ondas de choque mais destacadas.

- *adelgaçamento dos bordos* com retoque bifacial invasor, de morfologia escalariforme, mais curtos, truncando parte do polimento anterior.

- *configuração final do utensílio* com retoque bifacial invasor de morfologia escamosa, limitado aos bordos da peça; a parte basal é destacada pela aplicação de dois entalhes (um dos quais ainda é visível em vista da face inferior) depois arredondados pelo retoque de configuração final. Em nenhuma das etapas foi aplicado tratamento térmico.

Nestas etapas de fabrico destaca-se a sequência *retoque/polimento/retoque*, facto já atestado em peças similares (punhais sobre lâmina, «alabardas», etc.) do Ocidente e Sudoeste peninsular. No entanto, o procedimento mais correntemente empregue não parece ter sido este:

«En alguns casos, el procés d'elaboració comporta una primera talla facial preparatòria, seguida del poliment i d'una posterior retalla, més acurada, per a l'acabat. No obstant, la triple operació talla/poliment/retalla sol ser rara, i *el més habitual* observat, sobretot en els punyals amb peladures, és una primera fase de poliment (normalment bifacial) que precedeix al retoc en sèrie de la cara dorsal» (Juan-Cabanilles, 1990, p. 207; *itálico ausente no original*).

Frise-se, finalmente, uma breve análise traceológica da peça, levada a efeito por Hughes Plisson (comunicação pessoal) não revelou qualquer marca típica de utilização (pátina de uso, estrias, denticulações nos bordos, etc.), o que demonstra que se trata de uma peça exclusivamente votiva.

### **Inserção regional**

O conjunto dos paralelos conhecidos na região de Reguengos indica que os três principais conjuntos artefactuais líticos estudados deverão datar globalmente do III milénio a.C., ou seja, o normalmente designado «Calcolítico do Sudoeste». Deste modo, estão em perfeita conformidade com a cronologia geral do povoado a que pertence o Monumento Funerário.

As lâminas robustas, maioritariamente retocadas, foram já classificadas por Leisner e Leisner (1951) como «material de época eneolítica», e, nesse quadro cronológico, equiparadas às pontas de seta e «alabardas».

O punhal ou ponta de dardo não encontra paralelos formais exactos na região. Tanto quanto se depreende de trabalhos já publicados, apenas três fragmentos de «alabardas» recolhidos em antas de Reguengos poderão ser tecnicamente equivalentes (fabricadas sobre lasca larga ou plaqueta, com retoque cobridor). Os foliáceos sobre suporte largo são típicos do Calcolítico, embora, em recente publicação, Cardoso [et al.] (1996) se refiram ao aparecimento de «foicinhas» ovais no nível do Neolítico final de Leceia, Oeiras, onde atingem 5,8% do total da utensilagem, contra os 20,3% que terão no Calcolítico inicial do mesmo sítio.

No que respeita às pontas de seta, os Leisner consideravam típicas do Megalitismo de Reguengos as peças de bordos serrilhados e as de base côncava, nomeadamente o subtipo de aletas. As primeiras foram encontradas no *tholos* da Farisoa, anta 1 do Cebolinho e anta 1 da Farisoa; as últimas na anta do Olival da Pega e no *tholos* da Farisoa. Aqueles autores acrescentam ainda que «em todo o concelho de Reguengos não se encontrou uma única ponta de seta de base triangular, convexa ou de espigão. Domina exclusivamente o tipo de base côncava ou recta» (Leisner e Leisner, 1951, p. 60).

Só em parte, portanto, o Monumento Funerário 1 dos Perdígões se reflecte neste panorama. Com efeito, para além do numeroso grupo de pontas de seta de base côncava, só se recuperou até ao momento uma única peça de base recta e uma outra com bordos serrilhados, peças percentualmente inexpressivas no seio do conjunto. Esta observação, tal como outras, necessita, para definitiva compreensão, não só de novos dados de terreno como também da publicação detalhada de outros materiais e trabalhos de escavação em curso nesta região.

## Análise da componente metalúrgica ANTÓNIO VALERA

A presença de produção e utilização de artefactos metálicos encontra-se atestada no povoado dos Perdígões por inúmeros materiais recolhidos à superfície e em escavação, agrupáveis nas seguintes categorias: minério em bruto; cadinhos; moldes, restos de fundição e artefactos metálicos. A relação destes materiais encontra-se expressa nos Quadros 15 e 16.

Quadro 15 – Relação dos materiais metálicos e relacionados com a actividade metalúrgica					
<i>Contextos</i>	<i>Minério</i>	<i>Cadinhos</i>	<i>Moldes</i>	<i>Restos de fundição</i>	<i>Artefactos</i>
Superf.	-	29	1 (?)	1	
13					
1	-	1	-	-	-
4	-	2	-	-	-
6	-	-	-	2	-
9	-	1	-	-	-
12	1	-	-	4	-
14	-	-	-	-	1
16	1	-	-	-	-
18	1	19	-	4	-
19	-	1	-	-	-
26	-	1	-	-	-
28	1	-	-	-	-
29	-	-	-	-	1
31	1	3	-	4	-
45	-	-	-	-	1
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>57</b>	<b>1</b>	<b>15</b>	<b>16</b>

Quadro 16 – Descrição dos artefactos metálicos

<i>Nº de registo</i>	<i>Descrição</i>
6836	Conjunto de três fragmentos de utensílios pegados: um possível escopro ou machado com gume fracturado; um fragmento de machado plano; um fragmento inclassificável. É possível que se tratasse de um conjunto para refundição.
S/N	Fragmento inclassificável (possível gume fracturado ?)
1709	Possível punção, achatado, com secção rectangular.
1708	Fragmento de lâmina, com intensos sinais de uso.
2720	Fragmento de lâmina, com sinais de usos e vestígios de fractura por flexão.
3415	Possível escopro (muito congressionado).
4346	Punção de secção arredondada, dobrado.
1218	Fragmento de lâmina com vestígios de fractura por flexão.
1219	Punção de secção subquadrangular, muito congressionado.
1220	Fragmento proximal de lâmina com um entalhe para encabamento no bordo esquerdo e dois (um maior e outro de reduzidas dimensões) no lado direito.
1221	Fragmento proximal de punhal (?) com quatro entalhes para encabamento (dois grandes localizados lateralmente e dois mais pequenos nos ângulos arredondados do topo proximal)
1222	Serra.
1223	Fragmento de lâmina.
1224	Escopro ou espátula, dobrado e muito congressionado.
1225	Escopro, com a extremidade proximal dobrada.
1226	Fragmento de lâmina (?).
1227	Punhal, dobrado e com os gumes muito danificados. Apresenta, na extremidade proximal (que está fracturada), um entalhe para fixação.

A actividade metalúrgica e a utilização de artefactos metálicos nos Perdigões parecem, pois, ter sido relativamente intensas, estando documentadas por inúmeros vestígios.

Relativamente aos cadinhos, estes surgem com um número particularmente significativo. Note-se que se recolheram mais cadinhos só à superfície nos Perdigões que em qualquer outro povoado do Sul de Portugal, tanto em prospecções como em escavações.

Os cadinhos dos Perdigões apresentam uma morfologia muito homogénea, correspondendo a recipientes de morfologias subrectangulares, de pouca profundidade e fundo aplanado. O seu acabamento é pouco cuidado, sendo as pastas grosseiras e apresentando frequentemente impressões digitadas realizadas no decurso da moldagem da forma. A base e paredes externas apresentam, por vezes, bastantes irregularidades. Num número significativo de casos, as paredes externas laterais no sentido do comprimento apresentam uma certa concavidade longitudinal, morfologia eventualmente relacionada com a técnica de prensão do cadinho durante o processo metalúrgico.

A quase totalidade dos cadinhos apresenta sinais de utilização na actividade metalúrgica: intensa exposição ao calor e conseqüente vitrificação de certas partes dos recipientes; vestígios de escória e metal aderentes às paredes dos recipientes.

Encontram-se paralelos formais para estes cadinhos em vários povoados do Sudoeste, como Três Moinhos, Castelo Velho de Safara, Porto Mourão, S. Brás (Soares [et al.], 1994), Santa Justa e Corte João Marques (Gonçalves, 1989).

Relativamente aos moldes, o seu número contrasta ainda fortemente com o dos cadinhos, estando representados por uma peça catalogável (com alguma incerteza) como tal. Trata-se um fragmento cerâmico com um sulco profundo de secção semi-circular.

Quanto aos artefactos metálicos recuperados até ao momento nos perdigões, poderíamos agrupá-los em três grupos:

1) Materiais para refusão. Neste grupo integra-se o conjunto de três peças que se encontram aderentes umas às outras. Entre elas encontram-se dois fragmentos de forma paralelipédica, eventualmente correspondendo ao corpo de um machado plano e de um escopro. Estas morfologias têm sido consideradas como podendo corresponder a verdadeiros lingotes de cobre destinados à refusão, tendo frequentemente a forma de machado plano (Soares [et al.], 1994), utilizados para sucessivas extracções de pequenas parcelas para refusão e fabrico de objectos pequenos (Cardoso, 1997).

2) Materiais destinados a funções práticas. Neste grupo enquadram-se a grande maioria dos artefactos recolhidos nos Perdigões: punções, lâminas, serra, escopros.

3) Armas. Aqui integrámos os dois punhais (o completo e o fragmento proximal), embora não se possa excluir a estas uma funcionalidade prática relativa a actividades do quotidiano.

Não existem ainda análises realizadas à composição dos artefactos metálicos, minério e restos de fundição recuperados no povoado dos Perdigões, contudo, e tendo em conta o que é conhecido para a metalurgia calcolítica do Sudoeste Peninsular, estes serão provavelmente artefactos em cobre ou, quando muito e dada a tradicional associação ao complexo campaniforme, em cobre arsenical.

No que concerne ao abastecimento destas matérias-primas necessárias à produção metalúrgica, o facto de não existir ainda uma caracterização da composição dos metais dos Perdigões dificulta a abordagem do problema. Contudo, algumas questões podem, desde já, ser avançadas, nomeadamente a partir da presença de matéria-prima no povoado e da sua localização face a possíveis fontes de proveniência.

A uma escala local, o povoado dos Perdigões localiza-se numa área onde os recursos para o abastecimento da actividade metalúrgica rareiam ou são mesmo inexistentes. Porém, a uma escala regional, a área de Reguengos é circundada por zonas onde essas matérias-primas existem com alguma abundância. A Sul e a Oeste surge uma sequência de jazidas que se estende, num alinhamento SE-NO, da zona de Montemor-o-Novo à de Barrancos. Na margem esquerda do Guadiana, são mesmo conhecidas minas de cobre com vestígios de mineração durante o Calcolítico, casos das minas de Rui Gomes e do Monte do Judeu (Soares [et al.], 1994). A Norte, são conhecidas jazidas na região de Vila Viçosa – Alandroal – Estremoz. Se uma identificação mais precisa da proveniência da matéria-prima presente nos Perdigões não pode ser feita sem as referidas análises de composição, a posição central do povoado face a um conjunto de áreas potencialmente fornecedoras garantir-lhe-ia um fácil acesso a esses recursos.

Por outro lado, a presença de minério no povoado dos Perdigões levanta novamente a questão dos locais onde era feita a fusão redutora do minério. A presença de minérios de cobre e arsénio tem ocorrido em alguns povoados calcolíticos da região, como o Castelo Velho de Safara e Porto Mourão (*Idem*). Estas ocorrências poderão sugerir que, pelo menos, parte das operações de fusão redutora ocorreriam também em povoados. Efectivamente, se as investigações feitas na região de Huelva (Rothenberg e Blanco-Freijeiro, 1981) revelam que nessa região, durante o Calcolítico, este tipo de operações se realizavam junto às minas, tal não significa que este fosse sempre o procedimento.

As questões da metalurgia têm tido particulares implicações na construção de modelos explicativos para o Calcolítico peninsular. A questão da mineração e primeiras etapas de transformação têm conduzido a modelos de estratégias especialização e hierarquização de povoamento; o fabrico e utilização e circulação de metais originou debates entre os que defendem um carácter especializado, elitista e socialmente reservado dessas actividades, atribuindo-lhes por vezes um papel de relevo na transformação social e os que as perspectivam com significado mais “democrático”, mais acessível ao todo comunitário, retirando-lhes, sem deixar de lhes reconhecer importância como fenómeno catalizador e potenciador, um papel central na mudança.

Discutir estas problemáticas a partir dos dados actualmente disponíveis para os Perdígões é igualmente “problemático”. Contudo, é possível salientar alguns pontos:

1) Os Perdígões são actualmente, e apesar do ainda restrito trabalho realizado, o povoado do Sul de Portugal que maior número absoluto de vestígios forneceu relacionados com a actividade metalúrgica.

2) A sua posição de distanciamento local, mas proximidade regional no que respeita a possíveis fontes de abastecimento, relativamente às quais tem uma posição central, é particularmente interessante, sobretudo tendo em conta o que se afirmou no ponto anterior. Esta situação, com a evolução do estudo do sítio e do povoamento local, poderá vir a proporcionar interessantes abordagens da estruturação desse povoamento no III milénio a.C.

3) A presença de minérios de cobre no povoado parece indiciar que a actividade de fusão redutora também se realizaria no povoado. Assim, temos documentadas as várias etapas da cadeia de produção/utilização de artefactos metálicos, com a excepção da extracção mineira: fusão redutora, fundição e moldagem para fabrico de utensílios, utilização dos artefactos, refundições.

4) Sem que se possa com legitimidade falar de especialistas, a distribuição espacial dos registos relacionados com a actividade parece evidenciar áreas de maior concentração, que poderão representar áreas especializadas. Efectivamente, e apesar de uma dispersão mais ou menos homogénea por todo o povoado (com excepção do quadrante sudoeste, na zona de actual acesso ao sítio e onde foram realizadas recolhas de materiais por outras equipas, o que originou um vazio na cartografia das recolhas de superfície agora realizada) verificou-se no Quad. J7, bem no interior do recinto, e no Quad. V7, junto ao limite exterior, uma grande concentração de cadinhos, vestígios de minério, restos de fundição. Uma segregação espacial da produção assim sugerida poderá ou não representar a existência de especialização laboral. O problema da especialização pode e deve ser colocado em duas vertentes, que não sendo exclusivas, são efectivamente distintas e não se implicam mutuamente: a existência de áreas especializadas e a existência de especialistas. Assim, e seguindo a terminologia proposta por Rapoport (1990), na informação actualmente disponível para os Perdígões poderão ser eventualmente identificados *cenários* especializados na actividade metalúrgica, mas não ainda, de forma segura, *pessoas* especializadas nessa mesma actividade.

Verifica-se, deste modo, que as potencialidades de investigação nos Perdígões, no que respeita a tudo o que envolve a problemática da metalurgia (desde os processos ao significado social), são, de facto, mais uma justificação de peso para a continuidade dos trabalhos.

Quanto a questões de cronologia da actividade metalúrgica, os dados disponíveis não acrescentam nada ao actual panorama dos conhecimentos para o Sudoeste Peninsular. Apenas poderão reforçar a ideia de que o apogeu do povoado se terá processado durante o III milénio a.C. e que, no que à metalurgia diz respeito, também não existem sinais de um prolongamento da vida do povoado para momentos cronológicos posteriores ao Calcolítico.



## O Povoado dos Perdigões, Reguengos e o Sul MIGUEL LAGO

### **Estruturação específica do povoado**

O Povoado dos Perdigões, com os seus contornos mais ou menos nítidos que nos são dados por diversas linhas (Fig. 30), aparentemente relacionadas com fossos mas talvez também com muralhas ou paliçadas, é muito mais complexo do que inicialmente nos é sugerido pela imagem de conjunto. Destacam-se sobretudo, a enorme área ocupada e a quantidade de restos de objectos utilizados no quotidiano pelas populações que ali viveram.

Desconhecemos como toda a história começou, mas a sua ocupação definitiva, permanente e atestada terá certamente relação com comunidades de camponeses definitivamente sedentarizadas. É ainda cedo para saber quando ocorreu a sua fundação uma vez que as leituras da cultura material não permitem mais do que enquadramentos temporais genéricos que, em conjunto, definem uma ocupação no final do IV milénio e durante o III.

A planta que temos do povoado pode corresponder ao seu crescimento, durante o qual se foram acumulando sedimentos ou estruturas e ampliando ou reduzindo os espaços ocupados, permanecendo esses movimentos marcados no solo; ou seja, podemos estar perante uma estratigrafia horizontal e não perante um conjunto específico, estruturante de um povoado que com essa forma tivesse existido. Aquilo que vemos, talvez nenhum habitante dos Perdigões tenha visto, porque, eventualmente, foi obra de gerações. A imagem que hoje temos do povoado integra um conjunto de estruturas que poderão, ou não, ter existido em simultâneo. Será a nossa imagem representativa da diacronia local, equivalente à que temos de algumas igrejas medievais que foram enriquecidas em várias épocas posteriores? Será que todos os eventuais fossos estiveram simultaneamente em utilização? Será que as estruturas centrais são mais antigas, representando as linhas concêntricas, que se desenvolvem a partir do centro, alargamentos da área ocupada?

Perante o conjunto arquitectónico conhecido e os escassos dados de superfície ou devidamente contextualizados de escavação, temos que ter o maior cuidado, para não cairmos em visões redutoras e simplistas que visem fasear homogeneamente a história local.

Este povoado ocupou uma área muito específica, na qual se deu uma curiosa adaptação entre a arquitectura projectada e a implantação espacial e topográfica, que revela uma notável capacidade de avaliação do espaço territorial e das respectivas potencialidades. A inserção na paisagem aponta para uma nítida intencionalidade relativamente a um espaço muito específico em que todos os elementos naturais preludiavam a implantação de um sistema arquitectónico. De facto, as construções realizadas marcaram a adaptação a um pedaço da paisagem definido por um conjunto de características essenciais:

- abundância de água; a existência de nascentes nas imediações, localização de reservas subterrâneas excepcionais para a região, implantação topográfica que facilita o escoamento de águas da chuva para reservatórios; proximidade à Ribeira do Álamo;

- proximidade de terrenos de boa qualidade e que em função das reservas de água existentes poderiam ser, facilmente, potenciadas em termos agrícolas; o eventual transbordar de águas da Ribeira do Álamo para as terras mais baixas, situadas perto do Povoado, poderia ser enquadrado num sistema de aproveitamento hídrico com fins agrícolas;

- subsolo caracterizado por rochas brandas que facilmente poderiam ser escavadas para construção de estruturas diversas, como áreas habitacionais, de armazenagem, defensivas, deli-



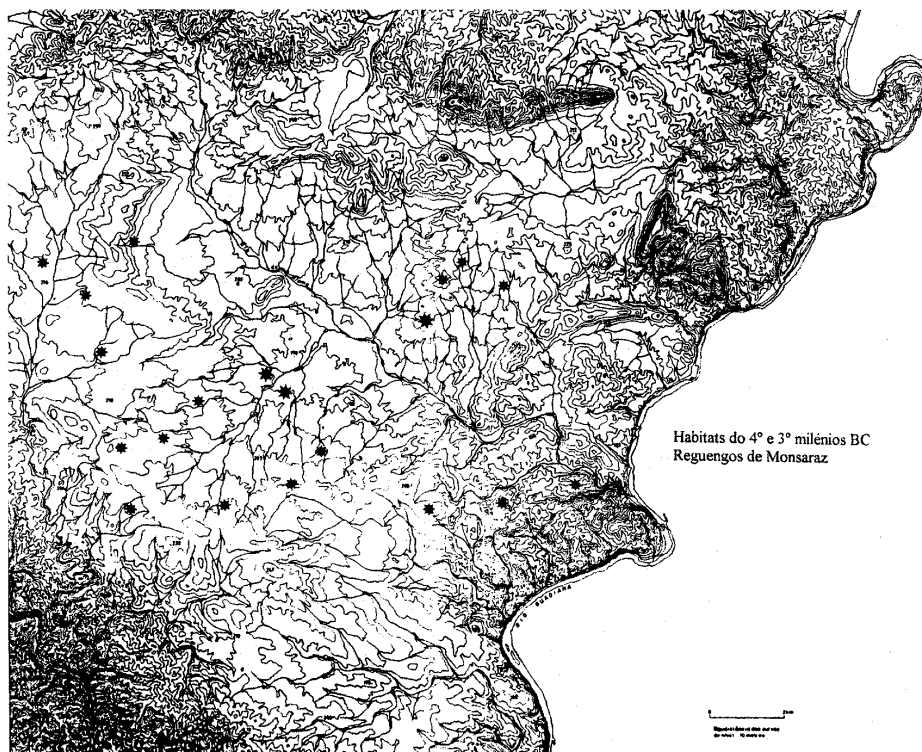
MANUEL RIBEIRO

Fig. 30 Vista aérea sobre o povoado (Agosto de 1997).

mitadoras e de drenagem; convém lembrar que a mancha geológica em que se implanta o povoado é muito restrita e repetida apenas em mais um local da área de Reguengos e que, localizado no limite daquela mancha específica, surgem também de outras fontes de matéria prima, como pedra e barro, necessárias à edificação de arquiteturas e ao fabrico de artefactos;

- implantação na entrada do vale; esta discreta implantação topográfica permite um bom domínio visual sobre todo o vale, ao mesmo tempo que dificulta a visibilidade de fora para dentro, com destaque para a total invisibilidade de grande parte dos lados, principalmente de Oeste.

Tudo aponta, pois, para um bom conhecimento do espaço e uma especial necessidade de água abundante e permanente. Pensamos mesmo que esta será uma variável fundamental para a compreensão dos Perdigões e um eixo prioritário de investigação futura. O fundo comum às populações que ocuparam o Vale terá sido, sistematicamente, a natureza propícia ao seu estabelecimento estável. Em Reguengos, uma análise da implantação dos povoados conhecidos para o III e IV milénio a.C. (Gonçalves e Sousa, 1997) coloca-os dispersos pelo Vale, muitas vezes perto das antas e de outros monumentos megalíticos, que surgem, evidentemente, associados a áreas de abundância de matéria prima para a sua construção. O eixo estruturante da paisagem,



**Fig. 31** Mapa de distribuição de habitats do IV e III milénio conhecidos na região de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves e Sousa, 1997).

como já referido, terá sido a Ribeira do Álamo. As terras e a água terão permitido criar raízes sólidas e ao mesmo tempo condicionaram a ocupação do espaço. A localização e distribuição de povoados e monumentos funerários pode também indiciar a estratégia geral desenhada em função da água disponível e das terras utilizadas. De facto, os povoados nunca estão situados nas cotas mais baixas do Vale e, quanto às antas, apesar de pontuais excepções, a esmagadora maioria segue o mesmo esquema, aliás, perfeitamente visível nos mapas seguintes (Figs. 31 e 32):

Este afastamento das terras baixas pode ter ocorrido não só por questões de libertação das mesmas para as actividades agrícolas mas, eventualmente, também por razões relacionadas com o transbordar periódico da Ribeira do Álamo e o consequente alagamento das terras mais baixas. Esta hipótese de trabalho deverá ser testada, no âmbito da investigação das estratégias de aproveitamento do espaço e dos recursos.

A pesquisa relativa ao povoamento do III milénio a.C. tem evoluído no sentido de conceberem diferentes formas de implantação espacial para os habitats, durante o mesmo período cronológico. Apesar disso, as limitações da investigação arqueológica ainda não permitiram entender devidamente as diversas estratégias que lhes estão associadas.

Ao contrário de outros povoados desta época, situados em pontos destacados na paisagem e com boas condições naturais de defesa, este foi implantado numa zona de encostas, sem atingir os seus pontos mais elevados e com escassa visibilidade para grande parte da sua envolvente. Os limites externos do povoado seriam marcados, não sabemos se desde a sua fundação, por um fosso sub-circular. O centro geométrico e estrutural do sistema arquitectónico visível, constituído pelo que parecem ser várias estruturas concêntricas, tipo fosso, situava-se



Fig. 32 Mapa de distribuição de monumentos megalíticos na região de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992).

numa plataforma alongada. Esta e uma outra, ligeiramente a Norte, teriam a grande vantagem de sobressair topograficamente sobre as restantes áreas do povoado e, portanto, não funcionarem como escoadouros de águas durante o período de chuvas. O alívio dessa condicionante para o restante espaço do povoado viria precisamente da existência de fossos, que assim, para além de delimitadores de espaços cercados funcionariam como elementos de drenagem e condução de águas. A análise do sítio, nomeadamente através da fotografia aérea, revela uma coincidência entre várias linhas de água e linhas de fosso. Se ainda hoje, estando totalmente preenchidos, os fossos escoam águas, dada a menor densidade das terras quando comparadas com a da rocha, na época eles teriam, sem dúvida, canalizado eficazmente águas para a zona mais baixa do povoado. Curiosamente, foi aí, para onde confluem fossos, ou talvez por isso mesmo, que foram abertas, há relativamente poucos anos, duas grandes minas de águas que poderão ter alargado e, nesse caso destruído irremediavelmente, depósitos de menores dimensões, abertos pelos habitantes dos Perdígões. Talvez nunca venhamos a esclarecer esta hipótese.

A abertura de um fosso implica sempre a criação de uma lomba a ele associada, criada à base do material escavado: terra e rocha, quando esta chega a ser rompida, como sucedeu neste caso. Se temos atestados grandes fossos, em largura e profundidade, é possível imaginar o que seria a envergadura dessas lombas, nomeadamente a existente anexada ao fosso exterior e delimitador do povoado. A erosão posterior, natural e resultante da acção humana, terá quase certamente destruído esta realidade, aliás nunca detectada noutros contextos escavados em Portugal, como os povoados de Sta. Vitória, em Campo Maior (Dias, 1996), e do Torrão, em Elvas (Lago e Albergaria, no prelo). Se a lomba relacionada com o fosso exterior tivesse uma altura equivalente à profundidade do fosso aberto, poderíamos ter algo como oito metros entre a base do fosso e o topo da lomba. Se, por outro lado, vier a ser comprovado que a estrutura de que se detectou um derrube no Sector 5 se relacionava com uma muralha exterior ao fosso, ficaria atestada a existência de um sistema de muralha externamente delimitadora do povoado, a que se seguiriam um fosso e uma lomba. Apenas o alargamento da área escavada poderá clarificar este aspecto, já que podemos estar apenas perante uma estrutura relacionada com a entrada no povoado existente naquele local.

A criação sistemática de fossos ou de cercas interiores aos limites do povoado seria realizada em função da necessidade de criar limites e áreas cercadas com diferentes fins, hipoteticamente habitacionais, destinados a actividades específicas, para armazenagem ou recolha de gado.

Mas as razões que criaram a necessidade de empreender grandes obras no local, deverão ter sido múltiplas, originadas em diferentes períodos da vida do sítio, e corresponder a necessidades e interpretações geradas no âmbito das estruturas sociais e mentais.

A inserção espacial e territorial, a concepção arquitectónica incorporando noções de monumentalidade e geometria, e a interligação entre determinados elementos estruturantes e a área circundante, são sinais de uma gestão da identidade da comunidade. Independentemente das razões práticas e funcionais já referidas, a organização espacial do povoado parece, efectivamente, ter sido condicionada por um conjunto de elementos mais ou menos exteriores ao povoado, dos quais destacamos:

- 1) Recinto megalítico dos Perdígões. A relação do povoado com este recinto, situado a Nascente e a escassas dezenas de metros, parece-nos agora evidente, facto que tinha já sido constatado em escavação (Gomes, 1994). Os dados disponíveis sobre o recinto são escassos, mas a presença, então detectada, de uma estrutura relacionada com a implantação de um menir e datada do III milénio a.C., torna clara a vivência daquele espaço sagrado por parte dos

habitantes dos Perdigões, muito embora a sua edificação pudesse ter ocorrido anteriormente à fundação do habitat. Não estranhámos esta clara associação de um povoado a um recinto megalítico, já que, em Elvas, continua em escavação um povoado do Neolítico Final em que uma situação idêntica se encontra perfeitamente atestada (Albergaria e Lago, 1995), mas a localização do recinto poderia, no caso de uma fundação anterior ao povoado, estar também relacionada com as características essenciais do local, como a abundância de águas;

2) Monsaraz, Nascente e os limites visuais. Monsaraz está exactamente a nascente do centro do Povoado e do monumento funerário e, portanto, num ponto central entre solstício de Verão e de Inverno. Esta coincidência poderá ter reforçado algum significado mágico-religioso que, eventualmente, poderia ser atribuída à maior elevação da região, situada no limite do Vale e na proximidade do Guadiana;

3) Espaço funerário específico. Ficou confirmada a existência de uma necrópole inserida no seio dos limites espaciais do povoado. A sua localização pode ter sido especificamente seleccionada e demarcada por um alargamento do perímetro do fosso que criou uma espécie de bolsa, embora seja muito provável que monumentos funerários se implantem também para além desses limites. A sua localização a Este do centro do povoado não será, evidentemente, inocente: salientaria a importância desse ponto cardinal tão carregado de significados de carácter religioso; estabeleceria uma relação de proximidade com o recinto megalítico existente no exterior, também ele a Nascente e à semelhança do conhecido para outros povoados como La Pijottila e Valencina de La Concepción; por fim, poderia reforçar a carga mítica de um espaço que, para o exterior, poderia funcionar como um “território constrangedor” porque “território de antepassados” (Jorge, 1994). Concluindo, a localização do recinto e da necrópole, na base do povoado, junto ao vale e na sua entrada natural, pode fazer pensar numa sua relação com locais de passagem e acesso ao povoado.

A clara delimitação espacial criada no povoado pelas arquitecturas e a sua relação estruturante com outros elementos arquitectónicos e naturais, gera todo um cenário cultural, sendo necessário agora detectar os dispositivos, que no seio das comunidades, consubstanciaram a sua existência, valorização e percepção.

Os limites do povoado, ou seja o cercado que se impôs naquela área específica, geraram uma nítida barreira entre o espaço doméstico, incluindo os espaços nitidamente sagrados, e o espaço exterior. Esta concepção implicou certamente repercussões no ambiente social interno e externo, no Vale e para além dele.

### **A monumentalização e os camponeses do Sul. Os Perdigões e o povoamento no Vale da Ribeira do Álamo no entre os IV e III milénios**

A relativa compreensão que neste momento temos do Povoado dos Perdigões e a sua futura investigação vão permitir um avolumar de dados que estimularão novas leituras espaciais e temporais das culturas que, entre os IV e III milénios, floresceram na actual área de Reguengos de Monsaraz. As dificuldades de relacionamento entre dados de vários sítios e destes com a paisagem, enquanto um todo que evolui com o tempo, são evidentes e sentidas por outros investigadores (Gonçalves e Sousa, 1997).

As questões relativas à emergência dos povoados fortificados ou com estruturas arquitectónicas multifuncionais, em que se enquadram aspectos como a defesa, a delimitação de espaços ou a demarcação de domínios restritos, que se assumissem “como dispositivos comunica-

cionais ao serviço da territorialização e da identificação” (Jorge, 1994), têm conhecido alguns avanços ao nível do posicionamento relativo à sua leitura (Jorge, 1994; Valera, 1997). Vai-se tornando cada vez menos compreensível o enquadramento deste fenómeno numa corrente comum de carácter social que o abangesse e que nos surge, claramente, como transregional e de grande variedade morfológica e contextual.

Os Perdígões enquadram-se, em termos cronológicos, numa fase de grande dinamismo ao nível de arquitecturas domésticas que ocorreu, aparentemente, a partir de determinado momento da última metade do IV milénio a.C.

As características arquitectónicas, a estruturação com a paisagem imediata e envolvente ao território de Reguengos, a utensilagem registada, integrando em muita quantidade e variedade artefactos relacionados com a prática agrícola, e a grande quantidade de restos ósseos de fauna, quer de superfície quer de escavação, tornam evidente que se trata de um grande povoado de camponeses que, pelo menos a partir de determinado momento, utilizavam metais e dominavam as suas técnicas de fundição.

Em termos mágico-religiosos, continuar-se-ia a atribuir significado aos menires e, eventualmente a recintos por eles constituídos e manter-se-ia a deposição de mortos em monumentos tipo *Tholos*, ao mesmo tempo que, muito provavelmente, continuaria a construção e, sobretudo, a utilização e reutilização de antas, embora estas se fossem tornando, progressivamente, arquitecturas do passado.

A detecção no monumento dos Perdígões de um derrube, que sugere um diferenciado tipo de cobertura, pode-nos fazer questionar os dados conhecidos para outros monumentos. Efectivamente, o registo arqueológico disponível para monumentos classificados, no território português e no Sudoeste peninsular, como *Tholoi*, e, integrando portanto coberturas em falsa-cúpula, apresenta grandes lacunas no que respeita ao aspecto específico das coberturas. Em muitos casos não foram detectados quaisquer vestígios da sua presença, nem mesmo ao nível do seu derrube, facto sistematicamente encarado como resultante de destruições ou de reutilizações de matéria prima; a própria observação e registo específico, escrito, fotográfico e gráfico, foi, normalmente, lacunar ou completamente esquecida. Ou seja, os dados publicados, referindo-se quase integralmente a escavações realizadas antes dos anos setenta, são pobres em informação e, a partir de então, poucos foram os monumentos intervencionados e publicados. Entre estes destacam-se o *Tholos* da Eira dos Palheiros (Gonçalves, 1989), de que não existe referência do derrube da cobertura, o complexo funerário de Olival da Pega 2 (Gonçalves, 1995), de que ainda aguardamos a publicação monográfica para breve, e os monumentos de Valencina de La Concepción (Fernández Gómez [et al.], 1978) e La Pijotilla (Hurtado, 1991), cujas publicações pouco esclarecem a este respeito.

A relativa escassez no Alentejo destes monumentos tipo *Tholoi*, de que se destacam algumas concentrações relativas, como por exemplo em Ourique, deve resultar da sua menor visibilidade actual, sobretudo quando comparada com a das muitas antas. Antes de tudo, eram construções mais frágeis e ligeiras, dado que era o xisto a sua matéria prima preferencial; por outro lado, foram muitas vezes concebidas como arquitecturas semi-subterrâneas, no sentido de, em grande parte, a sua estrutura ser escavada, e quase sempre, pelo menos nos casos conhecidos, sobressair visualmente de forma inferior, do ponto de vista volumétrico à das antas. Acresce que a possibilidade de colapso e ruína eram também bastante superiores, dada a constituição com base em elementos múltiplos e relativamente ligeiros; esta característica dos materiais facilitava ainda a reutilização de matéria prima posteriormente à edificação.

Na área de Reguengos de Monsaraz, como em muitos outros territórios, estes monumentos estão mal representados em termos de quantidade, quanto a nós, por deficiências de aná-

lise espacial. O caso dos Perdigões bem como o dos outros três monumentos em falsa-cúpula publicados e referentes a esta área, confirmam a sua quase invisibilidade actual; aliás, a descoberta de todos eles ocorreu acidentalmente e por arrasto, em processos de investigação que não lhes diziam especificamente respeito.

O monumento dos Perdigões demonstra que, para além de terem sido construídos *tholoi* em associação a antas, inseridos nos seus *tumulus* e renovando temporalmente o espaço funerário sagrado, também foram construídos outros, isolados arquitectonicamente, embora tudo aponte para a sua integração numa vasta necrópole, agrupando num espaço concreto monumentos independentes.

No caso dos Perdigões a detecção de um diferenciado tipo de arquitectura enquadra-se na imagem de polimorfismo que existe para os monumentos tipo *Tholoi*. Mesmo pondo de lado a questão das coberturas da câmara, que face à escassez de dados nos pode levar a questionar a padronização construtiva sistematicamente aceite, não podemos esquecer a variedade de soluções que encontramos em monumentos da Estremadura portuguesa e espanhola, Alentejo, Algarve e Andaluzia e Sudeste espanhol.

A estrutura deste tipo de monumentos podia incluir, em síntese ou separadamente, construção diversificada de pedra, escavação na rocha, e integração de grandes ortóstatos, filiando a arquitectura em diversas tradições construtivas. A hipótese de ter ocorrido uma construção crescente e sistemática de *Tholoi*, paralelamente a um desgaste da tradição da arquitectura megalítica “pesada”, representada pelas grandes antas, pode significar que se foram enriquecendo e aperfeiçoando técnicas de construção.

Pensar num desinvestimento social nas arquitecturas funerárias, acompanhado de um decréscimo na construção de grandes antas, pode não significar uma menor importância atribuída à morte nem um decréscimo na sua ritualização. A consolidação do sistema agro-pastoril e a afirmação da presença e posse dos territórios, pode ter deslocado das arquitecturas funerárias para as arquitecturas “civis” a notoriedade espacial e o esforço de investimento laboral, ao mesmo tempo que as alterações em termos de mentalidade e de estruturação social que esses fenómenos envolveriam, devem ter sofrido acelerações. As velhas tradições vão-se alterando ao longo do tempo, talvez permanecendo no essencial. Estas circunstâncias poderiam explicar a relação de grandes povoados calcólicos, como são exemplos os Perdigões, La Pijotilla, Valencina de la Concepción ou Los Millares, com diversas soluções construtivas de carácter monumental, globalmente enquadráveis no âmbito das antas e, especialmente, das *Tholoi*.

As sociedades agrícolas, relativamente dispersas numa paisagem mais ampla e aberta, enquadra-se-iam em ciclos de itinerância que se terão começado a esbater. “Passa-se de um território amplo, fluido, a um território com fronteiras (reais e cognitivas) onde cada vez mais se estabelecem dicotomias entre interior/exterior, dentro/fora” (Jorge, 1994). Este tipo de processo, que parece ocorrer no Vale da Ribeira do Álamo tal como em muitas outras regiões peninsulares, não implica uma compartimentação das estratégias de povoamento num sistema de estratégias algo estanques e cronologicamente rígido (Gonçalves, 1989), sendo perfeitamente possível, que num mesmo cenário, convivessem povoados de diferentes tipologias, albergando gentes com diferenciadas estratégias de vida (Valera, 1997), com resultados mais ou menos diferentes no registo arqueológico. Recentemente e relativamente à região em estudo, foram esbatidas posições enquadradas naquele modelo mais esquemático, tendo-se avançado para uma visão mais abrangente do segundo tipo (Gonçalves e Sousa, 1997).

Os dados que já possuímos sobre o conjunto monumental dos Perdigões e a continuação da sua investigação, a par da que vier a ser realizada na restante região, poderão consolidar a



imagem, ainda demasiado esbatida e que prevalece, relativamente ao sistema de povoamento e às sociedades que exploraram o Vale. Não pensamos que se possa centrar a questão da génese dos grandes povoados cercados e dos monumentos tipo *Tholos* na chegada de populações metalurgistas; mais provavelmente, devemos associar a populações camponesas francamente sedentarizadas, cientes da sua hegemonia territorial e em que se foram produzindo progressivas transformações de mentalidade. O enraizamento regional terá caminhado, por certo, paralelamente a rápidos e regulares contactos com comunidades mais ou menos próximas. Tradições arquitectónicas, como as do megalitismo ou da construção de grandes estruturas escavadas ou erguidas em muros e muralhas, caminharam a par da troca de produtos. Desse “comércio”, e para além do das matérias primas, são evidentes as relações que a gente dos Perdígões estabeleceu com a de áreas longínquas; os objectos lá estão e, com eles, o seu significado.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Era-Arqueologia, Lda. Rua do Vale Formoso, 106-1º Esq. 1900 Lisboa
- <sup>2</sup> A história recente dos Perdígões tem algumas semelhanças com a ocorrida com o Povoado de La Pijotilla (Badajoz), embora o processo institucional de investigação posterior pareça mais feliz no caso português.
- <sup>3</sup> Os desenhos apresentados neste trabalho são da autoria de Sofia Macedo, Maria João Sousa, Fernanda Boto, Lucy Shaw Evangelista, Pedro Mendes e Pedro Oliveira.
- <sup>4</sup> Este texto inclui informação trabalhada a partir de dados obtidos no âmbito do trabalho, relativo à componente geológica e da responsabilidade de Susana Reis, realizado no projecto.
- <sup>5</sup> Para além das fotografias aéreas realizadas pelo IPPAR, no final de 1996, realizámos novos voos com o mesmo objectivo em finais de Fevereiro e em Agosto, tendo obtido dados complementares importantes relativamente ao sector Oeste do povoado, já para além dos limites deste trabalho e da propriedade da FINAGRA, mas que nos permitem dispor de uma imagem total da área do povoado. Ao Sr. Nuno Carvalho Branco Macedo, agradecemos a amabilidade e disponibilidade de nos ter possibilitado voar sobre o povoado.
- <sup>6</sup> A equipa da EDIA, que procedia a prospecções no âmbito de trabalhos relacionados com o Alqueva, confirmou-nos que as recolhas efectuadas incidiram sobretudo na área central do povoado, o que nos permitiu concluir que a nossa análise estava correcta. Ao Dr. António Carlos Silva e à sua equipa agradecemos a entrega do material então recolhido.
- <sup>7</sup> Estes elementos são complementados pela descrição e interpretação de cada um dos contextos (anexo 2) bem como pela documentação gráfica (planos e corte) e fotográfica.
- <sup>8</sup> Datação calibrada com o programa CALIB 3.0.
- <sup>9</sup> Idem.
- <sup>10</sup> Por decoração penteada entende-se o arrastamento contínuo (incisão), após impressão inicial na pasta mole, de uma matriz denteada (pente), originando um elemento básico composto por sulcos paralelos (tantos quantos os dentes da matriz), que poderá ser rectilíneo ou ondulado.
- Destingue-se da impressão a pente, quer na técnica utilizada quer nos elementos decorativos obtidos, apresentando, em algumas regiões, significados cronológicos distintos.
- <sup>11</sup> Pastilhas repuxadas são perturberâncias na parede exterior dos recipientes obtidas pelo empurrar da pasta pelo interior com um pequeno punção, ficando o interior da parede oco e sendo, na maioria dos casos, o buraco tapado na face interna com a aplicação de uma fina camada de argila. As pastilhas aplicadas são perturberâncias obtidas através de aplicação plástica sobre a parede exterior dos recipientes.
- <sup>12</sup> Os dados publicados relativos à zona de Reguengos indicam a existência de somente dois recipientes campaniformes, ambos sem decoração, o primeiro é proveniente da Anta 1 das Vidigueiras (Leisner e Leisner, 1985: Est.VII) e o segundo da Anta 1 de Vale Carneiro (Leisner e Leisner, 1985, Est.XII)
- <sup>13</sup> Convém sublinhar que o número estabelecido foi calculado a partir dos cacos recolhidos à superfície e durante a escavação, cujo bordo permite reconstituir a forma e o diâmetro da boca
- <sup>14</sup> Um dos grandes problemas na análise dos contextos arqueológicos calcólíticos consiste na simplificação do processo natural de formação dos depósitos e das estruturas arquitectónicas. Muitos investigadores concebem estratos ou camadas arqueológicas, que abrangem normalmente a totalidade da área do povoado, em função dos modelos interpretativos para a ocupação dos povoados. Esta situação dificulta obviamente a compreensão do processo de sedimentação, porque todas as unidades tafonómicas “desaparecem” no estrato neolítico final, no horizonte pré-campaniforme ou no camada campaniforme.
- <sup>15</sup> De referir, apenas a título de curiosidade, o facto da remontagem efectuada entre um núcleo de quartzo e uma lasca mostrar uma economia de exploração de seixos para o fabrico de lascas de uma forma expediente.
- <sup>16</sup> A técnica do micro-buril é das mais utilizadas na fracturação de suportes alongados com vista à posterior obtenção de geométricos.
- <sup>17</sup> Incluindo 2 peças esquiroladas

## BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M. (1982) - O povoado calcólítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular. *Arqueologia*. Porto. 6, p.48-64.
- ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcólítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) : síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p.51-61.
- BOSCH-GIMPERA, P. (1966) - Cultura megalítica portuguesa y culturas españolas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 76.
- BUBNER, T. (1979) Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo (Moura). *Ethnos*. Lisboa. 8, p.139-151.
- BUIKSTRA, J. ; UBELAKER, D. (1994) - *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Arkansas Archaeological Survey Research Series, 44, Fayetteville, Arkansas.
- BURGESS, C. [et al.] (1988) - *Enclosures and Defences in the Neolithic of Western Europe*. (BAR int. Series ; 403 (1)).

- CABRITA, M. G. ; SILVA, C. T. da (1966) - Novo motivo ornamental nas taças tipo "Palmela". *Lucerna*. Porto, 5, p. 461-464.
- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas — 1983-1988*. Oeiras : Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (1994) - Leceia 1983-1984. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras.
- CARDOSO, J. L. ; SOARES, J. ; SILVA, C. T. da (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-90.
- CARDOSO, J. L. [et al.] (1996) - O monumento pré-histórico da Tituaria, Moinho da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARDOSO, J. L. ; SOARES, A. M. M. (1990-1992) [1997] - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8/10. Lisboa. p.203-228.
- CARVALHO, A. F. (1996) - *O Neolítico antigo do Maciço Calcário Estremenho : tecnologia e tipologia da indústria de pedra lascada*. Dissertação de mestrado policopiada. Lisboa : Faculdade de Letras da Universidade.
- CARVALHO, A. F. (s.d.) - O talhe da pedra e a transição Neolítico Calcolítico no Centro e Sul de Portugal : tecnologia e aspectos da organização da produção. *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 3-4, no prelo.
- CARVALHOSA ; ZBYSZEWSKI, G. (1991) - *Folha 40-B Reguengos de Monsaraz e respectiva Notícia Explicativa, Carta Geológica de Portugal, escala 1/50000*, Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal.
- CASTILLO YURRITA, A. del (1928) - *La cultura del vaso campaniforme : Su origen y extensión en Europa*. Barcelona.
- CORNELIUS, K. (1977) - *Manual of Mineralogy*. Singapore : John Wiley & Sons.
- DIAS, A. C. (1996) - *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de mestrado policopiada. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DINIZ, M. (1994) - Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. vol. 34:3-4 [Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, IV]. Porto : Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p.134-146.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1990) - *El Calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los poblados*. Badajoz : Editora Regional de Extremadura.
- FERREIRA, O. da V. (1966) - *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal (Memória dos Serviços Geológicos de Portugal. Nova série ; 12).
- FERREIRA, O. da V. ; LEITÃO, M. (s.d.) - *Portugal Pré-histórico : seu enquadramento no Mediterrâneo*. 2.ª ed., Mem Martins : Publicações Europa-América. (Col. Biblioteca Universitária ; 21).
- FERREIRA, O. da V., ZBYSZEWSKI, G. (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59.
- GOMES, M. V. (1991) - Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Alman-sor*. Montemor-o-Novo. 9, p.17-74.
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português — trabalhos recentes e estado da questão, *Actas do seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu, p. 317-342.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-1983) - Monumento Pré-Histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*. Sintra. 1-2, p. 29-57.
- GONÇALVES, V. S. (1987) - O povoado pré-histórico da Sala n.º1 (Pedrogão, Vidigueira) : notas sobre a campanha 1(88). *Portugalia*. Porto. Nova série. 3, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 9-10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no alto Algarve oriental*. Lisboa : INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1990/91) - Tesp.3: o povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz), *Portugalia*, Nova série, 11-12, Porto, p. 51-72.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Revedo as antas de Reguengos de Monsaraz* (Cadernos da UNIARQ ; 2). Lisboa : INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1994) - A primeira metade do III milénio no centro/sul de Portugal. Algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, IV*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 34:3-4. Porto : SPAE, Porto, p. 117-131.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - Algumas breves considerações sobre as chamadas taças carenadas e a primeira metade do III milénio em Portugal. *Sítios, "Horizontes" e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais : Câmara Municipal, p. 71-107.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os IV e III milénios. *Ophiussa*. Lisboa. 1.
- GONÇALVES, V. S. ; SOUSA, A. C. (1997) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do Megalitismo no Ocidente Peninsular. In *Actas do Colóquio Internacional "O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo"*. Santiago de Compostela, p. 609-634.
- GONZÁLEZ CORDERO, A. (1993) - Evolución, yacimientos y secuencia en la Edad del Cobre en la Alta Extremadura. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, II*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 33:3-4, Porto : SPAE, p. 239-256.
- HARRISON, R. J. (1977) - *The bell beaker cultures of Spain and Portugal* (American School of Prehistoric Research ; 35), Cambridge : Harvard University.
- HARRISON, R. J. (1980) - *The beaker folk, Copper Age archaeology in Western Europe*. London : Thames and Hudson.

- HURTADO, V. (1986) - El Calcolítico en la cuenca media del Guadiana y la Necrópole de La Pijotilla. *Revista de Arqueología*. Porto. 14, p. 83-103.
- HURTADO PÉREZ, V. (1995) - Informe de las Excavaciones de Urgencia en «La Pijotilla». Campaña de 1990. *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 2, p.45-67.
- HURTADO PÉREZ, V. (1995) - Interpretación sobre la dinámica cultural en la cuenca media del Guadiana (IV-II milenios A.N.E.). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 5, p.53-80.
- HURTADO PÉREZ, V. ; AMORES, F. - Relaciones culturales entre el Sudoeste Frances y La Pijotilla (Badajoz) en el Calcolítico. *Habis*, 13, p.189-209.
- JORGE, V. O. (1986) - Em torno de alguns problemas do megalitismo europeu. In *Projectar o Passado: ensaios sobre arqueologia e pré-história*, Lisboa : Presença, p. 227-240.
- JORGE, S. O. (1986) - *Povoados da Pré-História recente (III inícios do II milénio a.C.) da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto : Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- JORGE, S. O. (1990) - Desenvolvimento da Hierarquização Social e da Metalurgia. In ALARCÃO, J. de - *Nova História de Portugal, Portugal das Origens à Romanização*. vol.1. Lisboa : Presença, p. 163-212.
- JORGE, S. O. (no prelo) - Castelo Velho de Freixo de Numão (V.ª N.ª de Foz Côa): hipóteses interpretativas. Comunicação apresentada ao Colóquio “A Pré-História na Beira Interior”, 1997, Tondela.
- JUAN-CABANNILES, J. (1990) - A propòsit d'un punyal de retoc en peladures i sílex polit de la Cova del Barranc de l'Infern (Gandia, València). *Archivo de Prehistoria Levantina*. València. 20, p. 201-222.
- KUNST, M. (1987) - *Zambujal. Glockenbecher und kerblattverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz : Philipp von Zabern (Madrider Beiträge ; 5, 2).
- KUNST, M. (1996) As cerâmicas decoradas do Zambujal e o povoamento do calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6.
- LAGO, M. ; ALBERGARIA, J. (1995) - Cromleque do Torrão (Elvas): identificação. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 53-60.
- LAGO, M. ; ALBERGARIA, J. (no prelo) - Cabeço do Torrão (Elvas): contextos megalíticos. Comunicação apresentada no 2º *Simpósio Transformação e Mudança: tempo, construção do espaço e paisagem*, Cascais, 1995.
- LEISNER, G. ; LEISNER, V. (1955) - *Antas das Herdades da Casa de Bragança do concelho de Estremoz*. Lisboa, p. 43-76.
- LEISNER, V. ; FERREIRA, O. da V. (1961) - Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 300-337.
- LEISNER, G. ; V. LEISNER (1965) - *Die Megalithgräber der Iberschen Halbinsel*. Walter de Gruyter ; Co., Berlin, segunda edição.
- LEISNER, G. ; LEISNER, V. (1985) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa : INIC (Estudos e Memórias ; 1).
- LEISNER, V. ; PAÇO, A. ; RIBEIRO, L. (1964) - *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa, s.ed.
- LEISNER, V. ; ZBYSZEWSKI, G. ; FERREIRA, O. da V. (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal (Memórias ; 16).
- LÓPEZ PLAZA, E. M. S. (1978) - *Comienzos del eneolítico protourbano en el S.O. de la Meseta Norte*. Tese policopiada.
- LYMAN, R. L. (1994) - *Vertebrate Taphonomy*. Cambridge : University Press.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1985) - Papa Uvas I, Aljaraque, Huelva. Campañas de 1976 a 1979, EAE, Madrid.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1986) - Papa Uvas II, Aljaraque, Huelva. Campañas de 1981 a 1983, EAE, Madrid.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1986a) - Aproximación a la secuencia de habitat en Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *Homenaje a Luis Siret*, p. 227-242.
- MOOREES, C. F. A. ; FANNING, E. A. ; HUNT, E. E. (1963) - Age formation by stages for ten permanent teeth. *Journal of Dental Research*. 42, p. 1490-1502.
- OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos megalíticos da bacia do rio Sever*, Câmara Municipal de Marvão.
- PAÇO, A. (1942) - A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. *Brotéria*. Lisboa. 34, fasc.6.
- PARREIRA, R. (1983) - O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 1, p. 149-168.
- PELEGRIN, J. (1984) - Débitage par pression sur sílex: nouvelles expérimentations. In *Préhistoire de la pierre taillée. 2. Économie du débitage laminaire: technologie et expérimentation*. Paris: Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques, p. 117-128.
- PÉREZ MACIAS, J. A. (1994) - El yacimiento calcolítico de Cerro del Brueco In *Arqueología en el torno del Bajo Guadiana*, Huelva, p. 119-148.
- RAMOS, C. ; MARTINS, A. ; MURALHA, J. ; ESTORNINHO, A. (1993) - O castelo de Aljustrel, Campanhas de 1989 e 1992. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 11-41.
- RODRÍGUEZ CASAL, A. A. (1986) - *Los monumentos megalíticos de falsa cupula en la fachada atlántica europea*. Santiago de Compostela : Universidad.
- RUIZ MATA, D. (1975) - Cerâmicas del Bronce del poblado de Valencina de la Concepción (Sevilla): los platos. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 2.
- RUIZ MATA, D. (1975) - Cerâmicas del Bronce del poblado de Valencina de la Concepción (Sevilla). *Madrider Mitteilungen*. 16.
- RUIZ MATA, D. (1994) - La secuencia prehistórica reciente de la zona occidental gaditana, según las recientes investigaciones. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*, Huelva, p. 279-328.

- RUIZ RODRÍGUEZ, A. ; NOCETE CALVO, F. ; SANCHEZ RUIZ, M. (1986) - La Edad del Cobre y la argarización en tierras giennenses. In *Homenaje a Luis Siret*, p. 271-285.
- SANTOS, M. F. (1967) - A necrópole de tipo 'tholos' de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, série 3, 1, p. 107-113.
- SANTOS, M. F. dos ; SOARES, J. ; SILVA, C. T. da (1972) - Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão-Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. sér.3, 6, p. 163-192.
- SANTOS, M. F. dos (1982) - Antropologia pré-histórica em Portugal. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. 2.ª série, 27, p. 131-158.
- SAVORY, H. N. (s.d.) - *Espanha e Portugal*. Lisboa : Verbo (Coleção Historia Mundi).
- SCHÜLE, W. (1980) - *Orce und Galera. Zwei Siedlungen aus dem 3 bis 1. Jahrtausend v. chr. im Sudosten der iberischen Halbinsel*. Mainz : Philipp von Zabern.
- SERRÃO, E. da C. (1983) - A estação pré-histórica da Parede. Documentos inéditos sobre a estratigrafia e estruturas (campanha de 1956). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 1, p. 119-149.
- SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO (1989) - Folha 473 Reguengos de Monsaraz, escala 1/25 00. Lisboa.
- SILVA, C.T. da (no prelo) - Comunicação apresentada no Simpósio "Transformação e Mudança", Cascais, 1993.
- SILVA, C.T. da ; SOARES, J. (1976-1977) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2, p. 179-272.
- SILVA, C.T. da ; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da área de Sines*. Lisboa : Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I — escavações arqueológicas de 1982-86 (Resultados Preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SILVA, H. (1996) - *Os Materiais Geológicos e o Betão. Aspectos Particulares da Alteração em Portugal Continental*. Lisboa : Laboratório Nacional de Engenharia Civil ICT/Informação Técnica/ Barragens/ITB 17.
- SOARES, A. M. (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 291-314.
- SOARES, A. M. M. ; ARAÚJO, M. F. ; CABRAL, J. M. P. (1985) - O Castelo Velho de Safara: vestígios da prática de metalurgia. *Arqueologia*. Porto. 9, p. 87-94.
- SOARES, A. M. ; CABRAL, J.P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33:3-4, Porto, SPAE, p. 217-226.
- SOARES, J. ; BARBIERI, N. ; SILVA, C. T. da (1972) - Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo- Palmela). *Arqueologia e História*. 9ª série, 3, Lisboa : Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 235-269.
- SOARES, J. ; SILVA, CARLOS T. da (1974/1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o calcolítico da região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.
- SOARES, J. ; SILVA, CARLOS T. da (1976/1977) - Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo-Sines), *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 163-177.
- SOARES, J. ; SILVA, CARLOS T. da (1977) - O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7-9, Lisboa, p.101-112.
- SOARES, J. ; SILVA, C. T. da (1976-1977) - Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo-Sines), *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal, p. 163-177.
- SOARES, J. ; SILVA, C. T. da (1977) - O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7-9, p. 101-112.
- SOARES, J. ; SILVA, C.T. da (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- STEELE, G. ; C. BRAMBLETT (1988) - *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*. Texas University Press.
- TEIXEIRA, C. (1981) - *Geologia de Portugal, Vol. I — Precâmbrico, Paleozóico*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- VAL RECIO, J. (1983) - *El Calcolítico precampaniforme en el Occidente de la Meseta. El Yacimiento: Las Pozas (Zamora)*. Memoria de licenciatura apresentada à Universidade de Valladolid, policopiada.
- VALERA, A. C. (1997) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da bacia interior do Mondego*. Fornos de Algodres : Câmara Municipal (Textos Monográficos ; 1).
- VALERA, A. C. (1997) - Fraga da Pena (Sobral Pichorro, Fornos de Algodres): uma primeira caracterização no contexto da rede local de povoamento. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5.
- VALERA, A. C. (no prelo) - A neolitização da bacia interior do Mondego, comunicação apresentada ao Colóquio "A Pré-História na Beira Interior", 1997, Tondela.
- VIANA, A. ; ANDRADE, R. F. de ; FERREIRA, O. da V. (1961) - O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.
- WHITE, T. (1991) - *Prehistoric Cannibalism at Mancos MTUMR-2346*. Princeton University Press.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*, IPAAR, Lisboa (Trabalhos de Arqueologia ; 6).
- ZILHÃO, J. (1995) - *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiada.